



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED

DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA

**SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO
CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP**

MACAPÁ-AP

2025

DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA

**SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO
CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

Orientadora: Profa. Dra. Eugénia da Luz Silva Foster

MACAPÁ-AP

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

- S586s Silva, Delcirene Videira da.
Saberes culturais e o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho - AP / Delcirene Videira da Silva. - Macapá, 2025.
1 recurso eletrônico.
208 f.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Educação, Macapá, 2025.
Orientadora: Eugénia da Luz Silva Foster.
Coorientador: .
- Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
1. Saberes Culturais. 2. Centro Cultural. 3. Educação. 4. Criança. 5. Mazagão Velho. I. Foster, Eugénia da Luz Silva, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá . III. Título.

CDD 23. ed. – 394.6

SILVA, Delcirene Videira da Silva. **Saberes culturais e o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho - AP**. Orientadora: Eugénia da Luz Silva Foster. 2025. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2025.

DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA

**SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO
CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Aprovado em _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eugénia da Luz Silva Foster - PPGED/UNIFAP
Doutora em Educação - UFF
Orientadora

Prof. Dr. Elivaldo Serrão Custódio – PROFMAT/UNIFAP
Doutor em Teologia - Faculdade EST
Titular Externo

Profa. Dra. Eliana do Socorro de Brito Paixão - PPGED/UNIFAP
Doutora em Educação UFU
Titular Interno

Profa. Dra. Ângela do Céu Ubaiera Brito – PPGED/UNIFAP
Doutora em Educação - USP
Suplente Interno

Profa. Dra. Simone Garcia Almeida – PROFHISTÓRIA/UNIFAP
Doutora em História Econômica - USP
Suplente Externo

A minha querida mãe Maria da Conceição Videira (*in memoriam*), minha eterna Concita!

Ao meu pai José Batista da Silva, incentivador de minha conquista.

Aos meus filhos Anna Clara, Aurelio Henrique e Artur Ebarim, que me deram apoio e ajudaram na organização da casa enquanto eu desenvolvia este estudo.

Às minhas irmãs, que entenderam meu isolamento criativo.

Ao meu sobrinho Darley Silveira, que sempre deu aquela força quando eu preciso em casa.

Aos que sempre estiveram comigo dando suporte e apoiando meus estudos.

Vocês foram fundamentais para o meu sucesso, amo todos vocês, família!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado saúde e força nesta trajetória tão árdua que é a construção de uma pesquisa científica.

À minha mãe, Maria da Conceição (*in memoriam*), que tinha orgulho da filha Professora. Sempre esteve ao meu lado cuidando de mim e dos meus filhos, me dando forças e torcendo por mim. Guardo em meu coração os momentos em que pude ver no seu rosto a felicidade com as minhas conquistas profissionais.

Ao meu querido pai, José Batista da Silva, mazaganense forte, que sempre esteve envolvido com as festividades Nossa Senhora da Piedade e Senhora da Luz. Um dos mantenedores da Cultura de Mazagão Velho. Um grande pai que nunca deixou faltar o sustento dos filhos e netos. Tudo é fruto de seu trabalho árduo ao lado de minha mãe, nunca me faltou motivação para estudar.

Aos meus queridos filhos e filha, Anna Clara, Aurélio Henrique e Artur Ebraim, meus três amores, com vocês aprendi o que é “amor”. Obrigada por entenderem minhas ausências, mesmo às vezes estando ao lado de vocês. Agradeço o apoio e ajuda durante todo esse percurso. Que eu sempre seja motivo de seu orgulho.

Às minhas irmãs Doralice, Maria Raimunda e Darlene, que comemoraram junto comigo cada etapa do processo seletivo, sempre com um bolinho. Obrigada pelo carinho de vocês, amadas.

À minha cunhada Joaquina, você foi fundamental no início dos estudos, cuidou de meus filhos e da minha cadelinha Mel. Sou muito grata a você, cunhada querida!

À minha querida orientadora Professora Dra. Eugénia da Luz Silva Foster, pela paciência, inteligência, e por dizer as palavras certas nos momentos certos. Obrigada por estar sempre disposta a contribuir com o meu crescimento intelectual e pessoal!

Ao Professor Dr. Elivaldo Serrão Custódio, por me auxiliar e por suas contribuições tão valiosas para a estruturação de meu projeto de dissertação.

Às minhas colegas de caminhada, em especial as amigas (Ediléa, Raisa, Carina e Cirlene), pelo apoio, incentivo e parceria.

À minha irmã de orientação, Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues, pela amizade que construímos neste percurso e pela partilha de conhecimentos na construção deste texto da dissertação. Obrigada, minha amiga!

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), que nos auxiliaram durante as etapas de estudos, mantendo-nos informados das normativas do

programa, e pelos eventos sociais que o programa disponibilizou aos estudantes e professores. Foram momentos incríveis.

Aos professores que ministraram as disciplinas no programa, meus agradecimentos pelas contribuições, com as referências de estudos e tudo que foi debatido durante as aulas. Auxiliaram bastante na construção do projeto de pesquisa.

Ao Coordenador do Centro, Sr. Jozué Videira, muitíssimo obrigada pelas suas contribuições com minha pesquisa e pelo seu trabalho com a cultura de Mazagão Velho.

Aos pais das crianças participantes, obrigada pela autorização e confiança em deixar seus filhos participarem do meu estudo.

Às crianças protagonistas participantes da minha pesquisa, agradeço de coração o tanto que aprendi com vocês a valorizar nossa cultura, nossas manifestações culturais da nossa comunidade. Agradeço por aceitarem participar das oficinas e das rodas de conversa, vocês foram preciosas no meu estudo.

A todos, o meu muito obrigada!

“Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados”.

(Munanga, 2019, p. 13)

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo os saberes culturais e o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP. Como ponto de partida, é realizada uma discussão sobre a importância do Centro Cultural Raízes do Marabaixo no processo de pertencimento das crianças que participam das ações culturais no espaço de cultura em Mazagão Velho. Para tanto, o problema de pesquisa buscou responder: como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas pelo Centro Cultural Raízes do Marabaixo, como vêm se constituindo protagonistas na preservação e fortalecimento da cultura, e como isso vai reconstruindo e fortalecendo sua identidade negra mazaganense? A pesquisa objetivou analisar o protagonismo das crianças envolvidas nas atividades do Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da identidade negra local. Defende-se a ideia de que o Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP contribui para manter viva a história, os saberes e fazeres culturais a partir das atividades desenvolvidas com as crianças, e que o diálogo com a escola ajuda no fortalecimento da identidade cultural da comunidade. Contudo, evidenciou-se que, em certos momentos, a formação das crianças no Centro cultural afasta-se dos ideais da escola. A pesquisa desenvolveu-se a partir do referencial teórico e metodológico fundamentados na matriz crítica e sócio-histórica, baseado em Videira (2010), Maldonado Torres (2022), Foster (2016), Freire (2015), Brandão (1984), Munanga (2019), Boyer (2008), Videira e Vasconcelos (2020), Pinheiro (2023), Milanesi (1997), Ramos (2007), Silva (1905), Gomes (2003), Loureiro (1995), Hall (2019), Minayo (1994), Bauer e Gaskell (2008), dentre outros. A metodologia fundamenta-se na abordagem qualitativa, com método de estudo de caso. As técnicas de pesquisa foram realizadas por meio de observação participante da pesquisadora sobre o processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento das oficinas no centro e na escola, registro fotográfico, realização de entrevista semiestruturada com o coordenador do CCRM, depoimento e rodas de conversa com as crianças submetidas à luz da análise de conteúdo em Bardin (2015). As observações durante as oficinas permitiram constatar a importância do espaço de cultura para a população negra mazaganense. A cultura de Mazagão Velho remete à importância da história do povo amapaense com legado cultural de origem africana, repassado de geração em geração por meio da oralidade dos moradores, para a manutenção da identidade negra. Todavia, as atividades desenvolvidas no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP apresentam fragilidades de ordem: administrativa (gestão), sendo que o Centro atualmente encontra-se fechado, sem gestores; e estrutural (espaço), devido ao local estar fechado e abandonado; além de apresentar enfraquecimento de suas ações educativas, pois a escola não dialoga com o Centro. Logo, as atividades são realizadas de forma isolada, cada instituição desenvolve seu trabalho separadamente. Estas questões constituem-se em grande desafio para as instituições envolvidas em relação à superação das adversidades em prol da preservação cultural e da construção identitária das crianças de Mazagão Velho.

Palavras-chave: Saberes Culturais. Centro Cultural. Educação. Criança. Mazagão Velho.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the cultural knowledge and leadership of children at the Raízes do Marabaixo Cultural Center in the city of Mazagão Velho, Amapá (AP), Brazil. As a starting point, I discuss the importance of the Raízes do Marabaixo Cultural Center in the process of belonging for children who participate in cultural activities at the cultural space in Mazagão Velho. The objective of the research was to analyze the role of children in the activities of the Raízes do Marabaixo Cultural Center in Mazagão Velho, Amapá, Brazil. The center's activities are focused on preserving historical knowledge, cultural practices, and local Black identity. Therefore, the research question sought to answer whether children are involved in the activities organized by the Raízes do Marabaixo Cultural Center and how this rebuilds and strengthens their Black identity. I defend the idea that the Raízes do Marabaixo Cultural Center in Mazagão Velho contributes to keeping history, knowledge, and cultural practices alive through the activities developed with children. I also believe that dialogue with the school helps to strengthen the cultural identity of the community. However, it became evident that, at certain times, the education of children at the cultural center deviates from the school's educational principles. The research was developed based on a theoretical and methodological framework grounded in critical and socio-historical analysis, based on Videira (2010), Maldonado Torres (2022), Foster (2016), Freire (2015), Brandão (1984), Munanga (2019), Boyer (2008), Videira and Vasconcelos (2020), Pinheiro (2023), Milanesi (1997), Ramos (2007), Silva (1905), Gomes (2003), Loureiro (1995), Hall (2019), Minayo (1994), Bauer and Gaskell (2008) and others. The methodology is based on a qualitative approach, using a case study method. The research techniques were implemented through the researcher's participant observation of the teaching and learning process in the development of the workshops at the center and at the school, photographic recording, semi-structured interviews with the CCRM coordinator, testimonials, and dialogue circles with the children, analyzed through Bardin's (2015) content analysis framework. Through workshop observations, I noted the significance of the cultural space for Mazagão's Black community. The culture of Mazagão Velho reflects the significance of the Amapá people's history, with its African-origin cultural legacy passed down through generations via oral traditions, sustaining Black identity. However, it should be noted that the activities carried out at the Raízes do Marabaixo Cultural Center in Mazagão Velho have shortcomings in terms of administration and management. Currently, the center is closed and without managers, which compromises the continuity of its operations. In terms of physical infrastructure, the space is affected by deterioration and neglect, which impacts the center's ability to carry out its educational functions effectively. In addition, the lack of communication between the school and the center prevents effective collaboration, resulting in isolated activities and a lack of synergy between the institutions. These issues pose a major challenge for the institutions involved, which must overcome adversity in order to preserve culture and build the identity of the children of Mazagão Velho.

Keywords: Cultural Knowledge. Cultural Center. Education. Children. Mazagão Velho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visita do Rio Pandeiro no Centro Cultural Raízes do Marabaixo	44
Figura 2 - Localização do município de Mazagão	47
Figura 3 - Vista aérea do Distrito de Mazagão Velho-AP.....	49
Figura 4 - Praça São Tiago em Mazagão Velho	50
Figura 5 – Fachada e galerias da Casa de Cultura Municipal Dona Oldacina	53
Figura 6 - Elivaldo Soares produção de Máscaras	55
Figura 7 - Exposição de máscaras dos artesãos Jozué Videira e Pedro Monteiro.....	56
Figura 8 - Artesão prof. Antônio José Pinto, produção de colares com tambor de Marabaixo	56
Figura 9 - Produção da bacaba Senhor Jucélio Silveira	57
Figura 10 - Loja Associação Maracá e Cunani em Argila	58
Figura 11 - “Crochê Belas Artes” Zilma e Mayara	59
Figura 12 - Procissão de São Tiago no dia 25 de julho	60
Figura 13 - Coroação da Imperatriz na Festa do Divino	61
Figura 14 - Passagem do Marabaixo pelas Rua de Mazagão Velho	62
Figura 15 - Salão de eventos e objetos das oficinas do CCRM de Mazagão Velho	63
Figura 16 - Fachada da EMEF Profª Agostinha Maria da Silva Penha.....	65
Figura 17 - Faixa com tema desfile da EMEF Profª Agostinha Maria da Silva Penha	67
Figura 18 - Oficina de musicalidade com uso do violão	69
Figura 19 - Oficina de percussão de Marabaixo no CCRM	70
Figura 20 - Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho [1].....	71
Figura 21 - Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho [2].....	72
Figura 22 - Fachada do Centro Cultural Raízes do Marabaixo	80
Figura 23 - Localização da área de estudo CCRM.....	81
Figura 24 - Frente da EMEF Profª. Agostinha da Silva Penha.....	82
Figura 25 - Sala de Projetos Culturais da escola Agostinha Maria	83
Figura 26 - Percussão de marabaixo no encontro do grupo RMI/ grupo Rio Pandeiro-RJ.....	98
Figura 27 - Apresentação das crianças no Centro Cultural Raízes do marabaixo.....	99
Figura 28 - Apresentação do grupo de percussão Rio Pandeiro.....	100
Figura 29 - Demonstração de produção de instrumentos de percussão caixas de Marabaixo e Batuque.....	101
Figura 30 - Torração do cacau para a festa do Divino.....	102
Figura 31 - Processamento do cacau no pilão	103

Figura 32 - Oficina de torração de cacau - Refinamento do cacau na pedra.....	104
Figura 33 - Refinamento do cacau na pedra pelas mãos de crianças	105
Figura 34 - Preparação do cacau (chocolate caseiro) pela cozinheira Sra. Lindacy	106
Figura 35 - Fabricação de Bejucica no Centro Cultural Raízes do Marabaixo	107
Figura 36 - Produção de bejucica e cozimento no forno	107
Figura 37 - Manipulação da argila e modelagem de máscaras pelas crianças	115
Figura 38 - Pintura das máscaras.....	115
Figura 39 - Produção das crianças na oficina	117
Figura 40 - Roda de percussão e canto de marabaixo pelas crianças	118
Figura 41 - Toque da caixa na oficina de percussão de Marabaixo	119
Figura 42 - Produção de ladrões de marabaixo	120
Figura 43 - Ensaio dos ladrões de marabaixo.....	120
Figura 44 - 1ª Roda de Contação de História sobre Mazagão Velho	123
Figura 45 - Roda de percussão marabaixo e batuque	125
Figura 46 - Contato com revistas e imagens sobre Mazagão Velho	126
Figura 47 - Desenho da igreja N.S. da Assunção de Mazagão Velho feito por uma participante em 2024	127
Figura 48 - Fotografia registrada 2ª roda de conversa/produção desenho infantil	128
Figura 49 - Fotografia retratada/desenho livre infantil.....	129
Figura 50 - Painel de fotografias: saberes culturais de Mazagão Velho	130
Figura 51 - Momento em que as crianças olhavam as imagens e as informações sobre o CCRM.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções encontradas no banco de dados/CAPES e Google Acadêmico	21
Quadro 2 - Calendário Festivo/Cultural de Mazagão Velho-AP.....	51
Quadro 3 - Apresentação das crianças protagonistas/participantes.....	85
Quadro 4 - Quadro do perfil sócio-histórico das crianças protagonistas participantes	88
Quadro 5 - Relação entre objetivos, pergunta e categorias de análise	91
Quadro 6 - Agendamento das Ações Pedagógica com as crianças na escola.....	110
Quadro 7 - Quadro demonstrativo das oficinas dos saberes com as crianças mazaganenses	111
Quadro 8 - Perfil do Coordenador do Centro	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CCRM – Centro Cultural Raízes do Marabaixo
GRMI – Grupo Raízes do Marabaixo Infantil
CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra
CNS – Conselho Nacional de Saúde
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
ENF – Educação Não Formal
IBGE – Instituto de Geografia e Estatística
MCMZ – Matriz Curricular de Mazagão
MCP – Movimento de Cultura Popular
NEER – Núcleo de Educação Étnico-Racial
PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação
RCA – Referencial Curricular do Amapá
SEED – Secretaria de Estado de Educação do Amapá
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SABERES CULTURAIS E ASPECTOS HISTÓRICO DO CENTRO CULTURAL EM MAZAGÃO VELHO	31
1.1 Contextualização do Processo Histórico do Centro Cultural no Brasil	31
1.2 Aspectos Históricos dos Centros de Cultura Negra no Brasil	33
1.3 Educação e Cultura Popular no Brasil Acontecendo nos Espaços não Escolares, influenciadas pelos Movimentos de Cultura Popular	35
1.4 A Educação Popular Negra Acontecendo no Espaço não Escolar	39
1.5 Educação Antirracista no contexto amapaense	39
<i>1.5.1 Contexto Histórico do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho.....</i>	<i>46</i>
<i>1.5.2 Apresentação do Município de Mazagão-AP.....</i>	<i>47</i>
<i>1.5.3 Conhecendo a Comunidade de Mazagão Velho.....</i>	<i>48</i>
<i>1.5.4 Saberes Culturais de Mazagão Velho e a cultura popular</i>	<i>53</i>
<i>1.5.5 Apresentação do Centro Cultural Raízes do Marabaixo e Escola Agostinha Maria na Comunidade de Mazagão Velho.....</i>	<i>62</i>
<i>1.5.6 A Educação e a Cultura Popular no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho, Espaço não Escolar.....</i>	<i>67</i>
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	74
2.1 Método da Pesquisa: Estudo de Caso em abordagem Qualitativa	74
2.2 Os instrumentos de coleta de dados: rodas de conversas, entrevista semiestruturadas, observação participante, registros fotográficos e depoimentos.....	75
2.3 Caracterização do lócus da pesquisa	79
2.4 Participantes da pesquisa, critérios de inclusão e exclusão	83
2.5 Perfil Sócio-Histórico e Cultural das Crianças Participantes	87
2.6 Tratamento e análise dos dados	90
2.7 Aspectos éticos, riscos e benefícios da pesquisa	92
3 AS PRÁTICAS E AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO COM AS CRIANÇAS DE MAZAGÃO VELHO-AP.....	94
3.1 Ciência e Conhecimentos Científico e Senso Comum, na visão de Boaventura.	94
3.2 Compreensão sobre Práticas e Ações Educativas Culturais	96
3.3 Um olhar sobre os saberes e vivências no Centro Cultural Raízes do Marabaixo	97
<i>3.3.1 Visitação do Grupo Rio Pandeiro/RJ no Centro.....</i>	<i>98</i>

3.3.2 <i>Torração do Cacau</i>	101
3.3.3 <i>Produção de Bejucica</i>	106
3.4 Proposta Pedagógica de oficinas do Centro Cultural Raízes do Marabaixo para a escola Agostinha Maria	108
4 O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO E NA ESCOLA AGOSTINHA MARIA: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIA E IDENTIDADE NEGRA	114
4.1 Os Saberes nas Expressões de Pertencimento das Crianças em Forma de Desenho, e Produções de Ladrões de Marabaixo: o olhar sobre os Saberes Culturais de Mazagão Velho	122
4.2 Primeira roda de conversa: o contar da história de Mazagão Velho, em música de marabaixo.....	122
4.3 Segunda roda de conversa: desenho de livre expressão	125
4.4 Terceira roda de conversa: um olhar sobre os saberes culturais de Mazagão Velho	129
4.5 Participação do Coordenador do CCRM.....	135
4.6 Os desafios do centro no compromisso com os saberes culturais de Mazagão Velho	135
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICES	165
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	166
APÊNDICE B - Termo de Assentimento para Criança e Adolescente.....	168
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis Legais	171
APÊNDICE D - Termo de Autorização de uso de imagem, voz e som.....	173
APÊNDICE E - Perfil Sócio-histórico da Criança	174
APÊNDICE F - Roteiro para Roda de Conversa com as crianças	175
APÊNDICE G - Roteiro para Entrevista com o Coordenador	177
APÊNDICE H - Termo de Anuência para a Escola	178
APÊNDICE I - Termos de Anuência da Comunidade – CCRM	179
ANEXOS.....	201
ANEXO A - Parecer de Autorização do Comitê de Ética.....	202

INTRODUÇÃO

A cultura, em suas diversas expressões, desempenha um papel crucial na construção das identidades e no progresso humano. Neste amplo universo, a infância emerge como uma fase ideal e privilegiada para absorção e reinterpretação dos conhecimentos ancestrais. As crianças, com sua curiosidade e criatividade, não são apenas receptores, mas protagonistas ativas na manutenção da cultura. É como afirma Pinheiro (2023, p. 107), em sua pesquisa relacionada à construção da identidade cultural das crianças mazaganenses: no Centro Cultural Raízes do Marabaixo (CCRM), “as crianças aprendem sobre a história e cultura da identidade de Mazagão Velho por meio de atividades lúdicas referentes às festividades culturais/religiosas próprias da comunidade”. De acordo com Videira, Custodio e Silva (2019, p. 04),

[...] o contexto histórico de Mazagão Velho remete à relevância histórica do povo amapaense, ainda pouco estudada nas esferas do ensino público. Podemos citar como exemplo todo o legado cultural de origem africana e portuguesa que venceu as barreiras do tempo e perdura nos dias atuais como uma espécie de “registro vivo” de um riquíssimo patrimônio cultural Mazaganense que é repassado de geração em geração por meio da oralidade dos mantenedores/as dessa cultura ancestral.

Nesse sentido, a cultura de Mazagão Velho destaca a relevância da história do povo amapaense, que possui um legado cultural de origem africana, transmitido oralmente entre as gerações, contribuindo para a preservação da identidade negra.

Assim, a discussão tratada nesta dissertação de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), intitulada “Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP”, evidencia o CCRM e as crianças, uma vez que os saberes são mediadores e promovem a união entre o Centro de Cultura e as crianças mazaganenses.

A oportunidade desta pesquisa surgiu da observação das apresentações culturais das crianças que participam das atividades do CCRM em eventos na escola onde a pesquisadora leciona, e na qual estas crianças são tanto alunas quanto participantes ativas do grupo Raízes do Marabaixo Infantil. Os conhecimentos que elas demonstram são constantemente socializados nas oficinas promovidas pelo Centro.

Inicialmente, notamos uma falta de valorização desses saberes por parte da escola. Diante do contexto desta realidade, que vem demonstrando possibilidade de mudanças, o trabalho focou apenas no Centro. No entanto, o Centro atualmente encontra-se fechado, por motivo de gestão. Até o momento, não houve substituição de um novo coordenador do espaço,

sendo que o atual ainda realiza algumas atividades, levando oficinas até as escolas onde é solicitado. No espaço do Centro estão acontecendo somente visitas. Propomos, então, uma semana de oficinas na escola com as crianças do Grupo Raízes do Marabaixo Infantil (GRMI).

O Centro, apesar de estar passando por um período de paralisação das atividades e ações educativas, tem uma história e relevância comunitária. Citamos as oficinas de instrumentos de percussão, confecção de caixas de marabaixo, música (ladrão de marabaixo), máscaras de papel da festa de São Tiago, entre muitas outras atividades culturais e eventos artísticos e sociais. Além disso, outras atividades são realizadas no espaço de cultura, como torração de cacau¹, e fabricação de bejucica².

Este estudo buscou sua relevância ao propor uma investigação sobre os saberes que fluíam no CCRM relacionam-se com a escola, local de estudo das crianças participantes da pesquisa. Confirmamos a inegável importância deste espaço de cultura para a população negra mazaganense. Assim, a discussão sobre a cultura de Mazagão Velho ressalta a importância da história do povo amapaense com um legado cultural de origem africana, como um registro vivo, repassado de geração em geração pela oralidade dos moradores ligados à cultura e às manifestações tradicionais da comunidade. Carlos Augusto Gomes, o popular Carlitão, no livro “Luz: Banda Placa”, relata que “a tradição cultural de Mazagão Velho, confunde-se com a fundação da comunidade. Assim, a partir de 1998, alguns moradores da comunidade local, se reuniram e criaram o grupo folclórico Raízes do Marabaixo, visando resgatar, preservar e difundir a cultura local” (Gomes; Gomes, 2019, p. 93).

Sobretudo, tratou-se de uma pesquisa relevante para a pesquisadora, mulher negra, professora, mãe e moradora desta comunidade. A comunidade de Mazagão também ganhou por estar valorizando os saberes e as práticas educativas referentes ao patrimônio cultural desenvolvidas no CCRM.

Os estudos realizados na graduação em Pedagogia, pela UNIFAP, quando a identidade racial da pesquisadora foi despertada aos 40 anos com as leituras sobre a temática Étnico Racial, que acolitaram tanto para a autoafirmação da identidade negra, quanto para sua prática pedagógica. Conforme mencionamos, é mulher negra, nascida e moradora na Vila de Mazagão Velho sofreu preconceito em sua infância e sua identidade foi escondida por muito tempo, até desdobramento de leituras sobre as temáticas raciais na academia.

O estudo foi relevante para a pesquisadora por permitir investigar os saberes culturais

¹ Processamento artesanal do chocolate, servido após a missa do Divino Espírito Santo.

² Bejucica feito da massa da tapioca, processo artesanal, coada, penerada e finalizada no forno.

tradicionais de Mazagão Velho. Estes saberes circulavam no CCRM, um espaço de Cultura Negra construído pelos próprios moradores para manter viva a ancestralidade africana, além de promover a busca por conhecimento e a valorização da identidade cultural. Para Moura (2012), é preciso refletir sobre a responsabilidade na manutenção da identidade étnica, preservando tradições africanas, dinamizando-as e elevando o status comunitário. “Práticas rituais e fé profunda demonstram que as festas rurais negras compõem a necessidade de afirmarem-se na sociedade inclusiva como sinais diacríticos evidentes de sua identidade” (Moura, 2012, p. 133).

O estudo foi relevante no âmbito social uma vez que a pesquisa trouxe uma abordagem importante a respeito dos Saberes Culturais de Mazagão Velho e da relevância do CCRM. Este, por sua vez, tem a responsabilidade de desenvolver um trabalho de valorização da identidade negra das crianças. O estudo esclarece como o Centro desenvolve o trabalho com as crianças e como estas recebem os conhecimentos. Além disso, buscou entender como as atividades auxiliam na construção e valorização da identidade negra. A pesquisa é uma atividade fundamental para o avanço do conhecimento em todas as áreas do saber; nesse viés, esta investigação possibilitou novas descobertas e subsidiará futuros estudos e conhecimentos sobre a cultura negra amapaense.

Vale ressaltar ainda que a pesquisa trouxe em seu bojo uma discussão importante a respeito da ausência de um debate sobre os saberes da cultura negra amapaense na escola oficial, apesar da determinação da Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade da história e da cultura afro-brasileira nos currículos das escolas. Esta tarefa, de certa forma, foi assumida informalmente pelo CCRM.

Pereira (2010, p. 19) aponta “que conhecer as origens é fundamental para a ampliação da consciência social e histórica do povo brasileiro”. Ressalta ainda que a população brasileira, grande parte, é descendente de africanos e incapaz de reconhecer suas matrizes formadoras. Nesse sentido, é possível perceber que a escola é essencial no processo de afirmação da identidade negra, que perpassa também pelas heranças culturais de origem africana.

No entanto, apesar das determinações da Lei 10.639/03 no âmbito de todo o currículo escolar, pouco se vê práticas educativas de valorização do patrimônio cultural, que envolvem os saberes dos estudantes, das comunidades, modos de vida e tradições culturais. Videira (2010, p. 42) aponta que “a escola precisa se abrir não só para a entrada dos educandos, mas, sobretudo, para a gama de conhecimentos que eles vêm acumulando ao longo de sua trajetória familiar, social, religiosa e que se derramam nos espaços escolares”. Ressalta ainda que, pedagogicamente, a lei abre um leque de possibilidades para trabalhar com a história e culturas negras e seus inúmeros conhecimentos nas escolas brasileiras.

Videira (2010, p. 253) considera que os currículos dos cursos de licenciaturas e Pedagogia precisam ser reformulados, visto que “os educadores brasileiros ainda são formados a partir de uma visão homogeneizadora e linear da história, são conduzidos a uma neutralidade que ignora valores básicos da composição pluri étnica da sociedade brasileira”. A autora considera ainda que é preciso reformular currículos das escolas e propor novas metodologias articuladas com a cultura e identidade para criar oportunidades de sucesso escolar para todos os(as) educandos(as), independentemente de seu grupo social, étnico, religioso e político. Porém, este ainda é um grande desafio a ser cumprido pelas escolas.

Por outro lado, conforme mencionado anteriormente, o CCRM de Mazagão Velho vem, na informalidade, cumprindo seu papel de resistência para não deixar a cultura morrer. Severo e Lima (2015, p. 562) explicita que a educação não escolar “sustenta a necessidade de destacar e reconhecer a emergência de novos cenários e práticas educativas na esteira do desenvolvimento das dinâmicas sociais contemporâneas”. Nesse sentido, o estudo evidenciou o Centro, as crianças e os saberes inseridos nesse contexto para a construção e fortalecimento da autoestima e identidade da cultura negra amapaense.

Videira e Vasconcelos (2021) afirmam que a escola deve considerar os saberes culturais e as práticas educativas como um processo de construção e reconstrução das “identidades”. Além disso, deve considerar os aspectos históricos e sociais dos povos em sua plenitude e que a escola atue como um agente indutor do desenvolvimento humano, visando o protagonismo cultural dos alunos.

De acordo com Oliveira (2015), a educação popular de Paulo Freire “surge como crítica à educação institucionalizada oficial e com proposta de mudanças na escola, mas é por meio dos movimentos populares que se efetiva em espaços não escolares”. A crítica de Freire sobre o ensino que não atende as necessidades reais da população é que uma educação libertadora se realiza de fato nos movimentos populares e em ambientes de aprendizado que estão fora da escola.

Freire (2015, p. 138) afirma haver um desprezo burocrático por parte das escolas com relação à leitura que as crianças fazem do mundo, ou seja, há um desrespeito com a identidade cultural das crianças: “Há um desprezo burocrático por parte das escolas com relação a tudo isso que se deu antes da escola e que vai continuar se dando apesar da escola”. Logo, a leitura que uma criança desenvolve e compreende é profundamente influenciada pelo ambiente em que vive. Isto inclui as experiências cotidianas em seu lar, na vizinhança e no bairro, além de carregar as marcas de sua classe social. Ou seja, a forma como a criança interpreta o mundo e as informações é moldada pelo contexto social e cultural em que está inserida.

Santos (2018, p. 224) argumenta que o “conhecimento científico não está distribuído de forma equitativa, motivo pelo qual suas intervenções, na prática, tendem a servir os grupos sociais que têm maior acesso, a ele”. Nessas condições, a justiça e igualdade social da distribuição do conhecimento, se torna quase que impossível nas condições do capitalismo na sociedade atual. O autor ressalta ainda que a ecologia dos saberes busca por credibilidade dos conhecimentos não científico, sem desmerecer o conhecimento científico, muito pelo contrário, implica na utilização de um contexto mais amplo de diálogo com outros conhecimentos.

Oliveira (2015) afirma que a educação popular traz para o debate a questão epistemológica da legitimação social do saber popular, que historicamente, pelo seu corte de classe social, gênero e etnia, é desvalorizado em detrimento do saber científico. Logo,

[...] o saber científico apresenta-se como rigoroso e sistêmico, vinculado ao processo de escolarização, e o saber popular, está vinculado ao senso comum e a tradição oral, ele se constitui na expressão do ser humano daquilo que é vivido concretamente, o seu fazer, as suas ações práticas e experiências cotidianas (Oliveira, 2015, p. 32).

O CCRM é um espaço importante na sociedade mazaganense, por simbolizar um espaço de “cultura popular”, dos Movimentos de Cultura Popular (MCP), dos Movimentos Sociais e Culturais que, pelo contexto histórico brasileiro, emergiram no Brasil nos anos 1960, liderados por intelectuais e estudantes, mobilizando a sociedade civil naquela época. A proposta elaborada por Paulo Freire, nos anos 1960, visava promover a educação de adultos com base na sua cultura.

De acordo com Gomes (2017, p. 23), é importante compreender a potência do movimento negro de caráter social, emancipatório, reivindicativo e afirmativo, “educador de pessoas, coletivos e instituições sociais, ao longo da história, percorrendo as mais diversas gerações”. Nesse sentido, o movimento negro, ao longo do processo histórico, teve e tem papel fundamental nas ações afirmativas para a população negra brasileira.

Sendo assim, os Centros culturais são meios de resistência da cultura negra com atividades ligadas aos saberes e à cultura, que na informalidade relacionam-se com as políticas afirmativas para a População Negra. Sobretudo, a pesquisa foca no espaço “Centro Cultural Raízes do Marabaixo”, em Mazagão Velho. A importância do estudo se dá na tentativa de que seja trabalhada nas crianças a relevância da identidade cultural desde a infância, para não perderem o interesse pela cultura local.

Além disso, o cotidiano da comunidade de Mazagão Velho é repleto de saberes culturais, que se manifestam em vários domínios da vida da população: artesanato com

cerâmica, bijuteria com elementos da natureza, bordado e crochê. Na produção dos meios de sobrevivência, produção de objetos como caixas e tambores de Marabaixo, os quais são referências culturais significativas com as festas santorais na comunidade. Na produção agrícola, o cultivo da mandioca, manejo e produção do açaí e da bacaba. E a medicina caseira, cultivada pelas rezadeiras e benzedadeiras.

Trata-se, assim, de manifestações culturais e religiosas que compõem o rico calendário cultural da região. Como afirma a dissertação de mestrado de Pinheiro (2023, p. 30), “a comunidade de Mazagão Velho como território de resistência, saberes, se transforma em um espaço propício para a afirmação da identidade cultural, étnica e a preservação das manifestações oriundas da ancestralidade”. Nessa direção, o Centro está inserido em um rico espaço comunitário de práticas educativas e produções dos saberes culturais e representa um espaço de cultura popular.

No que tange à cultura de base eurocêntrica que prevalece na escola, trata-se de um perfil de pedagogia monocultural que favorece a perpetuação dos valores da sociedade moderna e capitalista que marginaliza as culturas produzidas pelas populações que foram vítimas do colonialismo europeu na América Latina. Cordeiro (2021, p. 246) afirma que:

Neste contexto, a única forma institucional que tem sido operada para fazer incluir na escola referenciais culturais outros é a folclorização, que estereotipa os produtos culturais populares e assegura sua presença esporádica e correntemente deturpada, esvaziada de sentido social e político.

É perceptível que as crianças vão perdendo o gosto em participar das manifestações culturais. Conforme crescem, perdem o interesse em participar das festividades como Marabaixo e batuque, sendo que muitas sentem-se envergonhadas diante da folclorização e dos estereótipos que acompanham historicamente estas manifestações de cultura negra no Amapá e no Brasil todo.

Para compreender o impacto do CCRM, foi necessário focar nos acontecimentos passados e na forma como o Centro vinha contribuindo para a valorização da identidade cultural das crianças de Mazagão Velho. Foi investigado como esses processos vêm sendo passados às crianças, como elas recebem estes conhecimentos e, a partir deles, como elas se reelaboram. Além disso, buscamos descobrir: como esses trabalhos que circulam no Centro Cultural são realizados e como vêm contribuindo para o desenvolvimento das crianças? Nesse sentido, esta dissertação respondeu a seguinte questão norteadora: **como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas pelo Centro Cultural Raízes do Marabaixo e como vêm se constituindo protagonistas na preservação e fortalecimento disso vai reconstruindo**

e fortalecendo sua identidade negra mazaganense?

Estas questões nortearam a definição do objetivo geral: analisar o protagonismo das crianças no CCRM em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra.

Os objetivos específicos para este estudo consistem em: a) contextualizar o processo histórico, cultural e social do CCRM e sua importância na visibilidade da cultura negra amapaense regional em espaços formais e não formais de educação; b) identificar que tipo de práticas e/ou ações educativas estão sendo realizadas no CCRM como forma de valorização e manutenção da identidade negra das crianças do município de Mazagão Velho-AP; e c) averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da cultura negra amapaense, e como elas se constituem protagonistas no fortalecimento da identidade negra na escola.

Para a realização da pesquisa e compreensão do objeto investigado, foi realizado um mapeamento de estudos científicos, publicados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google acadêmico. O intuito foi conhecer e analisar as produções científicas registradas entre os anos de 2018 e 2023 com o descritor “Saberes Culturais” + “Territórios Amazônicos”.

Das publicações selecionadas para compor o corpus de análise do Estado do Conhecimento sobre “saberes culturais nos territórios Amazônicos”, sob o filtro de busca produções na região Norte, foram encontradas, no período citado, 10 (dez) publicações; são apresentadas no quadro abaixo, com ano, autor(a), título, bibliografia, palavras-chave e objetivo.

Quadro 1 - Produções encontradas no banco de dados/CAPES e Google Acadêmico

Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo
BAKER, Patrícia Andréa Godinho Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré/ / Patrícia Andréa Godinho Baker; orientação de Nazaré Cristina Carvalho/2019. 144 f. Texto de Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.				
2019	BAKER, Patrícia Andréa Godinho	CAMINHOS DO CÍRIO: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré	Cultura. Saberes. Círio de Nazaré. Criança. Educação	Analisar os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré.
Ano	Autora	Título	Palavras-chave	Objetivo

BRASILEIRO, Margareth da Silva. Saberes afro-brasileiros e educação sensível em cartografias amazônicas: vozes de Jambuaçu – PA. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém - Pará, 2019.				
2019	BRASILEIRO, Margareth da Silva	Saberes afro-brasileiros e Educação sensível em cartografias Amazônicas: Vozes de Jambuaçu-PA	Educação sensível. Saberes. Oralidade. Comunidade Quilombola.	Cartografar os saberes não escolares presentes nas narrativas orais dos moradores do território quilombola de Jambuaçu e analisar como esses saberes influenciam na construção de uma educação sensível.
Ano	Autora	Título	Palavras-chave	Objetivo
REGO, Kaly Nancy Lisboa. O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua/PA. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, Belém, 2019				
2019	REGO, Kaly Nancy Lisboa.	O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria Tracuateua/PA	Brincar. Saberes. Cultura.	Objetivo geral, analisar o brincar das crianças na Vila de Santa Maria, a fim de descortinar os saberes que perpassam esse brincar.
Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo
SOUZA, Paula Fernanda Pinheiro. Rezando também se aprende: práticas educativas e saberes das Ladainhas em Breves-PA. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020				
2020	SOUZA, Paula Fernanda Pinheiro	Rezando também se aprende: Práticas Educativas e Saberes das Ladainhas em Breves-PA	Práticas Educativas. Saberes. Ladainhas. Breves-PA	Objetivo geral da pesquisa, analisar o processo educativo presente no ritual de rezar/cantar ladainhas realizadas pelos rezadores tradicionais de Breves e os saberes que circulam em seu interior.
Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo
MARQUES, Maria Carolina Henrique Marques. Culturas Infantis e a Documentação Pedagógica: saberes culturais regionais das crianças da Amazônia Amapaense (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.				
2020	MARQUES, Maria Carolina Henrique Marques	Culturas Infantis e a Documentação Pedagógica: Saberes Culturais Regionais das Crianças da Amazônia Amapaense	Documentação Pedagógica. Saberes Culturais. Culturas infantis. Amazônia amapaense.	O presente estudo centrado no campo das pesquisas educacionais discute a documentação pedagógica na Educação Infantil referente aos registros dos saberes culturais regionais das crianças da Amazônia amapaense. Nesse sentido, enquadra-se na concepção de criança como sujeito participativo e ativo no contexto educativo, aliado a perspectiva da pedagogia-em-participação, que envolve a documentação pedagógica [...]
Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo
CARDOSO, Maria Barbara da Costa. SABERES DO TERRITÓRIO EDUCATIVO AMAZÔNICO: perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação ribeirinhos-quilombolas. 2020. 234f. Tese Doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.				
2020	CARDOSO, Maria Barbara da Costa	Saberes do Território Educativo Amazônico:	Educação do Campo. Povos Ribeirinhos.	O estudo objetiva depreender de que modo, no território educativo das águas da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os saberes que circulam e se

		perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação ribeirinhos-quilombolas.	Povos Quilombolas. Epistemologia das Águas.	articulam na interrelação ribeirinhos-quilombolas, contribuem para uma compreensão de epistemologia das águas sustentadas na r-existência e resistência amazônica.
Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo
CORDEIRO, Albert Alan de Sousa Cordeiro. "Por que você ainda fica falando sobre isso?": Um estudo decolonial da relação entre educação escolar e cultura popular na Amazônia brasileira. 2021. 272f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.				
2021	CORDEIRO, Albert Alan de Sousa	Por que você ainda fica falando sobre isso?: um estudo decolonial da relação entre educação escolar e cultura popular na Amazônia brasileira	Cultura Popular. Educação Escolar. Memória. Colonialidade. Amazônia.	Analisar, a partir do pensamento decolonial, as memórias de experiências vividas por professoras e professores da educação básica ao relacionarem conhecimento escolar e cultura popular no contexto da complexidade sociocultural da Amazônia brasileira.
Ano	Autora	Título	Palavras-chave	Objetivo
DOS SANTOS, Antonia Fladiana Nascimento. ENTRE RIOS E TABLADOS: o currículo multiculturalista nas práticas pedagógicas dos professores na Comunidade Ribeirinha de Ipixuna Miranda. (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2021.				
2021	DOS SANTOS, Antonia Fladiana Nascimento	Entre rios e Tablados: o Currículo Multiculturalista nas Práticas Pedagógicas dos Professores na Comunidade Ribeirinha de Ipixuna Miranda	Multiculturalismo. Currículo. Práticas Pedagógicas. Amazônia. Cultura	Compreender os saberes culturais envolvidos na prática pedagógica dos professores, considerando o currículo multiculturalista que envolve os alunos na construção do conhecimento na comunidade do Ipixuna Miranda.
Ano	Autora	Título	Palavras-chave	Objetivo
LIMA, Adailles Aguiar. Mulheres negras na educação: narrativas da trajetória socioeducacional de professoras negras da vila de Mazagão Velho-AP. 2022. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá.				
2022	LIMA, Adailles Aguiar	Mulheres negras na educação: narrativas da trajetória socioeducacional de professoras negras da vila de mazagão velho-ap	Educação. Mulher negra. Trajetória socioeducacional. Mazagão Velho-AP.	Analisar a trajetória socioeducacional de professoras negras da vila de Mazagão Velho-AP, numa análise decolonial.
Ano	Autor	Título	Palavras-chave	Objetivo

PINHEIRO, Angleson Pantoja. “A cultura de mazagão velho e a festa de São Tiago das crianças são jóias raras”: a construção da identidade cultural mazaganense a partir da festa de São Tiago mirim, Mazagão Velho-AP. Orientador: Piedade Lino Videira. 2023. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.				
2023	PINHEIRO, Angleson Pantoja	“A cultura de Mazagão Velho e a festa de São Tiago das crianças são jóias raras”: a construção da identidade cultural Mazaganense a partir da festa de São Tiago Mirim, Mazagão Velho-AP	Festa de São Tiago Mirim. Identidade Cultural. Crianças. Educação Cultural Comunitária. Distrito de Mazagão Velho.	Investigar como a referida festa influencia na construção da identidade cultural mazaganense, a partir de reflexões sobre os saberes oriundos do seio comunitário e como esses saberes são apresentados às crianças participantes da festa de São Tiago Mirim.

Fonte: Elaboração própria com base em Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt (2021).

A leitura das publicações encontradas (Quadro 1) possibilitou adentrar na produção científica dos pesquisadores, identificando as questões abordadas nos estudos, assim como os direcionamentos que norteiam os respectivos trabalhos, visto que na elaboração de uma pesquisa científica é necessário este enlace de compreensão da realidade sob a ótica de diferentes autores. Ademais, os trabalhos pesquisados foram produzidos na Amazônia, com destaque para a Região Norte: seis estudos no estado do Pará realizou e quatro no Amapá.

As informações coletadas permitiram refletir sobre a necessidade de mais estudos a respeito dos saberes culturais dos territórios amazônicos, especialmente Centros de Cultura Negra no Amapá. Estes conhecimentos tornam-se necessários nas práticas e processos educativos para o fortalecimento da cultura dos outros grupos étnicos que lutam para manter sua identidade cultural.

Segundo Loureiro (1995, p. 55), a cultura amazônica pode ser compreendida como “espaços sociais tradicionais de cultura com características próprias e marcados por sua originalidade e criatividade de seus habitantes”. A relação do homem com a natureza está refletida na realidade cultural regional nesses territórios, especificamente nas áreas rurais, onde os saberes tradicionais são transmitidos pela oralidade.

A dissertação “Saberes afro-brasileiros e Educação sensível em cartografias Amazônicas: Vozes de Jambuaçu-PA”, de Margareth da Silva Brasileiro (2019), analisou quais saberes culturais estão presentes nas narrativas orais dos moradores do Território Quilombola de Jambuaçu. A intenção da autora era cartografar os saberes não escolares presentes nas narrativas orais dos moradores do território quilombola de Jambuaçu e analisar como estes

saberes influenciam na construção de uma educação sensível.

A autora utilizou abordagem da cartografia para o reconhecimento atento dos processos sociais e de seus desdobramentos na construção da sociedade, possibilitando, também, a construção de um mapeamento das vozes, das narrativas e das enredadas linhas das relações sociais. Recorreu a técnicas como a narrativa de vida e a entrevista narrativa. A autora conclui o estudo apontando que os saberes de Jambuaçu trazem as marcas e influências do povo negro, presentes tanto no meio quanto nas construções epistemológicas sobre o lugar, a natureza, os mitos e as lendas, e que ensinam a enfrentar as incertezas, construir a convivência, valorizar o bem viver e buscar a igualdade de direitos como princípio de vida.

Patrícia Andréa Godinho Baker (2019), em sua dissertação intitulada “Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré”, teve como objetivo analisar os saberes culturais e as práticas educativas das crianças que participam do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré. A cidade de Belém é o lócus deste estudo. A metodologia da pesquisa abordagem qualitativa através do método Etnometodologia, para investigar agentes sociais em seu cotidiano, dando ênfase a uma descrição minuciosa de suas práticas sociais, através da observação, tendo como premissa a explicar o qualitativo social desses sujeitos, de suas trivialidades ocasionais. Os dados coletados durante a pesquisa de campo foram interpretados a partir da análise de conteúdo, visando compreender as entrelinhas da linguagem usual dos sujeitos pesquisados.

A seguir temos Antônia Fladiana Nascimento dos Santos (2021), em sua dissertação intitulada “Entre rios e tablados: o currículo multiculturalista nas práticas pedagógicas dos professores na comunidade de Ipixuna Miranda”. A pergunta central investigou: em que medida os saberes culturais estão presentes na prática pedagógica dos professores, considerando o currículo multiculturalista que envolve os alunos na construção de conhecimento na comunidade do Ipixuna Miranda? Objetivou compreender os saberes culturais envolvidos na prática pedagógica dos professores, considerando o currículo multiculturalista que envolve os alunos na construção do conhecimento na comunidade do Ipixuna Miranda.

A metodologia baseou-se em abordagem qualitativa pautada na epistemologia do estudo de caso como método de pesquisa mediado pela história oral como parte da estratégia metodológica para uma investigação compreensiva das vozes dos participantes. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, que se justifica por possuir caráter amplo nas interpretações dos diversos tipos de comunicações.

Kaly Nancy Lisboa Rego (2023), em sua dissertação intitulada “O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria — Tracuateua-PA”, objetivou analisar o brincar das

crianças na Vila de Santa Maria no município de Tracuateua-PA, a fim de descortinar saberes que perpassam por estas brincadeiras. A metodologia se deu mediante abordagem qualitativa, no paradigma metodológico da etnometodologia. Quanto à técnica de pesquisa, foi utilizada a observação e rodas de conversas com as crianças. Para análise dos dados, a pesquisa pautou-se na análise de conteúdo, tendendo ao tipo de análise interpretativa.

Angleson Pantoja Pinheiro (2023), em sua dissertação “‘A cultura de Mazagão Velho e a festa de São Tiago das crianças são jóias raras’: a construção da identidade cultural mazaganense a partir da festa de São Tiago mirim, Mazagão Velho-AP”, objetivou investigar como a referida festa influencia na construção da identidade cultural mazaganense, a partir de reflexões sobre os saberes oriundos do seio comunitário e como estes saberes são apresentados às crianças participantes da festa de São Tiago Mirim. O objetivo principal da pesquisa foi verificar como as vivências adquiridas pelas crianças na festa de São Tiago Mirim dialogam com os processos de aprendizagem comunitário, identitário e educacional.

A pesquisa tratou-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, na qual os dados empíricos foram coletados por intermédio da observação, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e descrição apresentada pelas narrativas dos sujeitos/colaboradores na comunidade pesquisada. A comunidade se esforça para preservar e repassar o patrimônio cultural herdado de seus ancestrais, especialmente a Festa de São Tiago Mirim em Mazagão Velho, por meio de oficinas ou da confecção de instrumentos para as festividades da comunidade, com base na educação cultural comunitária. Destaca-se, também, o trabalho do CCRM em apresentar os elementos culturais afro amapaenses, ancorados na Lei 10.639/2003, além dos trabalhos de homens e mulheres que, através da metodologia da oralidade, desempenham relevante função em preservar a cultura da comunidade dispensadas as novas gerações.

De acordo como autor, a realização desse estudo desafia as estruturas da discriminação racial e educacional, por priorizar a valorização da diversidade, abrindo um caminho para um mundo que pratique o respeito, a empatia, no qual todos os homens, mulheres e crianças alcancem o conhecimento de uma cultura que é tão necessária para a construção da sociedade. Destaca ainda a relevância da identidade cultural negra em uma comunidade tradicional, interligando-se com a educação antirracista como uma perspectiva transformadora que objetiva criar uma sociedade justa, igualitária, inclusiva e antirracista, alcançando todos os ambientes de educação, sejam eles formais ou culturais, comunitários.

Maria Barbara da Costa Cardoso (2020), por sua vez, em sua tese sobre “*Saberes do Território Educativo Amazônico: perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação*

ribeirinhos-quilombolas”, objetivou depreender de que modo, no território educativo das águas da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os saberes que circulam e se articulam na interrelação ribeirinhos-quilombolas, contribuem para uma compreensão de epistemologia das águas sustentadas na r-existência e resistência amazônica.

A autora constatou que os saberes que circulam e se articulam no território educativo das águas da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do rio Acaraqui são produzidos no processo dialógico, com os sujeitos formam-se nas águas, e são formadores, que vivenciam uma relação direta ou indireta com as águas, em destaque, os Movimentos Sociais. Ressalta ainda que, os sujeitos das águas amazônicas se constituem enquanto ser humano-natureza-ancestralidade, rompemos com a concepção hegemônica de educação e emergem novas possibilidades de resistência amazônica de uma Educação do Campo, que se configura numa perspectiva de epistemologia das águas construída com os sujeitos amazônidas e não amazônidas, incitando o debate das águas como Direito.

Adailles Aguiar de Lima (2022), na dissertação intitulada, “Mulheres negras na educação: narrativas da trajetória socioeducacional de professoras negras da vila de Mazagão Velho-AP. Analisou a trajetória socioeducacional de professoras negras da vila de Mazagão Velho-AP, numa análise decolonial. A metodologia realizada, abordagem qualitativa e o método, Estudo de Caso, através de uma pesquisa Narrativa que oportuniza maior proximidade na compreensão da interação existente entre o narrador e o contexto social, com o uso de abordagem Qualitativa a partir de Pesquisa de Campo realizada através de Entrevista Semiestruturada e Observação Direta.

Os dados coletados foram tratados através da Análise do Discurso que nos permite entender, através da linguagem, a interação entre as entrevistadas e o mundo em que estão inseridas, mostrando que as trajetórias de nossas entrevistadas trazem, algumas, as marcas da colonização que permanecem firmes, mascaradas pelo colonialismo, mas que são diária e arduamente combatidas através da luta e resistência contra as diversas formas de preconceito e discriminação racial e de gênero em face da mulher negra.

Em seguida temos Albert Alan de Sousa Cordeiro (2021), com sua tese de doutoramento intitulada: ““Por que você ainda fica falando sobre isso?”: um estudo decolonial da relação entre educação escolar e cultura popular na Amazônia brasileira”. Os resultados demonstram que a escola é atravessada pelo fenômeno da colonialidade e, conseqüentemente, regida por uma epistemologia monocultural que favorece a perpetuação dos valores das sociedades neoliberais, valores do sistema mundo capitalista moderno colonial, além de marginalizar as culturas produzidas pelas populações que foram vítimas do colonialismo europeu na América Latina.

A metodologia fundamentou-se na abordagem qualitativa pautada na epistemologia do estudo de caso como método de pesquisa mediado pela história oral como parte da estratégia metodológica para uma investigação compreensiva das vozes dos participantes. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, que se justifica por possuir caráter amplo nas interpretações dos diversos tipos de comunicações.

Desse modo, foi possível constatar, após o estado do conhecimento, considerando o período de 2018 a 2023, há uma lacuna nas produções voltadas aos saberes culturais na Amazônia Amapaense, em relação aos saberes produzidos nas comunidades tradicionais e sobre os Centros de cultura negra, espaços de resistência que precisam ser valorizados, e as crianças como participantes ativas de manifestações nesses territórios amazônicos. Para o professor Luiz Milanesi (1997), os Centros Culturais são espaços de convivência para cultivar a capacidade de criar atividades culturais realizadas com pessoas e para as pessoas, sendo que nestes espaços reflete-se a diversidade cultural do Brasil.

À vista disso, adentramos no universo do CCRM em Mazagão Velho, espaço de concentração de saberes culturais. Jozué da Conceição Videira (57 anos) nos relatou que, o espaço de cultura foi fundado para atender os anseios do grupo, as reuniões para discutir e produzir matérias de percussão. Antes do espaço físico, os encontros aconteciam no quintal de baixo das árvores na casa do mesmo. Nesse sentido, os Centros de Cultura Negra são bens que ganham status de local privilegiado para práticas educativas que estão além da educação formal e que dão subsídio às ações culturais.

O método de pesquisa utilizado foi um Estudo de Caso, com abordagem qualitativa. Para coleta de dados foram utilizados como instrumentos: Rodas de Conversas com 10 crianças, entrevista semiestruturada com o coordenador do Centro, observação participante, Registro Fotográfico e depoimentos. Os dados foram analisados sobre a luz da análise de conteúdo de Bardin (2015).

A escolha do tema fundamenta-se na relação com a área de atuação profissional da pesquisadora, e por considerar as crianças pessoas ativas para continuidade da cultura ancestral de Mazagão Velho. Logo, a conexão permite que a pesquisa contribua significativamente para o enriquecimento e aprimoramento de suas atividades sobre os saberes culturais de Mazagão Velho. Nessa perspectiva, a dissertação está estruturada em cinco seções.

O estudo traz, na introdução, as motivações para o desenvolvimento da pesquisa, a questão norteadora, os objetivos geral e específicos, o estado do conhecimento e, em linhas gerais, os caminhos metodológicos.

Na primeira seção traz os “Saberes Culturais e Aspectos Histórico do Centro Cultural

em Mazagão Velho”, com a análise da trajetória dos Centros de Cultura Negra. Paralelamente, exploramos o percurso da educação popular no país, demonstrando sua intrínseca relação com os Movimentos de Cultura Negra Popular, cuja atuação manifesta-se em espaços de educação não formal. E discussão a respeito da Educação Antirracista no contexto amapaense.

A subseção intitulada "O Contexto Histórico do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho, destaca o depoimento de Tia Joca (71) anos, e seu amor pelo espaço de cultura na comunidade de Mazagão Velho. Procede-se, ademais, à apresentação do município de Mazagão-AP. Destaque ainda a comunidade de Mazagão Velho e os saberes Culturais e a cultura popular da comunidade mazaganense. E apresentação do CCRM de Mazagão Velho e a escola Agostinha Maria da Silva Penha, inserindo-os na contextualização sócio histórica do distrito de Mazagão Velho, onde as práticas investigadas se manifestam.

Na segunda seção apresentamos o “Percurso Metodológico da Pesquisa”, sendo: a abordagem qualitativa segundo Minayo (2001) e Bauer e Gaskell (2008); o método estudo de caso fundamentando-se em Yin (2015) e Gil (2008), por meio dos instrumentos de coleta de dados; as rodas de conversa, segundo Moura e Lima (2014) e Afonso e Abade (2008); as entrevistas semiestruturadas conforme Gil (2002); os registros fotográficos conforme Bogdan e Biklen (1994) e Guran (2012); os depoimentos, segundo Gatti (2010); e a observação participante com Yin (2001). Caracterização do lócus da pesquisa e os critérios de inclusão e exclusão dos participantes. E o perfil socio histórico e cultural das crianças participantes. Finalizamos a seção com a técnica para análise e interpretação das informações nas rodas de conversas/entrevista semiestruturada sob análise de conteúdo de Bardin (2015).

Na terceira seção, intitulada “As práticas e Ações Educativas realizadas no Centro Cultural Raízes do Marabaixo com as crianças de Mazagão Velho-AP”, fazemos uma análise sobre a dicotomia entre ciência e saber tradicional a partir das ideias de Boaventura de Souza Santos (2018). Análise sobre práticas e ações educativas Culturais e um olhar sobre os saberes e vivências no Centro. Nesta seção ainda, apresentamos uma Proposta Pedagógica de oficinas do CCRM para a escola Agostinha Maria.

Na quarta seção, abordamos o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo e na escola Agostinha Maria, destacando suas vivências, experiências e identidade negra. A análise se aprofunda nos saberes expressos por meio de desenhos e produções de ladrões de marabaixo, o que nos permite um olhar sobre os saberes culturais de Mazagão Velho. Em seguida, apresentamos e analisamos as rodas de conversa realizadas na escola: na primeira, exploramos a história de Mazagão Velho através de uma música de marabaixo; na segunda, incentivamos o desenho de livre expressão; e na terceira, discutimos os saberes culturais da

comunidade. Por fim, destacamos a participação do coordenador do CCRM e os desafios enfrentados pelo Centro Cultural no compromisso com esses saberes.

E nas considerações finais, retomamos os objetivos propostos e a questão norteadora que guiaram este estudo, a fim de sistematizar os principais achados da pesquisa. Discutimos, também, as perspectivas e os desafios relativos à transposição dos saberes culturais socializados no CCRM em Mazagão Velho, para o ambiente escolar. Além disso, analisamos como tal articulação é fundamental para que esses saberes constituam-se em práticas educativas eficazes, contribuindo para a construção e afirmação da identidade negra das crianças mazaganenses na Amazônia Amapaense.

1 SABERES CULTURAIS E ASPECTOS HISTÓRICO DO CENTRO CULTURAL EM MAZAGÃO VELHO

Um centro de cultura pode ser um museu municipal e o museu municipal em outra cidade se chama casa de cultura e a casa de cultura numa localidade é exatamente como a biblioteca pública de outra (Milanesi, 1997, p. 23-24).

Nesta seção, abordamos de maneira sucinta sobre o processo histórico do centro cultural no Brasil, os aspectos históricos dos centros de cultura negra no Brasil e a trajetória da Educação e da Cultura Popular no Brasil, influenciada pelos MCP. Assim, tratamos sobre como a trajetória da Educação Popular Negra acontece no Espaço Não Escolar. Finalizamos a seção com uma discussão sobre a Educação Antirracista no contexto amapaense.

1.1 Contextualização do Processo Histórico do Centro Cultural no Brasil

Partimos da indagação de Milanesi (1997, p. 11): “o que é um centro de cultura, e o que pode ser identificado como esse espaço?” O objetivo de erguer um centro ou casa de cultura é mais pela sua forma que por sua função, já que as funções da “cultura são tão complicadas quanto discutir o transcendente”. A ideia de “centro de cultura” não é do Brasil, surge na Europa e chega ao Brasil com a edificação destas instituições como bibliotecas, museus e teatros; estas instituições, com perfis semelhantes em lugares diferentes, recebem nomes iguais. “Um centro de cultura pode ser um museu municipal, em outra cidade pode se chamar Casa de cultura e a Casa de cultura em uma localidade é exatamente como uma biblioteca pública de outra” (Milanesi, 1997, p. 24).

De acordo com Ramos (2007), não há uma definição única do nome desse espaço, pois essas instituições são reconhecidas com diferentes nomes, como “Centros de cultura, casa de cultura ou centros culturais”, ou ainda são bibliotecas expandidas, ampliadas e reformuladas. De qualquer maneira, são espaços de ação contínua, locais para conhecer, pensar, elaborar, criar e fazer a cultura viva, concebida pelo próprio indivíduo em contato com outros indivíduos em um processo dinâmico, elaborando a cultura com “as próprias mãos”. Dessa forma, os centros culturais foram criados para produzir, elaborar e disseminar práticas culturais; além disso, estes espaços são bens que ganham status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídio às ações culturais.

Os Centros de Cultura, ou casas de cultura, chegam ao Brasil no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, mas houve um crescimento autêntico na quantidade nos últimos vinte anos. A origem desses espaços, como já mencionado anteriormente, se deu nos países de

primeiro mundo, sendo a França a pioneira na construção do Centro Nacional de Arte e Cultura “Georges Pompidou”, inaugurado em 1975, o qual serviu de modelo para o resto do mundo (Ramos, 2007, p. 75).

De acordo com Silva (1995), a origem do centro cultural está estreitamente vinculada aos museus e bibliotecas. Nesse contexto histórico, a ciência, a filosofia e a arte caminhavam juntas, até por volta do século XVII. Nesse período, não se estabeleciam delimitações ou limites entre estes saberes. Então, o estudo da ciência, da arte e da filosofia se davam em um mesmo local, e mesmo espaço, com vários tipos de manifestações culturais.

A autora ressalta ainda que a origem do museu está diretamente vinculada à Biblioteca de Alexandria na Grécia antiga, que constituía um complexo cultural, formado por palácios reais, o "mouseion", local que funcionava tanto como centro de estudos, quanto ao culto as divindades veneradas. Mas a ideia de instituição-museu ou museu tradicional não existia até recentemente, sendo que se tratava de locais com atividades diversas como a pesquisa, voltada principalmente para o saber filosófico.

Silva (1995, p. 19) discorre também que a “Biblioteca de Alexandria” serviu de grande inspiração para a criação dos nossos centros culturais, que são espaços criados para promover o fazer cultural. A origem etimológica da palavra centro vem do grego "kentron" e do latim "centru" e, de acordo com o dicionário.info, significa meio de um espaço qualquer: centro da cidade ou local de reunião de praticantes da umbanda e de outras seitas espirituais, centro da cidade, região, país etc. Já a palavra cultura possui diversos significados, e a discussão em torno deles é rica, polêmica e infinita.

Segundo Loureiro (1995, p. 53), “a cultura vem sendo considerada, desde a antiguidade clássica, como algo que engloba ângulos diferentes de uma totalidade voltada para a criação e preservação de bens imateriais e materiais”; nesse sentido, perpassa pelo cultivar pelo habitar e pelo cuidar, sendo que o homem, através dessas formas de relação com a realidade, torna-se um doador de sentido às coisas. Nessa perspectiva, os conhecimentos produzidos pelas civilizações nos diferentes períodos históricos compõem o vasto campo da história das culturas e das tradições culturais.

Para Gomes (2003, p. 75), “Cultura [...] diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social”. Entretanto, a cultura é muito mais que um conceito acadêmico, diz respeito às vivências dos sujeitos e seus grupos sociais e tudo que as sociedades antigas e atuais construíram e constroem historicamente.

Loureiro (1995) discorre ainda que a cultura Amazônica, especificamente no ambiente

rural, mantém sua expressividade tradicional e mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. Neste sentido, “a cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada” (Loureiro, 1995, p. 55).

Silva (1995) ressalta que a França, em termos de cultura e atividades culturais, tem sido inovadora e suas iniciativas tendem a ser seguidas por outros países. No Brasil, o Beaubourg também produziu seus reflexos e muitas casas e centros de cultura foram gerados e inspirados nele. Vale destacar que os centros culturais brasileiros são os mais diversos possíveis e com finalidades diferentes ou, pelo menos, características distintas. Há pouca literatura sobre centros culturais no Brasil e entre os autores.

A autora destaca que Milanesi é o grande teórico dos centros de cultura no Brasil, cuja função está intimamente relacionada às bibliotecas públicas, que funcionam como coadjuvantes às escolas. Portanto, o teórico Milenesi associa os centros culturais às bibliotecas públicas, além de reconhecer a importância do “Beaubourg: Centro Cultural Georges Pompidou, em Paris, que é uma biblioteca expandida, que foi o elemento provocador que estimulou a criação de centenas de centros culturais” (Silva, 1995, p. 49). Vale ressaltar que, nesse período histórico de origem dos centros culturais no Brasil, surgem também os centros de cultura negra, ancorados no movimento negro. A próxima subseção abordará os aspectos históricos dos centros de cultura negra no Brasil.

1.2 Aspectos Históricos dos Centros de Cultura Negra no Brasil

O movimento negro brasileiro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais [...] (Gomes, 2017, p. 21).

O trecho acima é citado do livro “O movimento negro educador”, da autora Nilma Lino Gomes (2017), sobre o movimento Negro Brasileiro, que conquistou lugar de existência afirmativa no Brasil ao trazer à tona o debate sobre o racismo e a luta por políticas públicas para a superação das desigualdades raciais. Este movimento social é um importante ator político que constrói, sistematiza e articula saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política, cultural e educacional brasileira, e acompanhou e articulou sobre a criação dos centros de cultura negra no Brasil.

Gomes (2017) argumenta sobre a importância do papel da frente Negra Brasileira, uma associação de caráter político, informativo, recreativo e beneficente que surgiu em São Paulo, em 1931, com a finalidade de tornar-se uma articulação nacional. Composta por vários

departamentos, promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos. Visava, ainda, a integração dos negros na vida social, política e cultural, denunciando as formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira daquele período.

Vale destacar que os centros de cultura negra surgem no Brasil na década de 1970. Silva (2012) afirma que o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), surgiu em 1971, em São Paulo, a organização acompanhou o movimento negro e simboliza a resistência histórica do negro paulista do Brasil. Nesse período, as associações negras desenvolviam trabalhos voltados para recreação, lazer e formação profissional do negro. Além disso, o CECAN foi a primeira entidade negra na capital de São Paulo a trabalhar a ideia de negritude, valorização da consciência étnica, afirmação do negro como sujeito histórico de cultura e recuperação da identidade racial (Silva, 2012).

Silva (2012) afirma ainda que o CECAN tinha um diferencial das demais associações de cultura negra: a liderança apresentava discursos e práticas que almejavam construir uma consciência e identidade negra atuando no teatro. Dessa forma, o objetivo deste local era mostrar no teatro a história do negro e a importância da consciência étnica para a superação da problemática racial no Brasil.

Gomes (2017) argumenta que o Teatro Experimental do Negro (TEN), que funcionou nos anos de 1944 a 1968, nasceu para contestar a discriminação racial, com o objetivo de formar atores e dramaturgos negros para resgatar a herança africana na sua expressão brasileira. Nesse sentido, o TEN tinha a função de “Alfabetizar seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados [...] oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a indagar o espaço ocupava pela população negra no contexto nacional” (Gomes, 2017, p. 30).

De acordo com Silva (2012), a primeira fase do CECAN estava centrada no teatro e seu objetivo principal era mostrar a história do negro de seu ponto de vista, destacando a importância da consciência étnica para a superação da problemática racial no país. Nesse contexto, demonstrava no teatro os lados opostos, “o sofrimento e a luta e resistência, enfatizando que a escravidão não foi tão amena como faz crer a historiografia oficial” (Silva, 2012, p. 19).

A autora ressalta ainda que o grupo teatral era heterogêneo, composto por estudantes de classe média negra e por membros mais pobres residentes na Vila Brasilândia. O grupo teve aulas e palestras de conscientização acerca da questão racial, atuou no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA) e permaneceu vivo até 1974.

Nessa direção, um novo estatuto do CECAN foi elaborado em 1976, com ênfase na multiplicidade de expressões e consciência étnica, com objetivo de pesquisar outros tipos de cultura. Assim, passaram a promover cursos, seminários e conferências de cunho cultural ligados a outras culturas e, em especial, a cultura afro-brasileira, como atividades artísticas, culturais, sociais e desportivas em todas suas manifestações (Silva, 2012).

Nessa nova configuração do CECAN, é importante destacar que houve uma ampliação nas finalidades do centro com referências explícitas à cultura negra e aos assuntos afro-brasileiros, com destaque também ao intercâmbio sociocultural entre Brasil e países africanos e demais nações em que houvesse a influência da cultura negra e as relações culturais com a Société Africaine de Culture (SAC) e com entidades americanas congêneres similares.

A referência explícita à cultura negra é provável fruto da fase vivida pelo movimento negro, quando se apontava a necessidade de recuperar as raízes negras para criar uma identidade. Nesse cenário, acreditava-se que “a cultura desempenharia um papel fundamental no processo da constituição dessa identidade étnica” (Silva, 2012, p. 27).

Nesse sentido, a autora considera o CECAN um órgão de referência e representatividade da cultura negra, e nesta nova fase foi adaptado graças à vasta experiência dos membros em vista da participação no movimento negro. Nessa direção, a educação e a cultura popular vai acontecendo em espaços não escolares, como centros culturais, associações e outros espaços pelo Brasil, influenciados e movidos pelo movimento de cultura popular.

1.3 Educação e Cultura Popular no Brasil Acontecendo nos Espaços não Escolares, influenciadas pelos Movimentos de Cultura Popular

A educação não pode ser entendida e explicada apenas de forma sistemática, separada do mundo e dos contextos sociais e culturais, onde ela existe de fato. A cultura e a educação são parte integrante da existência das pessoas e estão presentes no dia a dia, nas interações sociais, nos ambientes sociais, nas ideias e nas práticas de produção em diversos níveis e dimensões. De acordo com Brandão (1986, p. 17),

Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) a sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais –, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos, ou pessoas, são a sua educação popular.

Segundo o autor, o conhecimento é um processo que se desenvolveu e se espalhou entre

indivíduos, através da educação, que se desenvolve ao longo de toda a vida. Portanto, a educação é um processo de humanização. Nesse sentido, a educação popular está presente nas vivências e na relação dos sujeitos entre si e com a natureza. Em outras palavras, a educação popular é anterior ao aparecimento da escola e dos sistemas de ensino. Dessa forma, com o surgimento do sistema educacional, a educação torna-se institucionalizada, direcionando e controlando a existência humana.

Gadotti (2004), guiado pelo pensamento de Brandão, considera a educação popular um processo sistemático que envolve a participação dos movimentos populares, para o fortalecimento e instrumentalização de práticas com objetivo de apoiar “a passagem do saber popular ao saber orgânico, ou seja, do saber da comunidade ao saber de classe na comunidade” (Gadotti, 2004, p. 50). Além disso, é importante destacar que o conceito de educação popular tem uma compreensão mais ampla. No entanto, é importante salientar que a educação popular, criada pela classe, é uma forma de educação não oficial, enquanto a educação oficial, produzida pelo governo e grupos privados, é para o povo uma forma de controle e manipulação da população e do saber.

Saviani (2019, p. 379) sustenta que “a ideia-força do desenvolvimento nacional aliada à política populista incentivava a mobilização das massas, de cujo apoio os líderes políticos dependiam para ter êxito no processo eleitoral”. Dessa forma, o direito de votar estava condicionado à instrução, o que motivou os líderes governamentais a criarem campanhas e movimentos para capacitar jovens e adultos, tanto nas áreas urbanas quanto rurais do Brasil.

Segundo Saviani (2019), foi nesse contexto que surgiram as campanhas governamentais, que se estenderam do final dos anos 1940 até 1963. Nesse contexto, todas as campanhas governamentais consideravam “a educação popular no sentido até então dominante, assim, abrangendo as questões relativas à instrução pública, ou seja, a educação elementar destinava-se às crianças do ensino primário e adultos do programa de alfabetização” (Saviani, 2019, p. 379).

O escritor salienta ainda que, nos anos de 1960, o conceito de educação popular teve uma nova interpretação, diferente daquela que era utilizada no século XIX, com as instruções elementares, com a construções de escolas e a implantação do sistema escolar de ensino. Na metade dos anos de 1960, a educação popular torna-se outra, direcionando “a participação política das massas a partir da tomada de consciência da realidade brasileira” (Saviani, 2019, p. 380). A educação passa a ser vista como um meio de conscientização. Porém, a expressão educação popular do povo e para o povo, ainda assim assumia um caráter de educação das elites e grupos dominantes como forma de controlar e manipular o povo sob uma ordem existente.

Saviani (2019) ainda considera que, nesse contexto, formou-se uma grande mobilização para debater e analisar a realidade brasileira. Trata-se de estudos conduzidos pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e por pensadores cristãos marxistas, que retratavam o período pós-guerra europeu. Dessa forma, surgem nesse período os Centros Populares de Cultura (CPCs), os MCPs e o Movimento de Educação e Base (MEB). Estes movimentos tinham suas particularidades e objetivos distintos, mas se uniam com um propósito em comum, que era “a transformação das estruturas sociais e, valorização da cultura do povo como sendo autêntica cultura nacional, em uma visão ideológica nacionalista, advogando a libertação do país dos laços de dependência com o exterior” (Saviani, 2019, p. 380).

Segundo Oliveira (2011, p. 111), Paulo Freire foi o principal idealizador da educação popular nos anos 1960 e “os Movimentos de Cultura Popular foram as principais agências de realização de experiências educacionais”. Nessa direção, em vários espaços e instituições, iniciativas de educação popular aconteciam no Brasil. Isto aconteceu em um contexto histórico que evidenciou um cenário socioeconômico de resistências populares contra a opressão e a alienação de uma cultura dominante sobre a cultura popular. A partir daí, a educação popular passou a ser vista como um meio de conscientização, com a participação política das massas a partir da tomada de consciência da realidade brasileira.

A autora afirma que os movimentos populares que visam a transformação social permitiram a ampliação do entendimento sobre cultura. Dessa forma, educação popular, cultura e mudança social caminham juntas para transformar os indivíduos, as práticas educacionais e a sociedade. Assim sendo, “a educação popular, surge do movimento de conquistar e inovar tanto o espaço escolar quanto os não escolares, já que os movimentos populares também são vistos como educativos, na perspectiva da transformação social” (Oliveira, 2011, p. 119).

De acordo com Freire (2013), a Pedagogia do Oprimido visa principalmente a restauração da intersubjetividade. Ou seja, busca reconstruir as relações humanas de forma que ninguém seja visto como mero objeto, mas como sujeito com sua própria voz, consciência e capacidade de agir no mundo. Logo, apresenta-se como a pedagogia do homem porque seu foco está na humanização plena, em contraste com processos que desumanizam. “A pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização” (Freire, 2013, p. 43).

Conforme Freire (1967), a Educação Popular emerge como um potente instrumento de transformação e libertação, despida de qualquer vestígio de alienação. Ela entende o ser humano

como protagonista de sua própria história e destaca a necessidade inadiável de conscientizar as massas brasileiras. Tal educação busca posicionar as pessoas em uma postura de autorreflexão e de análise crítica de seu contexto, promovendo uma aprendizagem genuinamente libertadora e profundamente respeitosa da pessoa humana.

Para Paulo Freire (1967), a democratização da cultura não é um aspecto secundário, mas uma dimensão fundamental do desenvolvimento humano e social. Ele argumenta que o acesso à cultura e ao conhecimento não pode ser um privilégio de poucos, mas um direito de todos. Isto implica que a cultura não é estática ou imposta “de cima para baixo”, mas um processo dinâmico de produção e apropriação, no qual todos podem e devem participar. Como afirma, o homem deve assumir “O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto” (Freire, 1967, p. 108); logo, a condição natural e desejável do ser humano é a de sujeito, e não a de objeto.

Segundo Freire (1967, p. 108), o conceito de cultura está diretamente ligado a criação humana. Assim, tanto a poesia dos poetas letrados, como a poesia do cancionero popular, são criações humanas, portanto provindas de saberes culturais. Nessa visão democrática e inclusiva, o autor considera que a cultura não é um domínio exclusivo de uma elite ou de formas de conhecimento formalmente reconhecidas, mas algo intrinsecamente ligado à criação humana.

É relevante citar o conceito de cultura a partir das ideias de Clifford Geertz (1998), que reúne e integra os ensaios semióticos que tornou fluente e representa um momento diferencial na história da antropologia; afirma que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise” (Geertz, 1998, p. 15). Estes significados são aquilo que nos permite interpretar a realidade, dar sentido às nossas experiências, interagir com os outros e agir no mundo, e incluem símbolos, valores, crenças, rituais, práticas e linguagens. Nesse sentido, a cultura não é imposta externamente nem é inata: é uma criação humana construída coletivamente pelas pessoas em suas interações. Isto implica que a cultura é dinâmica, passível de mudança e resultado da agência humana.

Para Geertz (1998), a cultura é a ciência do significado simbólico de ações e objetos materiais e imateriais que representam ações e objetos carregados de conteúdo simbólico semiótico. Entretanto, o comportamento humano é carregado de simbolismos que remetem à dimensão imaterial da cultura. Nesse sentido, “a cultura, esse documento de atuação, é, portanto, pública, como uma piscadela burlesca [...]. Embora uma ideiação, não existe na cabeça de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta” (Geertz, 1998, p. 20).

O autor reforça que a cultura é algo que se manifesta abertamente através da ação e da interação. Nesse contexto, a cultura é algo que se faz, que se representa no dia a dia; não é um manual de regras abstrato, mas um roteiro implícito que guia o comportamento e a interação.

Assim, as pessoas agem culturalmente, e estas ações são passíveis de interpretação.

1.4 A Educação Popular Negra Acontecendo no Espaço não Escolar

Os anos de 1970 a 1980, de acordo com Gadotti (2004), foram um período de luta e resistência política, no qual os movimentos sociais ganham força e anseiam pela democratização das relações econômico-político-sociais do Brasil. É um cenário no qual surgem novos sujeitos, que se constituem na comunidade e representam a emergência e uma nova configuração de classes populares trabalhadoras.

Nesse contexto, novos espaços educativos surgem. De acordo com Severo (2015), a Educação Não Formal (ENF) caracteriza-se como um conjunto de atividades formalizadas que explicitam intencionalidade educativa, ocorrendo fora do sistema educativo oficial. Assim, a ENF atua em uma prática educativa não escolar que atende a objetivos específicos e diferenciados. “A ENF está a serviço da formação das pessoas para a aquisição de saberes e a construção de práticas assinaladas por demandas de aprendizagens para o ócio, para o trabalho, para a participação social” (Severo, 2015, p. 570).

Libâneo (2010, p. 90) discorre sobre as modalidades de EF e ENF, sendo que a modalidade de Educação Informal (EI) está presente na vida das pessoas, nas relações que os indivíduos estabelecem e vivem e envolvem-se: “o ambiente das relações socioculturais e políticas impregnam a vida social e afetam e influenciam a educação das pessoas de modo necessário e inevitável, porém, não atual metodicamente”. Sobretudo, a educação informal abrange as interações sociais, os valores culturais, as normas da sociedade, as influências políticas e até mesmo as crenças e os costumes que circulam no ambiente em que vivemos. Logo, acontece por meio da observação, da imitação, das conversas informais e das experiências vivenciadas.

Em síntese, a educação informal é espontânea e difusa, ocorre em todos os momentos da vida, por meio da convivência e das interações com o meio social, cultural e político, moldando o indivíduo de maneira profunda, mas sem uma organização metódica ou intencional. Pois, somos constantemente influenciados e aprendemos fora dos espaços escolares ou de cursos, evidenciando a amplitude do processo educacional. Vale ressaltar que a educação popular, insere-se nessa modalidade de educação.

1.5 Educação Antirracista no contexto amapaense

A Educação Antirracista é uma abordagem pedagógica e política que se propõe ser ativa e intencional no combate ao racismo em suas múltiplas manifestações (individual, institucional e estrutural) e na promoção da equidade racial. Nesse contexto, o artigo “Políticas educacionais e diversidade cultural no Amapá: reflexões acerca da Lei Federal 10.639/2003 e Lei Estadual 1.196/2008 no âmbito escolar”, do autor Elivaldo Custódio (2016), traz à luz uma discussão acerca da aplicabilidade das referidas leis.

Custódio (2016) argumenta que a diversidade cultural é um patrimônio de direito bem valioso que precisa ser preservado e transmitido. Além disso, a diversidade cultural é um direito fundamental, o que significa que o acesso, a expressão e o reconhecimento das variadas formas culturais são tão essenciais para a dignidade humana quanto qualquer outro direito básico. Negar esta diversidade é, portanto, uma violação de direitos. Nesse sentido, “a diversidade cultural como patrimônio constitui um direito fundamental de toda a humanidade, pois se trata de uma série de manifestações que congrega variadas formas de saber, fazer e criar” (Custódio, 2016, p. 04).

Custódio (2016, p. 03) considera a Lei 10.639/03 “uma grande conquista para a educação brasileira, que, de certa forma, abriu mais espaço para a discussão sobre a discriminação racial e incentivou o maior contato com a riqueza da cultura africana e afro-brasileira”. Porém, os desafios são muitos em torno das políticas educacionais de inclusão e valorização da História da África e/ou Cultura Afro-brasileira, no espaço escolar.

A Lei n.10.639/03 inclui no currículo oficial da Rede de Ensino Brasileiro a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Esta Lei estipula que os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados deverão incluir em seu conteúdo programático o estudo da Cultura e História da África e dos Africanos (Custódio, 2016, p. 03).

Contudo, a lei representa um avanço civilizatório crucial, pois reconhece o papel fundamental da educação na reparação histórica, na valorização das identidades e na construção de um futuro com menos preconceito e mais respeito à diversidade racial e cultural do Brasil. Sobretudo, a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, é um marco legislativo de extrema relevância para a educação brasileira e para o combate ao racismo e à invisibilidade histórica dos povos africanos e afro-brasileiros.

Vale ressaltar que, mediante a força das pressões externas do Movimento Negro local, foi sancionada, em 2008, pelo Governo do Estado do Amapá, a Lei de nº 1.196, que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todo sistema de ensino público e particular amapaense. O texto da Lei nº 1.196/2008, além de estar em consonância

com a Lei Federal nº 10.639/2003, acrescentou as seguintes inovações:

[...] Art. 3º Caberá ao Conselho de Educação do Estado do Amapá, desenvolver as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas pela Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno/DF dentro do regime de colaboração e de autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas. Art. 4º O prazo para implementação do estabelecido no caput do art. 1º desta lei (torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira), será de 01 (um) ano, contados da publicação desta Lei. Parágrafo único. A Escola de Administração Pública do Estado disponibilizará curso de especialização para os professores de história da rede de ensino fundamental e médio, visando ao atendimento do ensino estabelecido no caput do art. 1º (Amapá, 2008).

De acordo com Custódio (2016), a Lei n.º 1.196/2008 teve origem no Núcleo de Educação Étnico-Racial (NEER), um órgão da Secretaria de Estado de Educação do Amapá (SEED). Sua criação foi resultado de uma importante reivindicação do Movimento Negro, que lutava por um núcleo dedicado à educação afrodescendente. Então, atendendo a estas demandas, a SEED instituiu o NEER em 29 de maio de 2008, por meio do Decreto n.º 4.258, publicado no Diário Oficial do Estado do Amapá no mesmo ano. Este decreto ressaltou a urgência de estruturar um núcleo focado nas relações étnico-raciais.

Outro importante marco legal é o Referencial Curricular Amapaense (RCA). Este documento foi elaborado por meio de um Regime de Colaboração entre o estado e os municípios, com o objetivo de orientar todas as escolas públicas (estaduais e municipais) e privadas, desde a Educação Infantil até os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), em conformidade com o referencial, enfatizam a autonomia da escola para desenvolver seus próprios currículos. Assim, as instituições podem moldar os conteúdos de cada área do conhecimento de acordo com a realidade de sua região. Isto garante que os temas sejam pertinentes a cada contexto e adequados às necessidades e características dos estudantes.

Nesse viés, as Diretrizes do Estado do Amapá (Amapá, 2014) expressam o significado de sustentabilidade no interior da prática escolar, ao mesmo tempo em que procuram garantir que o processo de ensinar e aprender seja uma relação entre os saberes das comunidades e o conhecimento científico. Além disso, o conhecimento regional das populações tradicionais do estado pode enveredar à elaboração de conteúdos que vinculem a prática à teoria e dar diagnósticos elementares para se ter a percepção da forma como se dá o tratamento necessário ao saber local e levar à formulação de um currículo mais próximo de nossa realidade.

Logo, o presente documento curricular do estado do Amapá segue as orientações das DCNs para a Educação Básica brasileira, considerando que a educação é um direito inalienável

de todos os cidadãos e condicionante para o exercício pleno dos direitos humanos. Assim, o documento do Amapá segue com:

A proposta Curricular do Estado se fundamenta na BNCC, com conteúdo contemplados e unificados em território nacional e, na sua diversificação, apresentam-se discussões necessárias à realidade amapaense. O documento estadual possibilita a ampliação de uma leitura indispensável aos propósitos da aprendizagem pautada na construção do conhecimento, norteando um momento importante e historicamente coerente para a educação do Estado do Amapá (Amapá, 2019, p. 77).

Conforme citado, a parte diversificada do currículo é ainda um motivo de muitas discussões diante da realidade amapaense, mas vale destacar que o município de Mazagão já construiu a sua matriz curricular, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conforme o documento, as discussões realizadas no processo de construção geraram um documento de base com as contribuições desses interlocutores, contendo elementos relativos às especificidades oriundas da realidade desses sujeitos. De maneira especial, dava-se visibilidade às práticas e às perspectivas em relação ao currículo almejado pelas escolas, que trazia as experiências dos saberes docentes como mobilizadoras da prática construída no cotidiano escolar, que muito tinham a dizer sobre o estudante e sobre os conhecimentos produzidos nas salas de aula.

Vale ressaltar que a definição de currículo da Matriz Curricular de Mazagão (MCMZ) está ancorada em uma concepção de currículo enquanto núcleo do projeto educacional, que contempla os interesses, os conhecimentos, as práticas e as representações sociais sobre a formação humana. Além disso, parte do entendimento de que o currículo é um campo de possibilidades que afirma a trajetória formativa do estudante para um determinado projeto na vida, de formação humana.

Ao contrário da prática de hierarquização de concepção excludente e negadora sobreposta ao currículo, aqui, afirma-se, uma outra concepção de origem e produto de relações sociais, políticas e culturais mais complexas na sociedade, que carrega, reconhece e afirma conhecimentos e práticas sociais, artísticas, produtivas e culturais, entre outras, dos estudantes e das comunidades, ancoradas na dimensão do trabalho educativo, individual e coletivo, na escola e na sociedade, validadas como conhecimentos legítimos que carregam experiências e saberes dessas ações coletivas, reconhecidos como sujeitos coletivos de memórias, histórias, culturas e de pertencimento à Amazônia mazaganense (Mazagão, 2022, p. 25-26).

A MCMZ, alinhada às políticas de Educação Escolar Quilombola, vem orientar, definir e consolidar um conjunto de aprendizagens que possam referir acerca de habilidades e

competências necessárias para serem atribuídas e consolidadas na Educação Escolar Quilombola, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, de maneira a promover:

A afirmação da identidade individual e coletiva dos jovens, adolescentes e adultos como Quilombolas, pertencentes e vinculados a territórios e espaços geográficos que foram construídos pela resistência histórica negra. Compreender-se na identidade de ser negro e negra, adquirindo particularidades no contexto cultural, político, geográfico e histórico brasileiro, tanto no que diz respeito à localização, quanto à origem sociocultural. Agir e desenvolver dimensões educacionais, sociais, políticas e culturais significativas que envolvam a vida das populações negras e dos quilombolas. Compreender a história das comunidades quilombolas tais como foram estabelecidas no Brasil no decorrer do período de colonização. Afirmar o reconhecimento dos territórios quilombolas e da identidade negra como uma forma de organização social com características próprias quanto ao uso das terras, em razão dos seus costumes, tradições e condições sociais. Enfrentar o racismo estrutural entendido como uma forma sistemática de discriminação, realizado por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens e discriminação de determinado grupo racial. Combater a discriminação racial presente nas relações sociais e econômicas e lutar pelas garantias fundamentais dos direitos aos negros, como o ingresso ao mercado de trabalho, o direito à educação, à saúde, à moradia, entre outros (Mazagão, 2022, p. 57-58).

A MCMZ destaca a importância da autoafirmação da identidade quilombola como um ato de resistência e um pilar para a luta por direitos e reconhecimento, em um contexto de enfrentamento ao racismo estrutural e à discriminação racial. Ou seja, reconhece a necessidade de conhecer e aceitar características individuais, coletivas, corporais, territoriais e ambientais relativas às relações étnico-raciais e quilombolas, como importante conquista para a garantia dos direitos fundamentais da população negra.

O CCRM atua como um espaço de educação informal, desenvolvendo um trabalho significativo com as crianças. Por meio de oficinas, o Centro ensina a produção de máscaras para a Festa de São Tiago, a confecção de caixas de Marabaixo, a criação de tambores de Batuque e Percussão, e a elaboração dos ladrões de Marabaixo. Assim, quando o centro abre as portas para a comunidade participar destas atividades, como a torração de cacau, a fabricação de beiju, entre outras atividades, ele está, na informalidade, fazendo um trabalho educativo que a escola oficial não oferece.

O trabalho desenvolvido pelo CCRM tem o papel de mobilizar e instrumentalizar as crianças para o fortalecimento da identidade cultural negra. Estas atividades constituem-se em elementos importantes, as discussões sobre as relações étnico-raciais quase nunca dialogam com o currículo da educação oficial. De acordo Oliveira (2015, p. 29) “a educação popular, nesta perspectiva, é a que o povo cria em contraposição a educação que é direcionada para o

povo, implicando na existência de uma participação efetiva das classes populares no processo educacional”.

Os movimentos populares lançaram um olhar crítico sobre a educação brasileira, denunciando seu caráter alienante e sua contribuição para a perpetuação de estruturas de dominação social. A análise desses movimentos aponta para uma educação comprometida com a reprodução de esquemas simbólicos, valores, conhecimentos e princípios que serviam aos interesses de grupos e classes dominantes. A figura abaixo retrata um momento de troca de saberes entre as crianças do grupo Raízes do Marabaixo e o grupo de percussão do grupo Rio Pandeiro do Rio de Janeiro em visitação ao Centro em novembro de 2023.

Figura 1 - Visita do Rio Pandeiro no Centro Cultural Raízes do Marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Como se observa, este é um exemplo de educação informal desenvolvida através Círculo de cultura idealizado por Paulo Freire, que é um espaço onde dialogicamente se ensina e se aprende. É exatamente esta troca que vivenciamos no CCRM, uma troca de saberes conforme demonstra a imagem, alinhada com a proposta de um modelo educacional de Paulo Freire (1967, p. 14):

O círculo se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social.

É necessário destacar que, no círculo de cultura freiriano, há uma troca, uma construção coletiva de conhecimento ligada à prática social, ou seja, às experiências vividas pelos

participantes em seu cotidiano. Logo, a finalidade desse debate é desenvolver uma postura livre e crítica em relação a essa prática social, pois isso significa não aceitar passivamente as realidades que nos são impostas.

O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem e, por meio desse processo de debate e reflexão, chegar-se a uma tomada de consciência de sua situação social. Está tomada de conscientização é o processo pelo qual os indivíduos deixam de ver sua realidade como algo natural e imutável e compreendem-na como produto de relações sociais, muitas vezes injustas e, portanto, passíveis de transformação.

Essa instrumentalização da educação informal promove a emancipação e o desenvolvimento pleno do indivíduo e reforça a igualdade cultural e social. Mesmo compreendendo a educação como um espaço de disputa ideológica, onde a construção do conhecimento e a formação do sujeito estão intrinsecamente ligadas às relações de poder vigentes, ao reproduzir os valores e a visão de mundo das elites, a educação, segundo essa perspectiva, legitima a ordem social estabelecida e silencia as vozes dissidentes. Assim, a luta por uma educação libertadora articula-se à luta por uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o conhecimento seja um instrumento de emancipação e não de dominação dos corpos e das mentes humanas.

Wanderley (2011) aponta que, na educação popular étnica racial comparada com a educação oficial, é perceptível que a identidade negra está associada a subalternizações, e aos tempos da escravidão e na colonização, descontextualizadas de sua cultura. Assim, o silêncio da história do povo negro e de seus conhecimentos trazidos da África é uma herança colonial que persiste até hoje na educação escolar, na qual o homem e a mulher negros são frequentemente associados a uma imagem de inferioridade e submissão.

O CCRM atua como espaço de cultura popular negra que, ao longo do tempo, socializa saberes e práticas educativas informais da cultura da própria comunidade. São formas de resistência e construção da identidade negra das crianças e pessoas ligadas aos saberes culturais da comunidade.

Para Gomes (2003), a cultura negra é vista como uma característica cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não isoladamente, mas no contato com outros grupos e povos. Esta cultura está presente no estilo de vida do povo brasileiro descendente de africanos escravizados, grupo negro da população brasileira.

A cultura negra possibilita aos negros a construção coletiva de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à

corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da história e de sua ancestralidade (Gomes, 2003, p. 79).

A autora destaca que a cultura negra é um pilar fundamental para a construção coletiva de uma história e de uma identidade para as pessoas negras. Ressalta ainda que a escola formal negligencia aspectos cruciais da cultura negra, sujeitando-a a um processo de cristalização ou folclorização cultural. Logo, ao comparar a cultura negra e a educação escolar, é perceptível o racismo presente nas relações e uma discrepância entre negros e brancos na sociedade brasileira.

Gomes (2003) ressalta ainda que a cultura negra é muito mais do que um conjunto de manifestações; ela é um instrumento vital de construção de identidade, resistência e empoderamento para a população negra, permitindo que ela se reconheça, se una e se posicione no mundo, resgatando e celebrando sua rica herança histórica e ancestral.

Gomes (2017, p. 21), na obra “O Movimento Negro Educador”, traz à luz que o “movimento negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil”. Ao trazer a discussão sobre o racismo para o âmbito público e questionar as políticas públicas e seu compromisso social com a superação das desigualdades raciais, destaca ainda que o movimento negro no Brasil redesignou e politizou a ideia de raça positivamente, entendendo-a como uma força de emancipação em vez de uma regulação conservadora.

Nessa circunstância, ao repensar a raça, esse movimento social questiona a própria história do Brasil e da população negra, criando novas formas de entender como o racismo se manifesta, não apenas na estrutura do Estado, mas também na rotina das vítimas. Nesse sentido, dá mais visibilidade à questão étnico-racial, considerando-a como um diferencial, e não como um obstáculo “para a construção de uma sociedade mais democrática, onde todos, reconhecidos na sua diferença, sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos” (Gomes, 2017, p. 21-22).

1.5.1 Contexto Histórico do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho

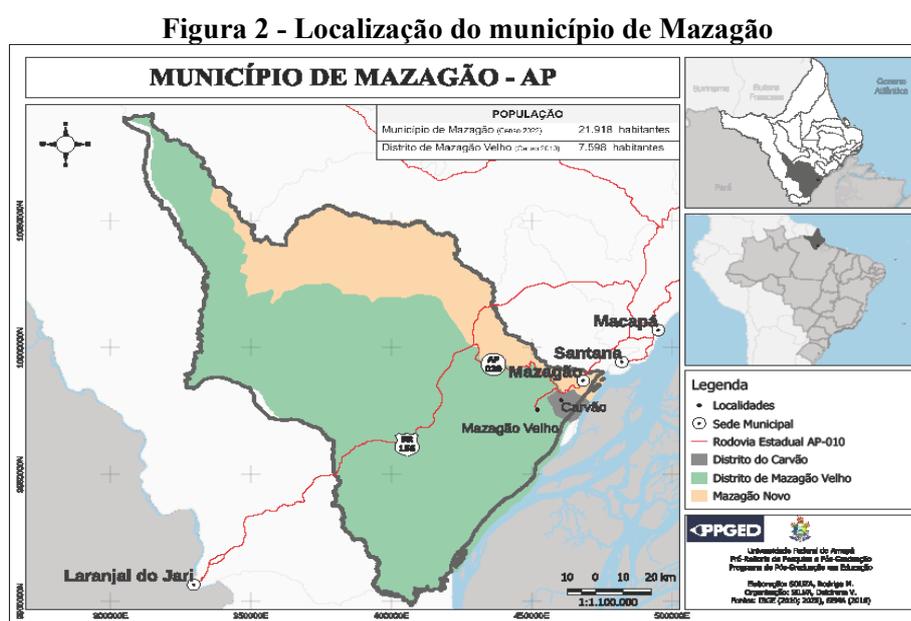
O Centro representa muita coisa pra nós, de coisas de negros, pra gente tá lá, tudo que a gente ia fazer era lá, aquelas nossas reuniões, nossas conversas, era uma coisa muito interessante. Logo no começo era assim (Joaquina Jacarandá, 71 anos, Depoimento 08/05/2024).

O depoimento de Joaquina Jacarandá, a popular Tia Joca (71 anos), nos revela o sentimento e saudosismo pelo Centro, que simboliza a resistência da cultura negra da comunidade de Mazagão Velho. Iniciamos a subseção com apresentação do Município de

Mazagão; em seguida, conheceremos a comunidade de Mazagão Velho, os saberes culturais de Mazagão Velho e a cultura popular, com a apresentação do CCRM e da Escola M. Agostinha Maria. Finalizamos com discussão a respeito da educação e a cultura popular no CCRM em Mazagão Velho, espaço não escolar.

1.5.2 Apresentação do Município de Mazagão-AP

O município de Mazagão foi criado pela Lei n. 226, em 28 de novembro de 1890; é localizado ao Sul do estado do Amapá e está entre seus municípios mais extensos, com um perímetro de 890 km². Segue na figura abaixo o mapa da localização do município.



Fonte: Souza (2023).

O mapa, elaborado por Rodrigo M. Souza, é baseado em informações do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 a 2023 e da Secretaria de Recursos Naturais e Meio Ambiente (SEMA), de 2023. Verificou-se que o município de Mazagão está localizado ao Norte do Brasil, no Estado do Amapá, na região sul amapaense. Limita-se: ao norte com três municípios, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande e Santana; a leste com Rio Amazonas; ao sul com Vitória do Jari; e a oeste com o município de Laranjal do Jari.

Em 15 de novembro de 1915 Mazagão foi oficialmente criado, sendo que possui três distritos: Mazagão, Carvão e Mazagão Velho. A sede do município abriga uma parcela da população estimada em 21.918 habitantes e o Distrito de Mazagão Velho tem população estimada em 7.598 habitantes e área é de 13.294,778 km², segundo o Censo Demográfico do

IBGE de 2022.

Mazagão é conhecida pelo seu cultivo e pelo seu grande potencial oleiro-cerâmico, ambos em declínio na região. No momento, a administração pública municipal é a base da economia local. O setor primário é representado pela criação de gado bovino, suíno, caprino e equino, além de avicultura e pesca. No extrativismo, é crucial a cultura da castanha-do-Brasil, a extração de madeira para a fabricação de carvão e móveis, a fabricação de açaí, algumas serrarias e a fabricação de tijolos. Nesse cenário, o comércio local começa a ganhar força, com a perspectiva de um crescimento gradativo. A comercialização de produtos rurais e a venda de pescados no mercado municipal atrai um grande quantitativo de pessoas, diariamente; nos sábados pela manhã, a movimentação é maior.

1.5.3 Conhecendo a Comunidade de Mazagão Velho

Esse é meu Mazagão Terra de meu coração
Que enfrentou mares e ventos em busca de um novo chão
Foi um povo sofredor, mas nunca desanimou
Quando pisou nessa Terra suas mangas arregaçou (Jozué da Conceição Videira).

Com o ladrão de marabaixo saudamos esta comunidade com sentimento de pertencimento e identificação com este lugar. A música expressa uma verdadeira declaração de amor e conexão profunda com a comunidade de Mazagão Velho. Apresentamos a seguir a vista aérea de Mazagão Velho, que vislumbra a beleza desse lugar, conforme a imagem abaixo do fotógrafo Gabriel Penha.

Figura 3 - Vista aérea do Distrito de Mazagão Velho-AP



Fonte: Penha (2020).

Mazagão Velho é uma pequena comunidade caracterizada pelo seu valioso patrimônio cultural, material e imaterial, pelas suas manifestações culturais/religiosas, pela natureza exuberante e pelo modo simples de viver dos seus moradores. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Distrito de Mazagão Velho, conforme dados do Censo Demográfico de 2022, tem uma população estimada em 7.598 habitantes. Além de sua relevância demográfica, a área territorial da comunidade de Mazagão Velho é notável por sua rica cultura e por uma história de fundação que remonta à migração de Marrocos/África para a Mazagão na Amazônia.

A autora Veronique Boyer (2008) apresenta um estudo sobre o contexto histórico de fundação da comunidade de Mazagão Velho, que é um dos mais relevantes patrimônios culturais da região. Isto porque revela a relevância histórica do povo amapaense, com um legado cultural de origem africana, indígena e portuguesa, que ultrapassou as barreiras do tempo e permanece ancestral nos dias atuais como um registro vivo, repassado de geração em geração, atuais e futuras, através da oralidade dos mantenedores da cultura de Mazagão Velho.

A antropóloga afirma que Mazagão Velho revive sua trajetória através da colonização da Amazônia, no século XVIII:

A cidade de Mazagão da Amazônia, no começo apresentou atributos de uma vila colonial organizada, constituída de quartel, igreja, e intendência, porém, abandonada pelos poderes públicos, devido seu difícil acesso, com ambiente desconhecido, que vitimou quase que todo povoado, com epidemias mortais. Mazagão perde a categoria de Vila, sendo transferida a sede do município para Mazaganópolis (Boyer, 2008, p. 14-15).

De acordo com a afirmação da autora, Mazagão Velho foi planejada e construída com o objetivo comercial da política de colonização na Amazônia. O historiador Laurent Vidal (2008) afirma que a política está ligada ao movimento de expansão do comércio pelo litoral do continente africano, e também à cristandade contra os reinos mouros. Em 1769, pressionados por estes reinos, os portugueses mudaram-se para a Amazônia para fundar a Vila Nova Mazagão. Logo abaixo, a imagem que representa a praça de referência na comunidade.

Figura 4 - Praça São Tiago em Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Conforme Pinheiro (2023), Mazagão Velho configura-se em uma comunidade tradicional como território de resistência, sendo que seus saberes são propícios para a afirmação da identidade cultural e étnica, além da preservação das manifestações tradições oriundas da ancestralidade. Os moradores responsáveis pelas celebrações festivas/culturais/religiosas esforçam-se para manter viva as tradições e heranças culturais que receberam de seus antepassados.

Este histórico é necessário para compreender um pouco o processo de construção histórica e cultural da comunidade de Mazagão Velho. Os moradores do distrito sobrevivem da agricultura, caça e pesca, beneficiários de Bolsa Família e funcionários do serviço público, federal, estadual e municipal. Na economia local, existe a presença de pequenos comerciantes que muitas vezes os moradores se deslocam até a sede do município para resolver ou comprar produtos que não há no distrito.

Mazagão tem uma Unidade Básica de Saúde (UBS), com um médico, um enfermeiro e

técnicos de enfermagem, que estão sempre disponíveis para atender a população. Se for necessário fazer procedimentos mais complexos, o paciente é levado para a unidade mista de saúde na sede do município, que fica entre 28 e 30 km.

A Companhia de Água e Esgoto do Amapá (CAESA) não fornece água para a comunidade, sendo que os poços amazonas são de propriedade dos moradores para uso próprio.

Na comunidade há um agente distrital, nomeado pelo prefeito, que cuida da limpeza e organização da vila. As principais vias públicas são pavimentadas com paralelepípedos, e as casas são construídas em madeira, alvenaria e materiais mistos. A estrada que liga Mazagão Velho à sede do município já foi asfaltada, o que tornou mais fácil o acesso à comunidade e o deslocamento dos habitantes. Os habitantes preferem utilizar o rio para se deslocar para outras comunidades ribeirinhas. Os transportes utilizados são embarcações como canoas, rabetas, barcos de pequeno porte e voadeiras. O balneário Rio Mutuacá é um dos lugares mais procurados pelos turistas, sendo que a orla está sempre cheia de banhistas nos finais de semana.

Mazagão Velho tem sua relevância nas manifestações tradicionais/religiosas, que fazem parte do extenso calendário cultural que acontece anualmente no distrito. De acordo com Moura (2012, p. 33), “o calendário religioso se assemelha ao calendário católico popular; as festas são constantes”. Nesse sentido, festejar une e identifica as pessoas e suas tradições. “A vida nas comunidades negras rurais é intercalada por sons dos instrumentos de trabalho no campo e batidas de tambores nas festas, percussões que contam história, lutas, alegrias e tristezas do povo negro” (Moura, 2012, p. 69). A seguir, o quadro demonstrativo do calendário das manifestações culturais de Mazagão Velho.

Quadro 2 - Calendário Festivo/Cultural de Mazagão Velho-AP

CALENDÁRIO FESTIVO/CULTURAL DE MAZAGÃO VELHO			
DATA	FESTIVIDADE	DATA	FESTIVIDADE
06 de janeiro	Santos Reis	15 de agosto	Dia de Nossa Senhora da Assunção (padroeira de Mazagão)
06 a 10 de janeiro	Festa de São Gonçalo	16 a 25 de agosto	Festa do Divino Espírito Santo
23 de janeiro	Aniversário da Vila de Mazagão Velho	07 e 08 de setembro	Festa de Nossa Senhora da Luz
19 de março	Festa de São José	12 de outubro	Nossa Senhora Aparecida
Data móvel	Semana Santa	30 e 31 de outubro	Festa de Nossa Senhora do Rosário
23 de abril	Festa de São Jorge	01 de novembro	Dia de Todos os Santos
13 de maio	Projeto avença - Dia da Abolição da escravatura	02 de novembro	Dia de Finados
31 de maio	Festa de Santa Maria	20 de novembro	Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra
13 de junho	Festa de Santo Antônio	8 de dezembro	Festa de Nossa Senhora da Conceição

03 a 12 de julho	Festa de Nossa Senhora da Piedade	25 de dezembro	Celebração Santo Natal
16 a 28 de julho	Festa de São Tiago	26/30 de dezembro	Apresentações Ato de Natal das Pastorinhas

Fonte: Elaboração própria (2024).

Boyer (2008, p. 20), ao analisar a relevância dada à festa de São Tiago, em relação às outras festividades do calendário festivo/cultural da comunidade de Mazagão Velho, afirma que: “A festa de São Tiago é tida como a maior e mais antiga manifestação cultural popular do Amapá, enquanto por sua vez o Marabaixo é associado ao talento e à memória de um segmento particular da população”.

A autora salienta que: “A festa é, portanto, uma fonte incontestável de prestígio e a transformação da vila nessa época [...] Por isto, os habitantes não hesitam em compará-la a um milagre ou a uma benção que vai se repetindo a cada ano: ‘O Natal está em julho’” (Boyer, 2008, p. 16). Dessa forma, Mazagão, no mês de julho, transforma-se em uma vila assistida e administrada pelo poder público municipal para receber os visitantes para a festividade de São Tiago. A UBS fica disponível 24 horas durante os festejos de São Tiago, além de haver transporte alternativo de hora em hora, feiras de artesanatos e agricultura, praça de alimentação, etc. As autoridades marcam presença e a imprensa registra tudo.

Vale destacar que em Mazagão Velho está localizado o CCRM, além da Casa de Cultura Municipal Oldacina, que foi inaugurada em 23 de julho de 2023. Trata-se de uma espécie de museu, um local para visitação, construído pelo município sob a gestão atual do prefeito João Costa. A imagem abaixo mostra a fachada do local, destinado a atividades culturais, que contém galerias com exposições de objetos ligados às manifestações culturais da comunidade, pois o local funciona como um espaço de fomento dos saberes culturais da comunidade de Mazagão Velho.

Figura 5 – Fachada e galerias da Casa de Cultura Municipal Dona Oldacina



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

O espaço físico contém um salão de exposição com indumentárias dos figurantes da festa de São Tiago e painéis com imagens de momento dos episódios das festividades de Mazagão Velho. Além disso, há uma segunda sala com exposição de instrumentos de percussão, tambores de Batuque e Marabaixo. A terceira sala é decorada com banners e registros de festas e contexto histórico da fundação da Vila de Mazagão Velho.

Ao fazer uma comparação entre os dois espaços de cultura, percebe-se que o CCRM foi criado visando promover ações educativas dos saberes tradicionais locais. Já a casa de cultura é um espaço construído e gerenciado pela instituição pública, para a visitação. A casa de cultura Dona Oldacina é um espaço de exposição de artefatos ligados à cultura e às tradições locais, construído pela instituição Pública Municipal, enquanto o CCRM foi construído pelos moradores da comunidade, com objetivo de manter viva a história e a ancestralidade, símbolo de resistência negra – que infelizmente vem sofrendo desgastes e encontra-se fechado, mas que tem uma história de realizações ao longo dos anos na comunidade.

1.5.4 Saberes Culturais de Mazagão Velho e a cultura popular

Para analisar o conceito de Saberes Culturais é necessário, primeiramente, definir o conceito de cultura e sua complexidade. Denys Cuche (2002) e Terry Eagleton (2000) afirmam que, nas ciências sociais, o termo cultura evoluiu para uma grande diversidade de uso das populações humanas. Assim, “a cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem a suas necessidades e seus projetos” (Cuche, 2002, p. 10).

Hall (2016) considera o conceito de cultura complexo nas ciências sociais e humanas.

Assim, cultura, em termos tradicionais, é vista, como algo que engloba o que de melhor foi pensado e dito numa sociedade. Nessa direção, em uma visão mais próxima das ciências sociais, o termo cultura passou a ser utilizada para aludir “a tudo que seja característico sobre o modo de vida de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (Hall, 2016, p. 19).

Certamente que o termo cultura é muito mais abrangente e complexo por definição, pois diz respeito às vivências dos sujeitos e seus grupos sociais e tudo que as sociedades antigas e atuais construíram e constroem historicamente. “Cultura [...] diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social” (Gomes, 2003, p. 75).

Contemporaneamente, o conceito de saberes culturais vem sendo cada vez mais discutido e estudado. É certo que as sociedades humanas produzem conhecimentos através da oralidade, criam e transmitem saberes em um processo dinâmico e formam o rico patrimônio cultural material e imaterial de um povo. Neste sentido, Lima (2011, p. 61) discorre que falar sobre saberes culturais é uma tarefa tão complexa quanto a diversidade de saberes das populações amazônicas.

Cultura é um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade ou que ele é resultado do meio cultural em que foi socializado, herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam (Lima, 2011, p. 61).

É certo que os saberes culturais compõem a diversidade de conhecimentos; isto implica em uma tarefa complexa, que remete ao acúmulo de conhecimentos adquiridos, socializados e herdados por meio de um longo processo evolutivo do homem em sociedade, ao longo dos tempos (Lima, 2011). O autor explicita que os saberes culturais são tarefa complexa, que remete ao acúmulo de conhecimentos adquiridos, socializados e herdados por meio de um longo processo evolutivo do homem em sociedade, ao longo do tempo.

Quando pensamos na cultura em comunidades tradicionais negras, como é caso de Mazagão Velho, é possível observar os percursos históricos identitários que seus descendentes experimentaram para compor seu rico patrimônio cultural. Dentro dessa conjuntura, encontram-se os saberes que compõem a identidade e a vida dos mazaganenses na Amazônia Amapaense. Nessa direção, os saberes tradicionais de Mazagão Velho estão ligados às expressões culturais e aos fazeres dos moradores e são relevantes à manutenção e salvaguarda da cultura da

comunidade de Mazagão.

Na produção das máscaras utilizadas pelos brincantes na festividade de São Tiago, o senhor Elivaldo Pinto Soares é o responsável pela produção das máscaras. Vale destacar que este saber já está sendo passado para os filhos, e a produção é feita na própria casa do senhor Elivaldo. Quanto à produção das máscaras, um recurso natural é utilizado, argila, assim como papéis reciclados e goma para o acabamento das peças. A imagem abaixo representa a produção de máscaras do Sr. Elivaldo Pinto, um dos artesãos que trabalha há muitos anos na comunidade com as produções de máscaras especificamente para a festividade de São Tiago.

Figura 6 - Elivaldo Soares produção de Máscaras



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Assim, concordamos com Santos (2009) ao afirmar que os saberes culturais são conhecimentos produzidos pelas gerações, com sentido de pertencimento marcado pelas formas e modos de viver e compreender o mundo.

Vale ressaltar que outras pessoas na comunidade vêm produzindo e comercializando máscaras, como o Sr. Jozué Videira e o Sr. Pedro Monteiro, artesãos que, juntos, produziram e realizaram a primeira exposição de máscaras na comunidade de Mazagão Velho. As máscaras ganham formatos e rostos diferentes, com cores fortes e vibrantes, sendo peças que vêm conquistando compradores para decoração de ambientes. Logo abaixo, a imagem da exposição de máscaras dos artesãos Sr. Jozué Videira e Pedro Monteiro, na festa de aniversário de Mazagão Velho.

Figura 7 - Exposição de máscaras dos artesãos Jozué Videira e Pedro Monteiro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

As máscaras são saberes culturais ligados diretamente à festividade de São Tiago; antigamente, eram produzidas somente para a representatividade, porém, ultimamente os vem aumentando o número de pessoas produzindo e para comercializando peças para decoração.

A confecção de bijuterias é também uma fonte de renda para muitos moradores artesãos; a imagem a seguir representa a produção de colares do artesão Antônio José Pinto.

Figura 8 - Artesão prof. Antônio José Pinto, produção de colares com tambor de Marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Destacamos a produção de colares com tambor em miniatura, que simboliza o instrumento de percussão do Marabaixo. É um dos saberes que os artesãos desenvolvem suas próprias técnicas. São divulgadas nas festividades do Divino Espírito Santo ou no decorrer do ano. Os artesões participam de feiras e eventos culturais na comunidade.

Para a produção dos colares, sob as técnicas do artesão Antônio José, são utilizados elementos da natureza como: sementes, lágrima de nossa senhora, bambu, caroços de tucumã, e outros materiais como pele de carneiro, cabo de vassoura, lixa, tinta vermelha, pedaços de PVC-3/4, fio de náilon, tesoura, faca e/ou estilete. Trata-se de um trabalho totalmente artesanal.

O artesão professor Antônio José é um dos mais antigos na arte de produção dos colares, sendo que há 20 anos vem produzindo as peças, que representam a tradição do Marabaixo e sua ligação com a cultura de Mazagão Velho. Nesse sentido, Gomes (2003, p. 75) sintetiza que a cultura “[...] diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social”.

É importante também citar a produção dos meios de sobrevivência, ou seja, dos alimentos consumidos. Além da produção de farinha de mandioca, destacamos o açaí e a bacaba, dois frutos que geram vinhos saborosos em territórios amapaenses.

A bacaba ganha destaque no início do ano e muitos moradores na comunidade comercializam este produto ao preço de 10 reais o litro, gerando uma fonte de renda extra para alguns e, para outros, renda única. O fruto é extraído da Bacabeira, palmeira de grande porte; depois, é realizado um trabalho artesanal, sendo amassado com as mãos e peneirado com um coador artesanal, confeccionado com tela e madeira. A imagem abaixo mostra momento em que o Sr. Jucélio Silveira amassava e peneirava o vinho da bacaba.

Figura 9 - Produção da bacaba Senhor Jucélio Silveira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Assim, através desta técnica artesanal, o Sr. Jucélio Silveira sustenta sua família. No momento da imagem, em que amassava os frutos da bacaba, nos relatou que aprendeu a extrair

o vinho da bacaba vendo outras pessoas de sua família fazerem o preparo deste precioso líquido de que muitos gostam.

A cerâmica é outra atividade que gera renda para muitas pessoas na comunidade; a loja “Associação Maraca e Cunani em Argila” da artesã, Eleni Lima, ganha destaque. Ela aprendeu a arte com cerâmica aos 12 anos de idade, com seu pai, e gradualmente foi desenvolvendo novas técnicas de produção, com destaque à produção de utensílios domésticos. Depois criou, junto com o marido e os filhos, a sua própria olaria. Em memória a essa grande artista, os parentes continuam incansáveis na criação das peças e na transmissão dos conhecimentos adquiridos e transmitidos de pai para filho. A loja está localizada na rua Senador Flecha, nº 1001, em Mazagão Velho-AP. A loja é aberta de segunda a domingo e as peças são de variados tamanhos, podendo ser visualizada na figura abaixo, junto de seu proprietário, Sr. Vicente.

Figura 10 - Loja Associação Maracá e Cunani em Argila



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

O filho mais velho, o jovem artesão Ezequiel, aprendeu com a mãe; porém, vem desenvolvendo novas técnicas, como lembrancinhas temáticas e arte em pratos. As peças são produzidas por ele e a esposa; algumas vezes um grupo de pessoas dão suporte para acelerar a entrega das encomendas.

O artesanato é um forte meio de sobrevivência na comunidade, sendo que a família de dona Zilma e sua filha Mayara, artesãs de carteirinha, criaram sua marca “Crochê Belas Artes”, sendo que as peças são produzidas e comercializadas na própria casa e em feiras de artesanatos. Na imagem abaixo, apresentamos o registro de algumas peças da loja; os tapetes são criados com linhas (barbantes) e tecidos de diferentes cores e tamanhos.

Figura 11 - “Crochê Belas Artes” Zilma e Mayara



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

As artesãs nos relataram que passam horas separando os tecidos, cortam em tiras e combinam as cores e tecem, montando jogos para banheiro e cozinha. Os preços variam de acordo com as peças, tamanhos e linhas (barbantes e tecidos).

Destacamos ainda as festas religiosas como São Tiago, Divino Espírito Santo e Marabaixo, dentre outras. A transmissão dos conhecimentos é marcante através da oralidade dos mais velhos repassada aos mais jovens. Nesse sentido, “as comunidades negras rurais onde se agrupam descendentes de escravos que vivem da cultura de subsistência. Apresentam uma forte ligação ancestral e são constantemente recriadas” (Moura, 2016, p. 32).

Diante do rico acervo das celebrações festivas, apresentamos a Festa de São Tiago. De acordo com a histórico de fundação da vila de Mazagão Velho, a celebração iniciou-se no ano de 1777, realizada no mês de julho, no período de 16 a 28.

Segundo Laurent Vidal (2008), a festa de São Tiago de Mazagão Velho celebra as lutas entre cristãos e mouros ocorridas no continente africano, cuja origem remonta ao período colonial, por volta de 1769. Assim, após serem pressionados pelos reinos mouros, os portugueses deixaram Mazagão, no Marrocos. Com a evacuação, os moradores da fortaleza foram enviados para a Amazônia, onde fundaram a Vila Nova de Mazagão.

Sobre a festa de São Tiago, o jornalista Gabriel Penha, no livro fotográfico “Povo de Cultura e Fé” (2017, p. 38) afirma que: “a Festa de São Tiago [...] é realizada ininterruptamente desde o ano de 1777 e mistura sincretismo religioso, cavalhada e teatro a céu aberto para retratar a guerra entre mouros e cristãos, narrando em cenário aberto, para retratar a guerra entre mouros e cristãos”.

Nesse sentido, a Festa de São Tiago representa não só uma celebração religiosa, mas um espetáculo cultural que combina fé, história, lenda e manifestações artísticas da cultura popular de notável resiliência ao longo do tempo. É um evento que serve como um elo entre o passado e o presente, mantendo viva uma tradição rica e cheia de simbolismo, sincretismos e

significado para a comunidade. A Figura 12 representa o momento em que se reúne um grande público católico para celebração a procissão de São Tiago no dia 25 de julho, na festividade de São Tiago. A procissão acontece logo após a missa campal.

Figura 12 - Procissão de São Tiago no dia 25 de julho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Ainda sobre a festividade de São Tiago, vale destacar que o ponto alto da festa é a parte religiosa e cultural. Os rituais e episódios são narrados e o cenário são as ruas da comunidade. Conforme a imagem acima, as ruas próximas à igreja ficam tomadas de pessoas para prestigiar a festa.

A festividade do Divino Espírito Santo é uma das tradicionais de Mazagão Velho, ou seja, uma das mais importantes celebrações na comunidade. A realização da festa acontece por meio de uma comissão de foliãs(ões), pais das figurantes e simpatizantes dos festejos. Boyer (2008, p. 17) afirma que “a organização da festa do Divino Espírito Santo depende por inteiro da boa vontade dos habitantes”. Ou seja, a festa é realizada pelos moradores, sem ajuda e prestígio do poder público, como a festa de São Tiago.

De acordo com Silva, Videira e Custódio (2022, p. 13), ocorre nessa festividade do Divino Espírito Santo “a coroação da Imperatriz, cujo protagonismo é exercido e conferido a um corpus feminino, composto por mulheres negras plurais, [...] que se dedicam a zelar e promover a competência milagrosa do Santo ao longo de séculos na comunidade”. A Figura 13 registra o momento em que a imperatriz foi coroada Rainha pelas mãos de tia Joca, sobre um canto entoado pelas senhoras folionas (empregadas do Divino), ao som das caixas dos caixeiros que acompanham o cortejo da majestade Rainha. A imagem revela ainda que as participantes

são crianças vestidas de branco.

Figura 13 - Coroação da Imperatriz na Festa do Divino



Fonte: Penha (2023).

Videira (2013, p. 75) aponta que “grande parte das festas praticadas nas comunidades negras do Amapá estão ligadas ao calendário religioso católico”. Nesse sentido, o calendário festivo segue a realidade local. O Marabaixo de Rua acontece no dia 24 de agosto para louvar o Divino Espírito Santo, em Mazagão Velho.

O cortejo em tela é constituído pela Comitativa do Divino, pelo Grupo Cultural Raízes do Marabaixo, grupos culturais e comunidade em geral, que saem às ruas da comunidade para louvar o Divino Espírito Santo. Logo, homens, mulheres e crianças, com seus trajes de marabaixo, seguem os caixeiros cantando e dançando marabaixo. O bandeirista segue na frente levando o estandarte do Divino, decorado com ramos e flores coloridas. Conforme registro a seguir, momento da passagem do marabaixo pelas ruas e avenidas da comunidade de Mazagão Velho no dia 24 de agosto de 2023.

Figura 14 - Passagem do Marabaixo pelas Rua de Mazagão Velho



Fonte: Penha (2023).

Conforme Videira (2010, p. 76), o marabaixo é mais do que uma dança circular; ele é um símbolo de “ancestralidade, circularidade de saberes, proteção da energia coletiva”. Nesse sentido, as danças circulares, como o marabaixo, são intrínsecas a culturas que valorizam a coletividade em seus momentos de celebração. A autora ainda destaca que as festas afro-amapaenses são conduzidas pelas comunidades com seriedade, respeito e cuidado zeloso, reforçando a importância cultural e religiosa destas manifestações em comunidades rurais.

Moura (2012, p. 111) aponta que as festas e os rituais religiosos, em comunidades de quilombo/rurais são eventos de grande força e significação comunitárias. Considera que as “Festas ratificam o modo de expressão da identidade do grupo e da sua luta desde os antepassados”. Assim, as comunidades negras rurais caracterizam-se pelo modo de vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, cantar e dançar músicas tradicionais.

1.5.5 Apresentação do Centro Cultural Raízes do Marabaixo e Escola Agostinha Maria na Comunidade de Mazagão Velho

O CCRM teve sua construção motivada por pessoas da comunidade. O espaço físico contém, um salão de eventos, um escritório, uma cozinha e banheiros. Há objetos que são utilizados nas oficinas, como podemos observar nas imagens a seguir, que representam a área interna do Centro, salão de eventos e objetos utilizados durante os festejos e as oficinas.

Figura 15 - Salão de eventos e objetos das oficinas do CCRM de Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Nesse espaço de cultura são realizadas oficinas fabricação de instrumentos de percussão, batuque e Marabaixo, encontros, reuniões e eventos. Também é feita a produção de bijus e torração de cacau, além de lanches servidos nos dias de festas santorais, como festa de Nossa Senhora da Piedade, Festa do Divino Espírito Santo, festa de Nossa Senhora da Luz, entre outras.

Segundo Jozué da Conceição Videira (57 anos), ele se tornou o coordenador do CCRM motivado em sua infância por um grupo de moradores que participavam das festividades culturais na comunidade. O grupo de senhoras folionas do Divino Espírito Santo e o mestre Bilo Nunes pediam para que não deixassem a cultura morrer. A partir daí surgiu a ideia de desenvolver um projeto com as crianças, a fim de garantir a continuidade da cultura. Em 1985, Jozué aprendeu a tocar caixa e produzir instrumentos de percussão, e começou gradualmente a compor letras de marabaixo. Teve como orientadores o senhor Memésio e a dona Oldacina, (foliã do Divino). Assim, esses saberes tornam-se ações educativas fora da escola, reforçando a “noção de educação ao longo de toda a vida [...] um processo que acompanha a vida das pessoas, preparando-as para o seu exercício social” (Severo, 2015, p. 566).

A primeira oficina foi patrocinada pela secretaria da acessória da Juventude na gestão de Katia Farias. Os encontros e as oficinas aconteciam debaixo das árvores de pé de acerola e cajueiros no quintal da casa do coordenador Sr. Jozué. Mais tarde, construiu um barzinho, o qual foi batizado de “Bar Aleluia”. Nesse espaço, os encontros e as reuniões aconteciam. O grupo não tinha nome, então recebeu provisório de “grupo comunidade de Mazagão Velho”. As apresentações aconteciam com todos juntos, sendo que as crianças faziam a abertura e os adultos terminavam.

O grupo foi se desenvolvendo, e mais crianças queriam fazer parte. Em 1997 e 1998,

firmou-se uma parceria com o Sr. Carlitão e a Banda Placa, com bons frutos, como projetos e apresentações em escolas de Macapá, e a realização da festa de aniversário de fundação da Vila de Mazagão Velho, todos os anos. Assim sendo, em 2004, o grupo lançou seu primeiro disco, intitulado “Mazagão Velho, Dois Séculos de Cultura”. O grupo crescia e percebeu a necessidade de um nome definitivo. Com a motivação de comprar um terreno para a construção do espaço físico para guardar os materiais e para as reuniões do grupo, então, foi realizada a eleição para a escolha do nome do grupo. O nome escolhido, tanto do grupo infantil quanto de adultos, foi “Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho”.

Sendo assim, a criação do grupo e o espaço físico já eram cogitados bem antes do projeto “Emplacando”, da Banda Placa, do músico Carlos Augusto Gomes, o Carlitão. O ponto de cultura da banda Placa foi aprovado em 29 de outubro de 2008 por meio do edital de número 001. O projeto Emplacando funciona como um meio de articulação de ações e projetos criados pelo Placa e de execução de parcerias, inclusive com o grupo Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho. Gomes e Gomes (2019) afirmam, no livro “Luz Banda Placa”, que:

O Placa é uma entidade com título de utilidade pública, no âmbito do Estado do Amapá. Sociedade civil, sem fins lucrativos, sediada na Avenida Mendonça Furtado, 2370, Bairro Santa Rita, Macapá-AP, conforme o dispositivo da lei n.º 0027, de dezembro de 1992, publicada no Diário Oficial do Estado n.º 4267, de 11 de junho de 2008 (Gomes; Gomes, 2019, p. 82).

Com base nisso, o ponto de cultura da Banda Placa foi aprovado no edital de nº 001, de 29 de outubro de 2008. Lançado pelo governo do estado do Amapá, tornou público o convite às organizações da sociedade civil, sem fins lucrativos, legalmente constituídas e que desenvolvam ações de caráter cultural, para que apresentem propostas à primeira edição estadual do programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura, nos termos das leis n.º 8666/93 e lei n.º 8.313/91, IN/STN 01/97, além do Decreto-Lei n.º 6226, de 04 de outubro de 2007 do Estado do Amapá e nas condições e exigências estabelecidas no referido edital.

Dessa forma, no dia 21 de fevereiro de 2010, ocorreu a inauguração do “Projeto Emplacando”, na vila de Mazagão Velho. O evento contou com a presença de autoridades, como o secretário de cultura da época, o senhor João Milhomem, representantes do grupo Raízes do Bolão da comunidade do Curiaú-AP, e Jozué Videira, representante do grupo Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho. A motivação e a cooperação das entidades resultaram em diversas ações e eventos culturais, como: a festa de aniversário da Fundação da Vila de Mazagão Velho; a primeira oficina de construção de Caixas de Marabaixo, capacitando 28 pessoas; e o início do “trabalho com as crianças e adolescentes, ensinando, de forma contínua,

o canto, a dança e o toque do marabaixo e do batuque” (Gomes; Gomes, 2019, p. 93).

Os MCPs e os Movimentos Sociais e Culturais surgidos no Brasil nos anos 1960, liderados por intelectuais estudantes, mobilizaram a sociedade civil naquela época. É uma proposta de educação popular conforme citado por Paulo Freire nos anos 60, com o objetivo de incentivar a educação de adultos com base na sua cultura.

Nesse sentido, a ação educativa que permeia no Centro configura-se nos conceitos da educação popular, provenientes dos saberes da cultura das práticas sociais. No entanto, os centros de cultura negra, sobretudo, são bens simbólicos que se tornam um lugar privilegiado para práticas educativas que vão além da educação formal e que dão suporte às ações culturais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof^a Agostinha Maria da Silva Penha é Pessoa Jurídica de direito público, autorizada a funcionar pelo Decreto Municipal N^o 041 de 10 de fevereiro de 2023 para atender o Ensino Fundamental I. Abaixo a fachada e entrada principal da escola na comunidade de Mazagão Velho.

Figura 16 - Fachada da EMEF Prof^a Agostinha Maria da Silva Penha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A escola³ integra o Sistema Municipal de Ensino e, portanto, está submetido às diretrizes e normas previstas na legislação específica, mais precisamente a Lei Federal 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a Lei complementar 170/98 - Lei do Sistema de Ensino Municipal de Mazagão.

O nome da instituição foi escolhido através de votação realizada junto à câmara de vereadores, com participação de profissionais da Educação e a comunidade em geral. Trata-se

³ As informações da EMEF Prof^a Agostinha Maria da Silva Penha foram retiradas do PPP da escola, referente ao ano de 2023.

de uma homenagem a Agostinha Maria da Silva Penha, nascida e criada em Mazagão Velho, que se formou professora, atuando em diversas comunidades do município de Mazagão, mas foi em Mazagão Velho que ela mais exerceu sua função, tendo sido Diretora do antigo Pré-escolar Tia Anastácia, hoje EMEI Vó Olga. Professora Duta, como era conhecida em toda vila, era amante da natureza, cultivava plantas, dedicava-se aos animais, tinha uma religiosidade católica apurada, empenhava-se nas diversas festividades e programações da igreja e era assídua participante das programações culturais do distrito. Duta era amada, querida e admirada e nos traz muito orgulho tê-la como nossa patrona.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, em seus princípios filosóficos, estabelece que a instituição está integrada em um contexto local e universal. A educação é compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento e aprendizagem, onde o indivíduo interage ativamente na construção de conhecimentos e saberes.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) tem como objetivo central a formação de um ser humano autônomo, capaz de transformar a realidade. Para alcançar essa meta, o documento busca promover um indivíduo que seja comprometido com seu próprio desenvolvimento e com o bem-estar da coletividade. Essa formação se concretiza através do estímulo a habilidades como aprender a aprender, a conviver, a ser, e a pensar e agir com consciência crítica e responsável.

A escola, conforme o documento, compromete-se com o desenvolvimento integral do aluno, promovendo a participação coletiva em uma educação significativa. O objetivo é preparar futuros cidadãos responsáveis e engajados com sua comunidade, valorizando a cultura como prática pedagógica voltada para a convivência social e solidária.

Como mencionado na introdução do trabalho, a escola vem desenvolvendo projetos ligados à cultura da comunidade. A imagem a seguir retrata o desfile 7 de setembro em 2024 da escola, com a temática “Resgatando a Cultura Local: saberes e tradições que fazem parte da identidade cultural da comunidade de Mazagão Velho.

Figura 17 - Faixa com tema desfile da EMEF Profª Agostinha Maria da Silva Penha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Ainda sobre o desfile, conforme a imagem acima, professores, pessoal do apoio e estudantes estavam todos empenhados no projeto. Levaram para o desfile cordões do Bem-te-vi, a barquinha e a Ema. Estes cordões já não são mais usados e a escola trouxe como forma de homenagem e reflexão sobre a importância de resgatar essas festas populares que fazem parte dos saberes da comunidade.

1.5.6 A Educação e a Cultura Popular no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho, Espaço não Escolar

Segundo Pinheiro (2023, p. 52), o CCRM é um espaço comunitário de preservação da cultura negra, sendo que “atua como um espaço que proporciona lazer, cultura, educação, entretenimento e que pode ser enquadrado nos direitos socioculturais que a comunidade negra reivindica, no que diz respeito a preservação de seus saberes e conhecimentos”.

De acordo com Estatuto da Igualdade Racial, Lei n.º 12.288/2010, no capítulo II, Artigos 9º e 10º:

Art. 9º A população negra tem direito a participar de atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer adequadas a seus interesses e condições, de modo a contribuir para o patrimônio cultural de sua comunidade e da sociedade brasileira.

Art. 10º Apoio à iniciativa de entidades que mantenham espaço para promoção social e cultural da população negra; desenvolvimento de campanhas educativas, inclusive nas escolas, para que a solidariedade aos membros da população negra faça parte da cultura de toda a sociedade; (Brasil, 2010, p.

18).

Diante desse direito legal, relacionados aos saberes culturais, o CCRM, vem contribuindo com a comunidade de Mazagão Velho, para o fortalecimento, preservação da cultura negra mazaganense. Nesse sentido, Gomes e Gomes (2019), no livro “Luz Banda Placa”, em 2005, sob o foco do projeto emplacando, inicia um trabalho com as crianças e adolescentes, no CCRM, ensinando continuamente, o canto, a dança e o toque do Marabaixo e do batuque. Este trabalho rendeu, em 2008, o segundo CD denominado “Nossas Tradições”, cantado em maioria por crianças e adolescentes. Também em parceria com a Placa Esporte Clube, foi criado em novembro de 2006, a escolinha de voleibol “Acendino Jacarandá”, que atendeu 80 crianças e adolescentes.

Em 22 de fevereiro de 2010, iniciou a primeira oficina de percussão, coordenada por Jozué Videira e monitores voluntários (Antônio José, Manoel Duarte, Rosangela, Magno e Paula). As crianças e adolescentes participaram com grande expressividade, atentas às orientações dadas pelos seus instrutores. Já a oficina de musicalidade foi ministrada pelos seguintes monitores: Grilo, Álvaro, Álvaro Gomes e Diego Gomes.

Nessa direção, as oficinas de música foram realizadas aos domingos pelo fato de os instrutores morarem em Macapá e não haver possibilidade de conciliar os horários das aulas durante os dias da semana. Mais uma vez, os participantes que marcaram presença nas oficinas de musicalização foram crianças e adolescentes. Nesse contexto, as ações e atividades comunitárias foram realizadas em parceria com o ponto de cultura, componentes do grupo raízes do marabaixo e membros da comunidade de Mazagão Velho.

No dia 02 de maio de 2010 foi realizada reunião com os moradores da comunidade de Mazagão Velho para o encerramento da primeira etapa do projeto, que contou com a participação de convidados, entre eles o músico Álvaro Gomes e a professora Dr.^a Eugenia Foster, além de pais e responsáveis das crianças e jovens do projeto, sob coordenação e parceria do Grupo Raízes do Marabaixo. A programação de encerramento da primeira etapa das ações do Projeto Ponto de Cultura-2010 contemplou várias atividades como marabaixo, batuque, capoeira e danças, proporcionando à população de Mazagão Velho uma grande oportunidade de participação no evento, sob coordenação de Josué Videira.

Em 2012, as ações do projeto Emplacando, em parceria com o grupo Raízes, deram continuidade no distrito de Mazagão Velho, com as seguintes atividades: instalação de laboratório de informática; oficina de percussão; e oficina de musicalização. Nesse contexto, a oficina de musicalização começou no domingo, dia 15 de julho de 2012, com a participação de

28 alunos inscritos, sendo todos moradores da própria comunidade de Mazagão Velho.

A figura abaixo demonstra momentos das aulas de musicalidade com o instrumento violão, com os participantes sentados de frente para o instrutor, sempre atentos às informações e instruções técnicas.

Figura 18 - Oficina de musicalidade com uso do violão



Fonte: Acervo pessoal da autora (2012).

As mini aulas tiveram uma carga horária de 40 horas, com duração de duas semanas. O público-alvo foram as crianças e a temática abordada foi a musicalidade no Brasil e no Amapá; a prática da musicalização trouxe músicas nacionais e regionais. Um dos objetivos era desenvolver as habilidades indispensáveis de coordenação motora e sensibilidade auditiva das crianças e adolescentes. A oficina tinha coordenação de Alvaro Gomes e Jozué Videira e como instrutor Edgar Augusto.

A oficina de percussão, de acordo com a imagem a seguir, teve início no dia 16 de julho de 2012, em uma segunda-feira. Contou com a participação de 27 alunos inscritos, novamente todos moradores de Mazagão Velho, com temática voltada para os ritmos tradicionais mantidos pela própria comunidade, tendo como coordenador Jozué da Conceição Videira e apoio do instrutor Manoel Duarte.

Conforme imagem, as crianças demonstram intimidade com as caixas e demais instrumentos. Nas oficinas elas aprendem também o processo de retirada da madeira na floresta e os cuidados com os instrumentos para seu uso adequado, sem danificá-los.

Figura 19 - Oficina de percussão de Marabaixo no CCRM



Fonte: Acervo pessoal da autora (2012).

Gomes e Gomes (2019) ressaltam ainda que foi instalada uma sala do laboratório de informática, com objetivo de oferecer oportunidade de inclusão digital às crianças, aos jovens e ao público geral. A oficina iniciou no dia 30 de julho de 2012. As aulas ocorreram nos três turnos, sendo manhã e tarde para o público infantil e adolescentes e o turno da noite para o público adulto. O curso teve direção de Jozué Videira e Carlitão, e os instrutores foram Antônio Carlos e Marques Cordeiro.

Nessa perspectiva, houve a formação do grupo de marabaixo infantil em 2005, formada pelas crianças; Milena Pereira, Beatriz Silva, Tiago Barriga, João Videira, Amanda Penha, Natalia Silva, Fabiana Balieiro, Roseane Pinheiro, Denise Pantoja, Jackeline Videira, Ruse Pinheiro, Rosessandela Almeida, Taciara Barriga, Andrew Penha, Vitor Câmara, Ana Maria, Luciana Videira, Debora Medina e Falberto Silveira. Na Figura 20, apresentamos o registro da primeira formação do grupo das crianças de nome “Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho”, em 2007, sendo a Gunga responsável pelo grupo. A imagem representa a primeira formação do grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho, na apresentação das crianças no aniversário de Mazagão Velho.

Figura 20 - Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho [1]



Fonte: Acervo pessoal da autora (2007).

Posteriormente, houve outros integrantes do grupo: Caroline Silva, Ruane Adrielle, Emily Sampaio, Bianca Silva, Andressa Silva, Beatriz Videira, Eloisa Costa Marcos Coutinho, Crícia Alves, Antonielson Alves, Jorgiana Medina, Josilene Barriga, Daiana Soares, Larissa Nunes, Rainara Nunes, Luizete Balieiro, David Nogueira, Rogerio Wagner e Cinéreo Videira.

É inegável a importância do CCRM em Mazagão Velho para a continuidade e preservação das tradições culturais. Sobre esse foco, mestre da Tradição oral africana, Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 169), diz que “uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do ser humano e da comunidade, a ‘cultura’ africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida”. Diante da visão do autor, negros e negras devem ser vistos a partir de sua própria história, contada por eles mesmos, e não por meio de uma concepção eurocêntrica, estereotipada ou folclorizada. Nessa direção, o CCRM caminha via ações educativas de predominância na tradição oral das tradições culturais de matriz ancestral.

O Centro atende um quantitativo de 100 pessoas, entre crianças e jovens, que participam de atividades oferecidas durante o ano. Nesse contexto, o caracteriza-se como um espaço educativo não escolar, com interesse educativo.

Segundo Pinheiro (2023 p. 104), a fundação “é considerada um referencial concreto de educação cultural comunitária realizada no distrito de Mazagão Velho. Por meio dela, oficinas são realizadas com e para as crianças mazaganenses resgatando os saberes culturais”.

O autor considera que o CCRM, através das oficinas, proporciona um ambiente de discussão e aprendizado cultural. Sendo assim, este modelo educativo é crucial para o trabalho educativo em prol dos meninos negros e meninas negras. Frequentemente, eles deparam-se com uma educação que não contempla a cultura negra.

Na imagem abaixo, a formação atual das crianças participantes do Grupo Raízes do

Marabaixo Infantil (GRMI), com indumentárias, trajes típicos da dança do Marabaixo, confeccionadas pelas costureiras da comunidade, no encontro com o grupo Rio Pandeiro do Rio de Janeiro no Centro.

Figura 21 - Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho [2]



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A dança do marabaixo é uma das manifestações presentes no Centro, sendo que durante os ensaios elas aprendem a tocar as caixas e cantar os versos de marabaixo, e sempre são convidadas a participar em eventos. Portanto, “o Marabaixo como conteúdo educacional oportunizará aos educandos o conhecimento de outras formas de saberes, outras formas de ser/existir como sujeitos históricos, sociais e corpóreos [...]” (Videira, 2014, p. 17). Dessa forma, o Centro revela-se como um importante espaço educativo, de desenvolvimento da cultura negra amapaense.

Segundo Brandão (1986), durante muito tempo houve um esforço para associar a educação popular, em um modo alternativo de trabalhar com o povo, através da educação. Assim, ela está dirigida “a sujeitos, grupos e classes populares em suas comunidades de vida e trabalho e, cada vez mais, um assunto, um trabalho e um sistema de que o povo participe como presença [...], escolar e extraescolar, pública” (Brandão, 1986, p. 28-29).

Em suma, esta seção demonstrou que o Centro Cultural de Mazagão Velho transcende sua função arquitetônica para se consolidar como um pilar fundamental da identidade cultural e histórica da comunidade. A análise dos saberes tradicionais, desde as práticas religiosas e festivas até a transmissão do legado histórico da “Nova Mazagão”, evidencia o papel central do espaço na preservação e perpetuação de uma memória que é, ao mesmo tempo, local e

representativa de um processo de translocação singular. Longe de ser somente um repositório de artefatos, o Centro funciona como um organismo vivo, onde a história é contada, recriada e vivenciada, garantindo que a riqueza cultural de Mazagão Velho não se perca no tempo. Conclui-se, assim, que a valorização e o fortalecimento desse espaço são cruciais para a manutenção da coesão social e a salvaguarda de um patrimônio imaterial que continua a moldar a vida e a identidade dos mazaganenses.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O caminhar metodológico é de suma importância numa pesquisa científica, pois através dele orientamos nossos passos para trilhar o caminho dessa grande construção da dissertação. Nossa pesquisa foi um processo de construção e ajustes e alterações. As disciplinas contribuíram para esta construção, porém, foi na qualificação que nossa metodologia foi definida e ajustada quanto aos instrumentos de coleta de dados. Deste modo, a pesquisa foi realizada através do método Estudo de Caso, com uma abordagem Qualitativa. Para a coleta dos dados foram utilizados: Rodas de Conversas, entrevista semiestruturada, observação participante, Registro Fotográfico e depoimentos. O tratamento e a análise dos dados foram realizados conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2015).

2.1 Método da Pesquisa: Estudo de Caso em abordagem Qualitativa

A metodologia desta pesquisa baseou-se no Estudo de Caso, utilizando uma abordagem qualitativa com foco na interpretação dos dados. Nosso objetivo foi analisar as discussões e as informações detalhadas obtidas por meio de entrevistas e rodas de conversa com os participantes.

Conforme Yin (2015, p. 20), a escolha do Estudo de Caso foi fundamental por permitir uma investigação que “preserva as características holísticas e significativas dos acontecimentos e fenômenos da realidade”. Esta perspectiva foi essencial para aprofundar nossa compreensão sobre o tema. Dessa forma, o Estudo de Caso orientou nossa investigação sobre os saberes culturais presentes no CCRM, em Mazagão Velho, e o protagonismo das crianças tanto no Centro quanto na escola Agostinha Maria.

De acordo com Gil (2008), o Estudo de Caso exige uma análise aprofundada e detalhada de um ou mais objetos, demandando vastas informações para o pesquisador conseguir construir um cenário completo e coerente. O autor ressalta ainda que:

O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; [...] (Gil, 2008, p. 58).

O Estudo de Caso mostrou-se ideal para nossa pesquisa, pois nos permitiu explorar o contexto real e os acontecimentos vivenciados no CCRM. Gil (2008) destaca que, embora seja

uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais, a realização de um bom Estudo de Caso é uma tarefa desafiadora demanda grande esforço e cuidado. Isto significa que conduzir uma pesquisa deste tipo exige do pesquisador muito cuidado para evitar a mera coleta de dados sem a devida análise e interpretação.

A pesquisa qualitativa, particularmente nas ciências sociais, oferece um caminho para explorar a complexidade da vida humana. Conforme Minayo (1994, p. 15), esta abordagem possui “instrumentos e teorias capazes de fazer uma suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita ou insatisfatória”. Em outras palavras, ela nos fornece as ferramentas e teorias necessárias para desvendar a riqueza das interações humanas na sociedade, mesmo reconhecendo que essa compreensão pode ser sempre parcial ou em evolução. Seu principal objetivo é, portanto, dar forma e incorporar os critérios da realidade que se busca compreender, mergulhando profundamente no universo das interações humanas.

Para Minayo (2001, p. 21), “a pesquisa qualitativa corresponde a questões muito particulares nas ciências sociais”, focando em aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Fenômenos como crenças, valores e atitudes são inerentes à realidade social e dificilmente podem ser traduzidos em números ou indicadores quantitativos. Descrever e explicar estes fenômenos exige um aprofundamento interpretativo e uma fidelidade rigorosa ao que é observado.

Nesse sentido, Bauer e Gaskell (2008, p. 23) destacam que a pesquisa qualitativa concentra-se na “interpretação das realidades sociais e é considerada pesquisa soft”, e apontam a entrevista em profundidade como seu protótipo mais conhecido. Nas ciências sociais, a abordagem qualitativa compreende que a mensuração dos fatos sociais depende primeiramente da categorização do mundo e das atividades sociais. Isto significa que a compreensão e a distinção desses elementos precedem qualquer tentativa de quantificação.

2.2 Os instrumentos de coleta de dados: rodas de conversas, entrevista semiestruturadas, observação participante, registros fotográficos e depoimentos

Villaverde *et al.* (2021) descrevem a técnica de coleta de dados como a fase da pesquisa na qual os instrumentos e métodos selecionados são aplicados para reunir as informações. Esta etapa é crucial, pois envolve a confrontação do modelo de análise com os dados efetivamente coletados.

De acordo com Yin (2001), a coleta de dados para um Estudo de Caso pode basear-se

em diversas fontes de evidência. A importância dos instrumentos de coleta de dados em uma pesquisa é fundamental, pois permitem ao pesquisador capturar informações detalhadas e em profundidade. Ou seja, os instrumentos utilizados na pesquisa possibilitaram uma leitura criteriosa dos dados investigados.

As Rodas de conversas foram nossas fontes de coleta de dados com as crianças, a partir de um roteiro norteador de perguntas como ponto de partida para iniciar as rodas (Apêndice F). Ao realizar pesquisas com crianças, é crucial empregar técnicas de coleta de dados que permitam ao pesquisador compreender suas histórias de vida, percepções de mundo, opiniões e desejos. Somente a partir desta compreensão aprofundada é que a observação torna-se verdadeiramente significativa.

Afonso e Abade (2008, p. 20) explicam que a Roda de Conversa é uma técnica que engaja os participantes, podendo ser aplicada em diversos ambientes sociais, como escolas e associações comunitárias. Por isso, realizamos esta técnica de dados com as crianças protagonistas do grupo de marabaixo infantil.

As rodas de conversa com as crianças foram realizadas em três momentos distintos, conforme o roteiro detalhado no Apêndice F. Cada roda foi guiada por uma questão-tema, com o propósito de iniciar o diálogo e a troca de ideias entre os participantes. A partir deste questionamento inicial, as crianças foram convidadas a conversar, relatar e trocar experiências.

Os momentos das rodas foram: Primeira Roda: realizamos contação da história de Mazagão Velho através de músicas de marabaixo, aos comandos do oficinairo Sr. Jozué Videira. Segunda Roda: Desenhos de livre expressão, as crianças registraram através de desenho os lugares e sentimentos que tem pelos saberes da comunidade. E depois fizeram apresentação dos desenhos. Terceira Roda: foi realizada a construção de um painel de fotografias referentes às oficinas e às manifestações culturais da cultura local.

Embora houvesse um roteiro com perguntas para guiar a condução das rodas, foi importante ressaltar que as Rodas de Conversa não dependeram necessariamente de tópicos sugeridos pela pesquisadora. O diálogo natural e a consonância com os desejos das crianças foram os principais elementos que favoreceram a fluidez da conversa.

Para Moura e Lima (2014, p. 101), a Roda de Conversa “consiste em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo”. As autoras apontam para uma metodologia que vai além da simples troca de informações, promovendo um ambiente rico para a construção colaborativa do conhecimento, o desenvolvimento do pensamento crítico e a reflexão individual e coletiva. É uma ferramenta

poderosa para a pesquisa qualitativa, ao permitir acessar camadas mais profundas de significado e experiência dos participantes.

Durante as rodas de conversa, utilizamos filmagens e gravador de voz para registrar as informações. Esta coleta de dados seguiu todas as normas éticas: obtivemos o Termo de Autorização de Uso de Imagem, Voz e Som, e os pais ou responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos também assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), conforme a Resolução 510/2016. Além disso, construímos um quadro com perfil sócio-histórico e cultural das crianças participantes, que pode ser consultado no Apêndice E.

A entrevista semiestruturada foi realizada a partir de um “Roteiro de Entrevista” para o coordenador do CCRM (Apêndice G), em consonância com os objetivos da pesquisa, de modo que houvesse a interação entre as perguntas e o objeto de estudo. Destacamos que, no âmbito deste estudo, a entrevista não constituiu o corpus principal de análise, mas um procedimento complementar com um propósito estratégico. Inicialmente, funcionou como um diagnóstico situacional que subsidiou e orientou o planejamento das atividades propostas. Em seguida, foi utilizada como um mecanismo de avaliação, fundamental para analisar a repercussão das intervenções realizadas, consolidando assim um ciclo de ação e reflexão no próprio campo de pesquisa.

De acordo com Gil (2002, p. 117), “a entrevista parcialmente estruturada, é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”. Assim, os levantamentos das entrevistas assumem uma estruturação na qual o entrevistador é guiado por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado por escrito.

De acordo com Villaverde *et al.* (2001), a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador(a) estabelecer marcas ou círculos em torno das respostas, pois é preciso que o pesquisador elabore uma planilha com antecedência para ter acesso a um conjunto de respostas que possam ser facilmente registradas, resumidas e analisadas.

Para Yin (2015, p. 117), “as entrevistas são uma fonte essencial de evidência em estudos de narrativas e de conversa, pois a maioria desses estudos aborda assuntos humanos ou ações comportamentais”. Em suma, as entrevistas são insubstituíveis nos estudos focados na experiência humana. Logo, as entrevistas nos permitiram que os participantes expressassem livremente suas narrativas sobre realidades e ponto de vista sobre as questões, que nos forneceram dados em profundidade para a análise interpretativa da pesquisa.

A observação participante foi uma das técnicas centrais utilizadas nesta pesquisa. A escolha por esta metodologia se deu pela condição de moradora e nativa da comunidade onde

os lócus da pesquisa estão localizados, tornando o envolvimento da pesquisadora inevitável. Além disso, a pesquisadora é professora na escola local, o que facilitou a imersão e a participação ativa nos eventos estudados.

Participamos de diversas atividades nos dois espaços investigados. No Centro, até a paralisação das atividades, registramos as oficinas de torração de cacau e de bejus, além da visitação do grupo Rio-pandeiro do Rio de Janeiro. Na escola, estivemos presentes em atividades como o desfile de 7 de setembro, a festa junina e a festa das crianças. Em todas essas ocasiões, observamos as relações e interações, a linguagem oral e corporal, e as relações de afeto, emoções e sentimentos que permeiam as interações das crianças participantes.

As observações mostraram-se de grande relevância, pois proporcionaram um contato direto com os participantes da pesquisa. Pudemos acompanhar a dinâmica dos acontecimentos no Centro, nas atividades com as crianças, e também os eventos na escola. Isto incluiu a observação de ensaios de dança e canto de marabaixo e outros eventos culturais, tanto no CCRM quanto na escola Professora Agostinha Maria. Acima de tudo, foi possível observar como os saberes culturais estão sendo realizados e socializados na promoção da identidade negra das crianças.

É importante ressaltar que, conforme Yin (2001), a observação participante vai além da simples observação passiva. Nesta abordagem, o pesquisador assume um papel ativo no estudo de caso, participando diretamente dos eventos e das interações sociais informais que estão sendo investigadas, o que permite uma compreensão mais aprofundada do contexto da pesquisa.

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foram os depoimentos da Tia Joca e do Sr. Jozué Videira, pessoas que fazem parte da cultura local e participantes no Centro. Seus ricos relatos foram analisados e fazem parte dos achados da pesquisa. Conforme Gatti (2010), a escolha dos dados em uma pesquisa é fundamental, pois eles representam as medidas precisas que o pesquisador adota para gerar conhecimento. Esses dados podem ser obtidos por meio de depoimentos, entrevistas, diálogos, observações e outras ferramentas, servindo para a compreensão do problema estudado.

Os registros fotográficos também foram fundamentais nessa pesquisa; de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 188), a fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa nas ciências sociais, e pode ser utilizada em investigação educacional. Desse modo, a utilização da técnica da fotografia na pesquisa nos ajudou a “simplificar o recolher da informação factual”. A fotografia é uma ferramenta de pesquisa que tem se tornado cada vez mais comum, especialmente quando aliada à observação participante.

Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 189), "as fotografias tiradas pelos investigadores

no campo fornecem-nos imagens para uma Inspeção intensa posterior que procura pistas sobre relações e atividades". Em outras palavras, as fotos registradas em campo e durante as oficinas e as rodas de conversas nos oferecem um material visual rico para análise, dados preciosos que nos permitiram identificar e compreender melhor as dinâmicas sociais e as atividades que ocorrem no ambiente estudado.

Para Guran (2012), a fotografia traz um potencial de prospecção e explicitação de informação, além de reforçar o desempenho de outros instrumentos de pesquisa. Dessa forma, a fotografia produzida para investigar “corresponde àquele momento da observação participante em que o pesquisador se familiariza com seu objeto de estudo e formula as primeiras questões práticas com relação ao trabalho de campo propriamente dito” (Guran, 2012, p. 67). Portanto, o recurso da fotografia foi utilizado nas observações em campo, durante as oficinas e as rodas de conversas, e nos auxiliou na lembrança e no estudo de detalhes específicos de imagem.

2.3 Caracterização do lócus da pesquisa

Conforme tratado anteriormente, o CCRM tem papel importante na comunidade e destaca-se por ser um espaço de cultural popular. Assim, nosso estudo corresponde a dois espaços educativos: o CCRM de Mazagão Velho, lócus onde os saberes culturais circulam e as crianças protagonistas participam das oficinas e do Grupo de Marabaixo Infantil; e a EMEF Professora Agostinha Maria da Silva Penha, espaço onde foram aplicadas as oficinas e rodas de conversas com as crianças, por motivo das atividades no Centro estarem paradas, e por considerar que as crianças do grupo Raízes do Marabaixo são estudantes da escola. Além disso, a escolha se deu por considerar importante olhar para o espaço de ensino formal e informal e entender como esses espaços dialogam. Portanto, as oficinas e as rodas de conversas foram realizadas na escola Agostinha Maria, enquanto que a entrevista com o coordenador foi realizada no Centro.

a) Centro Cultural Raízes do Marabaixo

Neste espaço de cultura são promovidas atividades educativas sobre os saberes culturais de Mazagão Velho. O encarregado pela coordenação e administração do CCRM é o Sr. Jozué Videira e a sede está situada na rua Dom Macedo Costa, número 99, no distrito de Mazagão Velho, município de Mazagão-AP. A imagem abaixo, da fachada do CCRM, demonstra a

estrutura física do local, construído com ajuda da população.

Figura 22 - Fachada do Centro Cultural Raízes do Marabaixo



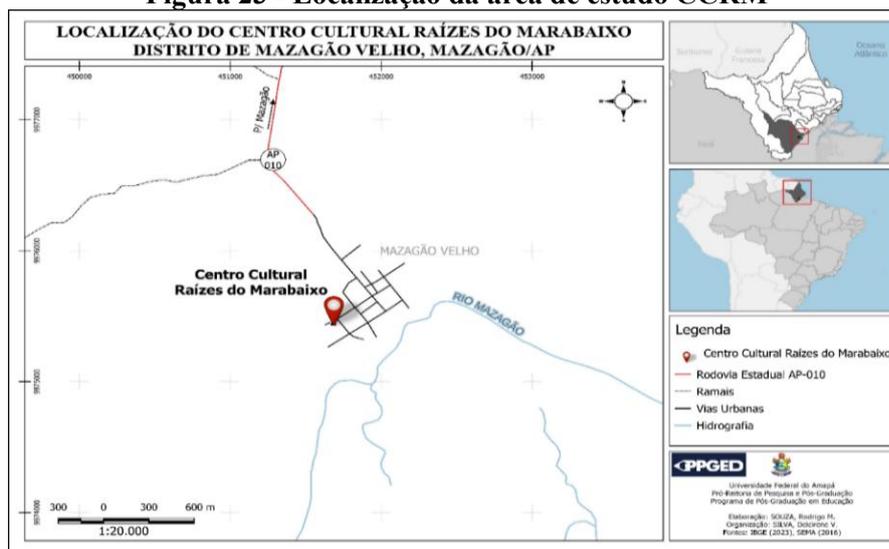
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

O espaço de cultura foi criado para atender às necessidades dos integrantes do grupo Raízes do Marabaixo, sendo que, antes de existir o espaço, os encontros e as rodas de conversa eram realizados debaixo das árvores do quintal do Sr. Jozué. Nesse espaço, discutiam e produziam caixas e músicas de marabaixo.

Infelizmente, as atividades que aconteciam no centro, como os ensaios de percussão e canto para as apresentações culturais e artísticas e aulas de judô para as crianças, atualmente estão paralisadas. No Centro também aconteciam palestras e eventos culturais, celebrações de aniversário, reuniões e até mesmo festinhas de Halloween. De acordo com Hall (2019, p. 12), as identidades são misturadas entre diferentes culturas, uma vez que "o sujeito pós-moderno assume identidades diferentes em diferentes momentos", como sujeito histórico.

A Figura 23 mostra a localização do CCRM no Distrito de Mazagão Velho-AP. Elaborado por Rodrigo M. Souza, o mapa é baseado em informações do IBGE de 2010 a 2023 e da SEMA (2023) e mostra a localização da área de estudo, o CCRM, no distrito de Mazagão Velho, município de Mazagão-AP, localizado a 31 quilômetros da capital do Amapá.

Figura 23 - Localização da área de estudo CCRM



Fonte: Souza (2023).

É importante mencionarmos que um mapa de localização não é apenas um complemento, mas um elemento integrante que enriquece a pesquisa social, fornecendo uma base visual e espacial fundamental para a contextualização, análise e comunicação dos achados. Por esta razão trouxemos o mapa de localização do CCRM de Mazagão Velho, conforme imagem acima.

b) Escola Municipal Professora Agostinha Maria da Silva Penha

A EMEF Professora Agostinha Maria da Silva Penha, situada na rodovia Mazagão, sem número, no distrito de Mazagão Velho-AP, oferta Ensino Fundamental – anos iniciais. A escola, que funciona nos turnos da manhã e tarde, foi inaugurada no dia 22 de julho de 2022 em cerimônia promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Mazagão, sob administração do secretário Manoel Souza.

De acordo com o PPP⁴, a escola conta com 39 profissionais no seu quadro funcional, entre efetivos, contratos administrativos e prestadores de serviço. Atende atualmente 127 alunos, entre 07 a 11 anos, com turmas de 1º ao 5º ano.

O funcionamento se deu a partir de 16 de agosto de 2022. A estrutura física contém 6 salas de aula, 1 sala para o AEE (Atendimento Educacional Especializado), 2 banheiros com várias repartições para meninos e meninas, 1 banheiro adaptado, 2 banheiros para os

⁴ O PPP da escola não foi apresentado em versão atualizada; as informações são referentes a 2023, primeira versão do projeto da escola.

funcionários, 3 salas administrativas (Secretaria, Direção e Coordenação Pedagógica), 1 sala para os professores, 1 cozinha equipada, área de refeitório e 1 quadra poliesportiva coberta. Segue abaixo imagem da fachada da escola Municipal Agostinha Maria em Mazagão Velho.

Figura 24 - Frente da EMEF Profª. Agostinha da Silva Penha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A escola foi criada para atender as necessidades de ampliação da rede escolar e da população que reside na comunidade de Mazagão Velho. Como visto anteriormente, seu nome é homenagem à Professora Agostinha Maria, que nasceu na vila de Mazagão Velho, no dia 29 de julho de 1959, e faleceu aos 59 anos, no dia 19 de junho de 2019, em decorrência de câncer no pulmão. A professora era graduada em Pedagogia pela UNIFAP, deixando contribuição significativa ao município de Mazagão. Ela participava ativamente das manifestações culturais local, como a festa do Divino Espírito Santo, apreciava o marabaixo, participava do ato de natal “cordão das pastorinhas” e exercia um gosto destacado pela natureza, pelas plantas e pelos animais de estimação.

A escola está passando por uma transição do ensino regular para o ensino integral, sob a direção professora Janete Pontes e equipe técnica. A gestora construiu seu plano de ação com a colaboração dos professores. Os projetos e os conteúdos são ministrados com base no PPP e na Matriz curricular da rede municipal de ensino de Mazagão-AP. A matriz foi construída por uma comissão técnica em abril de 2022. Portanto, é um documento oficial. Além das disciplinas regulares, a escola trabalha com projetos culturais desde o ano de 2022.

A matriz curricular de Mazagão destaca quatro modalidades de educação: Educação do

Campo, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, e Educação para as Relações Étnico-Raciais e Quilombolas. O texto sobre a Educação para as Relações Étnico-raciais e Quilombolas discute o conceito e a resignificação de quilombo ao longo da história, bem como uma discussão sobre a Resolução n.º 8, de 20 de novembro de 2012, que estabelece as DCNs para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, como garantia de direitos às comunidades quilombolas. A matriz aborda ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, que trata a obrigatoriedade do ensino da história da cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino.

Durante as imersões na escola, observamos que projetos na área da cultura vêm sendo trabalhados. Em 2024 foi criada uma sala de cultura, sob coordenação dos professores, Antônio José, Rosângela Gunga e Maria dos Santos. Este espaço foi organizado com artefatos ligados à cultura local, como marabaixo e instrumentos de percussão e outros objetos culturais. Porém, antes do final do semestre, a sala foi desativada por questões administrativas. Os professores desistiram de continuar o projeto e desativaram a sala. Segue abaixo a imagem interna da sala de projetos culturais da escola Agostinha Maria quando estava em funcionamento.

Figura 25 - Sala de Projetos Culturais da escola Agostinha Maria



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Vale ressaltar que foi compartilhado em mídia com a pesquisadora o PPP da escola, datado em 2 de agosto de 2023, a versão sob a direção do gestor prof. Fabio dos Santos Pereira e coordenação de Adriana Santos. Portanto, o PPP da escola está desatualizado. Atualmente a gestora é a senhora Janete Pontes, com coordenação pedagógica de Francinei da Luz.

2.4 Participantes da pesquisa, critérios de inclusão e exclusão

O presente estudo, contou com a participação de dez crianças nas rodas de conversas, que foram realizadas na escola; já as entrevistas com coordenador do CCRM (Jozué Videira) foram realizadas no CCRM. O total de participantes é de dez crianças e um adulto, totalizando onze pessoas.

Foi obtida a autorização para utilizar imagem, voz e som capturados durante o processo da pesquisa, conforme esclarecido no Apêndice D. Também foi assinado Termo de Assentimento para crianças maiores de seis e menores de 18 anos, o qual não elimina a necessidade dos TCLEs, os quais foram assinalados pelo responsável ou representante legal das crianças. Isto é importante para fins científicos, estudos e para referenciar e reconhecer as crianças como protagonistas. Daremos visibilidade nesta pesquisa à identidade dos referidos participantes, para que suas falas, narrativas, vivências sejam reconhecidas e apresentadas para a sociedade, conforme explicitado no Apêndice C.

Para a inclusão das crianças na pesquisa, foi solicitado o consentimento formal dos responsáveis, que assinaram um termo de autorização após a leitura e a explicação detalhada de seus termos. Em respeito à privacidade e à infância dos participantes, seus nomes foram mantidos em sigilo, garantindo a ética e a proteção de seus direitos.

Para o coordenador do CCRM, Sr. Jozué Videira, optamos por utilizar seu nome para reconhecer sua importância como personalidade da cultura de Mazagão Velho e um dos idealizadores do Centro. A entrevista com o Sr. Videira foi conduzida com um roteiro de dez perguntas semiestruturadas (Apêndice G).

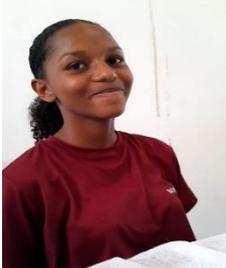
Sobre os Critérios de Inclusão, as crianças protagonistas da pesquisa foram escolhidas com idades entre 10 e 12 anos, participantes do grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho, frequentadoras do Centro e alunas na escola Agostinha Maria.

Quanto aos critérios de exclusão, foram excluídas crianças fora da faixa etária de 10 a 12 anos; que não são naturais de Mazagão Velho; e que não participam ativamente das atividades do Centro e do grupo Raízes do Marabaixo infantil. Os critérios de inclusão e exclusão são alicerces de qualquer pesquisa científica, e foram importantes para que os participantes selecionados estivessem diretamente alinhados com o foco do estudo e o universo cultural específico investigado.

O Centro atendia aproximadamente 100 crianças com idades entre 4 e 12 anos. No entanto, para esta pesquisa, foram selecionadas dez crianças ativamente envolvidas nas atividades, com idades entre 10 e 12 anos. Esta escolha de um número menor de participantes foi feita para garantir a profundidade das rodas de conversa e evitar um volume excessivo de

dados que pudesse comprometer a análise e interpretação em tempo hábil. A seguir, o quadro com a apresentação das crianças protagonistas/participantes das rodas de conversa.

Quadro 3 - Apresentação das crianças protagonistas/participantes

PROTAGONISTAS/PARTICIPANTES	BREVE APRESENTAÇÃO
	<p>Cafusa (12 anos), gosta de dançar e cantar marabaixo. Seu pai fabrica caixas e tambores de percussão das festividades, marabaixo e batuque.</p>
	<p>Rosa Branca (12 anos), gosta de percussão tocar caixa e tambor de marabaixo. Seu esporte preferido é futebol</p>
	<p>Lelê (10 anos), gosta de canta e dança marabaixo, participa do grupo desde os 5 anos, participa das oficinas e gosta de manusear argila nas brincadeiras com as amigas</p>
	<p>Talina (10 anos), dança e canta versos de marabaixo. Está no grupo Infantil Raízes do Marabaixo desde os 4 anos. Canta e dança marabaixo.</p>

	<p>Moça Morena (10 anos), filha de Rondineli e Betania. Participante das atividades no Centro, canta e dança marabaixo. Aprende com a tia os versinhos de marabaixo e nas oficinas.</p>
	<p>Curica (10 anos), dança, canta versos de marabaixo e participa desde os 4 anos no grupo Infantil Raízes do Marabaixo.</p>
	<p>Oh Nego (10 anos), participa das oficinas no Centro. É folião e tocador do instrumento taboca⁵ nas festividades de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Luz. É tocador de caixa de marabaixo, canta e dança marabaixo.</p>
	<p>Lírio Verde (10 anos), tocador de caixas de marabaixo e folião de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Luz, função mestre sala e tocar reco-reco⁶. Está sempre presente nas atividades no Centro, sendo que mora ao lado da sede do Raízes.</p>

⁵ Nome popular instrumento musical “taboca ou pau de chuva”, feito de árvore de porte pequena chamada umbaúba seca e espetada em forma de x com palitos da árvore da paxiúba para dar um som de qualidade ao instrumento e o chumbinho extraído de uma planta nativa parecida com bananeira, o qual dá um som perfeito ao instrumento (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

⁶ Instrumento de percussão feito de bambu seco com entalhes transversais sobre os quais se esfrega uma vareta, produzindo som rítmico para acompanhamento nas festividades de N.S. da Piedade e N.S. da Luz (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

	<p>Rio Mutuacá (10 anos), filho de Luiz Fernando e Celma Rosa. Participa ativamente do Grupo Infantil Raízes do Marabaixo e é tocador de caixa de marabaixo e folião de Nossa Senhora da Piedade (toca taboca). Ajuda seu pai na produção de caixas e tambores de percussão de marabaixo e batuque.</p>
	<p>Açucena (12 anos), filha de Edileuza, dançadeira de marabaixo. Está sempre presente nas oficinas no Centro. Gosta de manusear argila e fazer suas produções de máscaras.</p>

Fonte: Elaboração própria (2024).

2.5 Perfil Sócio-Histórico e Cultural das Crianças Participantes

Os dados e os elementos coletados possibilitaram a construção do perfil sócio-histórico e cultural das crianças participantes da pesquisa. O referido perfil ressalta aspectos da vida e informações individuais das crianças, sendo que estes elementos trouxeram uma visão mais ampla da realidade da cultura e de sua relação com o Centro e com o Grupo Raízes do Marabaixo Infantil (GRMI), em Mazagão Velho.

A partir dos cuidados éticos a que uma pesquisa científica deve ser submetida e das conversas estabelecidas com os responsáveis e com as crianças, os seus nomes foram preservados, sendo substituídos por nomes fictícios, cuja escolha se deu em função do objeto de estudo. Os nomes trouxeram à tona elementos das letras de marabaixo, como forma de homenagear as crianças que gostam de cantar e dançar marabaixo e como forma de dar visibilidade ao protagonismo das crianças do GIRM de Mazagão Velho-AP.

O quadro a seguir apresenta informações significativas das crianças participantes das oficinas e das rodas de conversas, sendo que seus nomes serão substituídos por palavras que compõem os ladrões de Marabaixo⁷.

⁷ Narrativa poética em forma de música do povo negro do Amapá: “[...] Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que têm habilidades com a rima. Na letra das cantigas do Marabaixo podemos

Quadro 4 - Quadro do perfil sócio-histórico das crianças protagonistas participantes

Participante	Idade	Sexo	Série em que estuda	Organização familiar
CAFUZA	12 anos	F	5º ano	Mora com os pais e irmãos
ROSA BRANCA	12 anos	F	5º ano	Mora com os pais, irmã, sobrinho, avós, tio e tia
LELÊ	10 anos	F	4º ano	Mora com os pais, irmã, sobrinho, avós, tio e tia
TALINA	10 anos	F	4º ano	Mora com os pais, irmãos, sobrinha e cunhado
MOÇA MORENA	10 anos	F	4º ano	Mora com os pais, irmã e irmão
CURICA	10 anos	F	4º ano	Mora com a mãe, padrasto e avó
OH NEGO	10 anos	M	3º ano	Mora com os pais e irmãos
LÍRIO VERDE	10 anos	M	3º ano	Mora com a mãe
RIO MUTUACÁ	10 anos	M	3º ano	Mora com os pais e irmãos
AÇUCENA	12 anos	F	5º ano	Mora com a mãe, irmãos, sobrinhos e padrasto

Fonte: Elaboração própria (2025).

Outras informações foram geradas para a complementação do quadro de perfil sócio histórico das crianças participantes e a maneira como vivem e como se relacionam com sua cultura. Todas as crianças participantes da pesquisa fazem parte do Grupo Infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho e são estudantes na EMEF Profa. Agostinha Maria da Silva Penha.

Cafuza tem doze anos, estuda no 5º ano do Ensino Fundamental, e mora com os pais e irmãos no bairro do Boi em Mazagão Velho. Gosta de brincar na rua onde mora, costuma brincar de estudar e gosta de ler. É participante do grupo Infantil Raízes do Marabaixo, ela canta e dança Marabaixo. Nas horas vagas dedica-se à escrita de versinhos e canções de Marabaixo.

Rosa Branca tem doze anos e é da religião católica, está cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. Sua mãe é dona de casa e seu pai autônomo. Rosa Branca mora com seus pais e com sua irmã, avós e tios, na comunidade de Mazagão Velho, em Mazagão-AP. Participa do grupo Infantil Raízes do Marabaixo desde pequena, sua mãe que a levou para participar. Percussão é sua paixão, dança e toca caixa de marabaixo. No esporte, gosta de jogar futebol e de judô.

Lelê tem dez anos, está cursando o 4º ano do Ensino Fundamental, gosta de brincar de queimada e tacobol com as amiguinhas no final da tarde. Participa do grupo infantil Raízes do

perceber a presença de uma literatura afrodescendente” (Videira, 2020, p. 74).

Marabaixo, é dançadeira com seus trajes de marabaixeira. Lelê é de família católica, mora com seus pais e com sua irmã, avos e tios em Mazagão Velho.

Talina tem 10 anos, estuda no 4º ano do Ensino Fundamental, mora com seus pais irmãos e irmãs. Talina, gosta de jogar futebol na rua de sua casa e de tocar caixa de marabaixo. Aprendeu a jogar versos de marabaixo, além de participar do grupo Infantil Raízes do Marabaixo.

Moça Morena tem dez anos, estuda no 4º ano do Ensino Fundamental e mora com os pais e irmãos e costuma brincar na rua onde mora de “Pira Cola”, Queimada e Tacobol. Seu pai trabalha como auxiliar escolar, e sua mãe é dona de casa. Moça Morena é de família religiosa, é participante do grupo Infantil Raízes do Marabaixo, dança e canta ladrões de Marabaixo.

Curica tem 10 anos, estuda o 4º ano do Ensino Fundamental e gosta de brincar de futebol com as amigas da rua de sua casa. Curica tem uma paixão por cavalo e faz aulas de montaria⁸ com seu pai. Participa do grupo Infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho e sempre participa das oficinas no Centro.

Oh Nego é estudante do 3º ano do Ensino Fundamental, tem 10 anos, mora com seus pais, e irmãos, e gosta de dormir na casa da avó. Oh Nego e seus amigos costumam jogar futebol nos fins de tarde. Ele participa das festividades, é folião de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Luz. Ele exerce a função de taboqueiro. Participa também do grupo infantil Raízes do Marabaixo, é tocador de caixas de marabaixo, canta e dança também.

Lírio Verde, chamado carinhosamente de Cadu, estuda no 3º ano do Ensino Fundamental, tem 10 anos, e mora com a mãe. É católico e folião da festividade de Nossa Senhora da Piedade e Senhora da Luz. Tem a função de mestre sala e toca um instrumento chamado de reco-reco. Cadu participa do grupo infantil Raízes do Marabaixo e é tocador de caixa.

Rio Mutuacá tem 10 anos, mora com seus pais e seus irmãos. Aprendeu tocar caixa de marabaixo desde pequeno, com seu pai Luiz Fernando, e participa com seu pai das festividades. É folião de Nossa Senhora da Piedade e N. Senhora da Luz e participa do grupo Infantil Raízes do Marabaixo. Rio Mutuacá ajuda seu pai e seus irmão a produzir instrumentos de percussão de marabaixo e batuque.

A participante **Açucena** tem 10 anos e está cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. Ela costuma brincar de tacobol, pira cola e queimada na rua de sua casa com suas amigas; sua

⁸ Aulas de montaria para aprender galopar e conhecer os comandos do cavalo que ganhou de presente de seu pai.

mãe é dona de casa e o padrasto é autônomo. Participante ativa do grupo Infantil Raízes do Marabaixo das Crianças. Açucena é de família católica, sua mãe é dançadeira de marabaixo e seu padrasto é folião de Nossa Senhora da Piedade.

2.6 Tratamento e análise dos dados

O tratamento e a análise dos dados obtidos nas rodas de conversas e entrevistas foram realizadas por meio da Análise de Conteúdo. De acordo com Moraes (1999, p. 2), a “análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”. Trata-se da condução de descrições sistemáticas, tanto em abordagens qualitativas quanto quantitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos significados.

Na perspectiva de Bardin (2015, p. 8), a “análise de conteúdo é um conjunto de técnicas, instrumentos metodológicos de análise [...] em constante aperfeiçoamento que se aplicam em discursos, conteúdos e continentes extremamente diversificados”. Nesse processo de tratamento de dados há um campo de investigação que tem em vista compreender um saber que está por trás da superfície textual.

De acordo com Bardin (2015), os procedimentos de análise de conteúdo são estruturados em três fases principais, garantindo uma abordagem sistemática e rigorosa: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; e 3) Tratamento dos resultados obtidos com a inferência e a interpretação.

Na primeira fase, da pré-análise, nos concentramos na organização do material (registros de imagens e audiovisuais) coletados das rodas de conversas com as crianças e entrevistas semiestruturadas. Isto envolveu uma primeira imersão nos documentos e nas transcrições dos áudios e a leitura flutuante do material, que nos permitiu um contato geral com o conteúdo levantado.

Na segunda fase, da Exploração do material, considerada a fase da análise propriamente dita, mergulhamos nos dados. Aqui ocorreram as leituras das transcrições e destaque dos trechos relacionados com o problema e os objetivos da pesquisa. Organizamos em tabela, com perguntas e respostas; assim ocorre o processo de codificação, que consiste em transformar os dados brutos em unidade de registro e de contexto; assim, criamos as categorias analíticas.

De acordo com Bardin (2015), por meio da categorização é possível filtrar e selecionar os conteúdos com mais precisão para formulação de agrupamentos e reagrupamentos de temas e subtemas. Tal procedimento pode ser compreendido da seguinte maneira:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (Bardin, 2015, p. 74).

A terceira fase corresponde ao tratamento dos resultados (descrição e interpretação dos dados), momento da exposição argumentativa dos resultados encontrados; por meio do movimento de análise do conteúdo oriundo da entrevista e das rodas de conversas, a fase consistiu na apresentação da questão tema orientador da discussão, juntamente com a apresentação e interpretação das falas dos participantes, e o reforço e suporte teórico.

Nessa organização metodológica pontuamos seis categorias analíticas principais, eleitas a partir da recorrência nas falas e mensagens sublinhadas nas falas das crianças e das crianças entre si, que subsidiam uma melhor compreensão das linhas gerais da pesquisa: com relação as categorias analíticas das falas das crianças

Para uma melhor visualização analítica, recuperamos, mediante de um quadro sintético, os aspectos de pesquisa que subsidiaram na compreensão da análise.

Quadro 5 - Relação entre objetivos, pergunta e categorias de análise

Objetivo Geral	Analisar o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e os fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra.
Objetivos específicos	Contextualizar o processo histórico, cultural e social do CCRM e sua importância na visibilidade da cultura negra amapaense regional em espaços formais e não formais de educação escolar e não escolar das crianças de Mazagão Velho-AP.
	Identificar que tipo de práticas e/ou ações educativas que estão sendo realizadas no CCRM como forma de valorização e manutenção da identidade negra das crianças do município de Mazagão Velho-AP.
	Averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da cultura negra amapaense, e como elas se constituem protagonistas no fortalecimento da identidade negra na escola.
Questão norteadora	Como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas pelo CCRM e como vêm se constituindo protagonistas na preservação e fortalecimento isso vai reconstruindo e fortalecendo sua identidade negra mazaganense?
Categorias de análise	Saberes culturais/CCRM e a participação das crianças nas oficinas na escola Agostinha Maria. Saberes culturais: nas expressões de pertencimento das crianças em forma de

	<p>desenho, e produções de ladrões de marabaixo: o olhar sobre os saberes culturais de Mazagão Velho.</p> <p>Saberes culturais na roda 1: contar da história de Mazagão Velho em música de marabaixo.</p> <p>Saberes culturais na roda 2: em forma de desenho de livre expressão.</p> <p>Saberes culturais na roda 3: um olhar sobre os saberes culturais de Mazagão Velho.</p> <p>Saberes culturais: e a importância do Centro para as crianças do grupo infantil raízes do marabaixo.</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria (2024).

Na sequência pontuamos as análises das falas do coordenador do CCRM sobre os desafios do Centro e Escola no compromisso com os saberes culturais de Mazagão Velho.

Ao analisarmos o corpus a partir destas categorias, buscamos compreender como os saberes Culturais de Mazagão Velho, que permeiam no CCRM, são ferramentas para promover uma educação antirracista, no que tange ao protagonismo das crianças do Raízes do Marabaixo em suas vivências e experiências na promoção da identidade cultural negra amapaense.

2.7 Aspectos éticos, riscos e benefícios da pesquisa

Nesta pesquisa, nosso objetivo principal é desvelar o protagonismo das crianças do CCRM, localizado em Mazagão Velho. Buscamos entender como essas crianças contribuem ativamente para manter viva a história, os saberes e os fazeres culturais, fortalecendo, assim, a identidade negra local.

De acordo com Silva, Cruz e Arantes (2023, p. 152), para ter uma “ética na pesquisa em educação das relações étnico-raciais”, é fundamental que as ações educativas focadas na promoção da diversidade sejam guiadas por princípios de ética na conduta e de responsabilidade.

Considerando que a pesquisa envolve crianças, dedicamos atenção rigorosa aos aspectos éticos em pesquisa científica. Em conformidade com a Resolução n.º 466/2012 e a Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantimos a assinatura do TCLE pelos responsáveis das crianças e demais participantes envolvidos, respeitando integralmente os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Como em todos os estudos científicos que envolvem crianças, encaminhamos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIFAP por meio da Plataforma Brasil, para assegurar os cuidados éticos em pesquisas com seres humanos, sendo aprovado pelo Parecer

nº 7.682.417 (Anexo A).

Para garantir a ética da pesquisa, seguimos rigorosamente todos os preceitos necessários. Mantivemos um diálogo constante com as crianças participantes e seus responsáveis antes de cada roda de conversa. Os responsáveis pelas crianças foram orientados previamente sobre a importância do TCLE. A assinatura deste termo foi fundamental para a legalidade e a realização da pesquisa de mestrado.

Toda pesquisa envolvendo seres humanos, conforme as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 466/2012 e 510/2016, acarreta riscos – mesmo que mínimos. Estes riscos podem variar em intensidade e afetar diversas dimensões do indivíduo: física, psíquica, moral, intelectual, emocional, social, cultural ou espiritual. Cabe à pesquisadora analisar possibilidades de danos imediatos ou posteriores auferido pelo participante e/ou a comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa.

Os riscos que podem ocorrer com os participantes da pesquisa no momento da aplicação da entrevista, ou durante as observações, e nas rodas de conversa, são: sentir vergonha de falar, desconforto com as filmagens ou gravador de voz e aborrecimento com a dinâmica das rodas e entrevistas.

Os benefícios da pesquisa devem trazer proveito direto ou indireto, imediato ou posterior, auferido pelo participante e/ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa, assegurando retorno social, ou seja, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa. A pesquisa é relevante para a comunidade acadêmico científica e para a comunidade de Mazagão, por evidenciar as crianças protagonistas participantes que fazem parte do grupo infantil Raízes do marabaixo.

3 AS PRÁTICAS E AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO COM AS CRIANÇAS DE MAZAGÃO VELHO-AP

Nesta seção trataremos da construção identitária de crianças negras, em especial no contexto mazaganense, marcado por um histórico de racismo e apagamento cultural. Esta realidade exige um olhar atento para as práticas e ações educativas que contribuem para a valorização e manutenção de suas raízes. No presente estudo, buscamos compreender como a educação, em suas diversas esferas, atua como ferramenta de empoderamento e resistência.

Para tanto, o arcabouço teórico estrutura-se a partir de diferentes autores que fundamentam a importância da cultura e da educação popular nesse processo. Dentre eles sinalizamos as ideias de Freire (1967) e Brandão (2000), que reconhecem o valor dos saberes populares e da cultura local como elementos indissociáveis da construção identitária. Afinal, é no cotidiano da comunidade, por meio da oralidade, das tradições e da ancestralidade, que a criança negra se reconhece como parte de um grupo social e cultural, fortalecendo sua autoestima e combatendo a internalização do racismo.

Contudo, torna-se crucial ultrapassar a mera inclusão de elementos da cultura afro-brasileira no currículo escolar. É preciso desconstruir a hierarquização de saberes imposta pelo pensamento colonial, que relega os conhecimentos tradicionais à categoria de folclore, sem reconhecer sua complexidade e riqueza epistêmica.

3.1 Ciência e Conhecimentos Científico e Senso Comum, na visão de Boaventura

Segundo Santos (2018, p. 34), a racionalidade científica que define as ciências modernas teve sua origem na Revolução Científica do século XVI e desenvolveu-se de forma proeminente no campo das ciências naturais. Contudo, foi apenas no século XIX que este modelo de racionalidade alcançou as ciências sociais em desenvolvimento.

O autor considera que a racionalidade científica estabeleceu-se como um modelo global dominante, caracterizado por sua diversidade interna, mas também por fronteiras claras e rigidamente controladas. Estas fronteiras servem para demarcar e proteger o conhecimento científico de duas categorias consideradas não-científicas e, portanto, irracionais: o senso comum e as humanidades (que englobam áreas como história, filologia, direito, literatura, filosofia e teologia). Ele aponta como a ciência se consolidou ao se diferenciar ativamente de outras formas de saber.

Santos (2018) critica a ciência moderna por sua limitação em oferecer compreensões

abrangentes sobre o modo de ser e estar no mundo. Ele argumenta que, mesmo com o aprofundamento do conhecimento científico, esta modalidade de saber permanece restrita devido à sua própria natureza. Conseqüentemente, a ciência moderna produz tanto saberes quanto desconhecimentos, transformando o cientista em um “ignorante especializado” e o cidadão comum em um “ignorante generalizado”.

Em contraste, a ciência pós-moderna busca reconhecer e dialogar com outras formas de conhecimento. Nesse contexto, o senso comum é elevado à categoria de conhecimento mais relevante, por ser um saber prático e cotidiano que norteia nossas ações e dá sentido à vida. Enquanto isso, a ciência moderna se estabeleceu em oposição ao senso comum, considerando-o superficial e ilusório, a ciência pós-moderna procura reabilitá-lo, enxergando nele potencialidades para enriquecer nossa relação com o mundo. Santos (2018, p. 66) afirma ainda que o conhecimento do senso comum é:

Prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma fiável e securizante. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida.

Nesse sentido, o autor apresenta o senso comum como um saber essencial para a vida prática que, apesar de sua aparente superficialidade e falta de método, possui uma eficácia singular na compreensão das dinâmicas sociais e das interações cotidianas. Entretanto, é na ciência moderna que a ruptura epistemológica marcou a transição e o avanço do senso comum para o conhecimento científico.

De acordo com o autor na ciência pós-moderna, o movimento se inverte, com o reconhecimento e a valorização do conhecimento científico em relação ao senso comum o autor demonstra uma evolução no entendimento da relação entre ciência e senso comum: da separação hierárquica na modernidade para uma abordagem mais integrada e dialógica na pós-modernidade.

Santos (2018) discute o "caminho do Sul" como um reflexo da dicotomia Norte-Sul, que ele enxerga como uma linha abissal central que legitima um pensamento político imperial. Este pensamento sustenta as desigualdades que caracterizam o sistema mundial. O autor argumenta que o pensamento abissal, fundacional da modernidade, age de forma a objetificar os sujeitos do Sul ou, em casos extremos, a negar sua própria humanidade.

Nesse contexto, a ecologia de saberes proposta por Santos (2018) surge como uma

alternativa. Ela busca confrontar a lógica da monocultura do conhecimento científico e seu rigor exclusivo. A ecologia de saberes visa identificar e validar outras formas de conhecimento e critérios de rigor que operam de maneira crível em práticas sociais que, pela razão metonímica, seriam consideradas inexistentes. É fundamental ressaltar que a busca por credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica em desacreditar o conhecimento científico. Pelo contrário, a ecologia de saberes propõe a utilização do conhecimento científico em um contexto mais amplo de diálogo com outros saberes.

3.2 Compreensão sobre Práticas e Ações Educativas Culturais

A pedagogia da liberdade, que propôs Paulo Freire (1967) baseia-se em ideias que nasceram como uma das expressões da emergência política das classes populares e, ao mesmo tempo, conduz a uma reflexão da prática dirigida sobre o movimento popular. Nesse sentido, práticas educativas são ações e estratégias que visam promover nos indivíduos aprendizagens, conhecimentos e experiências culturais.

Freire (1967) afirma que a pedagogia, como prática educativa de visão libertadora, só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos, por meio da estrutura do círculo de cultura, unidade de ensino característico do método freiriano, que substitui o modelo de ensino tradicional. Nesse sentido, “busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem” (Freire, 1967, p. 04).

Na metodologia de Freire (1967), a discussão é um ponto capital para o aprendizado; nesse sentido, o educador não é o centro do conhecimento, já que o debate de um tema é essencialmente necessário para que todos participem da discussão no círculo de cultura. O educador estabelece, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia na qual educador e educando são igualmente livres e críticos, sendo que nesta relação aprendem no trabalho comum a partir de uma tomada de consciência da realidade que vivem. Esta pedagogia elimina “pela raiz” as relações autoritárias, sendo que não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo (Freire, 1967, p. 26).

De acordo com Brandão (2000), a prática pedagógica existiu durante toda a história social, mas imersa em outras práticas anteriores, como a imersão no trabalho: caça, pesca, coleta, agricultura, pastoreio, artesanato e construção. Os mais velhos ensinam e os mais jovens

observam, repetem e aprendem.

Nesse sentido, Brandão (2000) considera a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber, o primeiro sentido da educação popular. Então, os ritos de iniciação, ou de outra qualquer celebração coletiva, são “aulas de codificação da vida social e da recriação, através dos símbolos que se dança, canta e representa, da memória e da identidade dos grupos humanos”, que se envolvem em diversas tarefas do dia a dia da cultura, aparentemente espontâneas e desorganizadas situações, que se integram a estrutura simbólica da sociedade no universo pessoal de pensamentos, ações e sentimentos de cada indivíduo (Brandão, 2000, p. 11).

Um conhecimento da comunidade transforma-se em um conhecimento das frações (classes, grupos, povos e tribos) subalternas da sociedade desigual. Em primeiro lugar, as formas – que estão ou não envolvidas em outras práticas sociais – pelas quais o conhecimento das classes populares ou das comunidades sem classes são transmitidos entre grupos ou indivíduos, são chamados de educação popular (Brandão, 2000, p. 16).

Em síntese, é possível considerar que as práticas educativas são ações que visam instruir ou informar o público sobre uma questão cultural, e que podem ser realizadas em espaços de cultura, em modalidades de educação formal ou não formal. Estas interações sociais de cultura têm finalidade de consolidar um conhecimento específico e promover a identidade cultural. As práticas são consideradas verdadeiras interações sociais, que promovem a ação entre os grupos e fortalecem laços entre os participantes.

3.3 Um olhar sobre os saberes e vivências no Centro Cultural Raízes do Marabaixo

De acordo com Brandão (2000), os indivíduos aprendem como ensinar-e-aprender é indispensável para garantir a sobrevivência dos grupos humanos no presente e no futuro; ou seja, é imprescindível criar situações em que o trabalho e a convivência sejam também espaços de difusão do saber. Conforme o pensamento do autor, o Centro vem na informalidade trabalhando práticas e vivências da cultura de Mazagão Velho.

No depoimento de Jozué Videira, afirma que o Centro tem aproximadamente 25 anos de existência, e desde então vem lutando para manter o espaço. “Pra gente ter uma coisa nossa da comunidade, onde todas as pessoas tem o direito e dever de estar aqui participando, porque isso é nosso, é uma coisa nossa, feito para as pessoas que vem visitar também, então, nada mais que todo mundo possa estar aqui contribuindo de alguma forma para que isso aconteça”.

Dessa forma, quando o ser humano sabe e ensina o que sabe, ele o faz por meio de suas

relações com objetos e pessoas. É na diversidade de situações, onde o trabalho e as trocas garantem a sobrevivência e a convivência, que o aprendizado ocorre. Em coletividade, e muito antes do surgimento da escola, os indivíduos já ensinavam e aprendiam mutuamente, como aponta Brandão (2000, p. 10).

3.3.1 *Visitação do Grupo Rio Pandeiro/RJ no Centro*

No dia 25 de novembro de 2023, o CCRM recebeu a visita do grupo Rio Pandeiro - Rio de Janeiro com o objetivo de conhecer o espaço de cultura e o trabalho que o Centro desenvolve com os materiais de percussão. Os visitantes foram recepcionados pelo coordenador do Centro, Jozué Videira⁹, moradores e crianças do grupo raízes do Marabaixo. As apresentações aconteceram no centro da roda, com todos sentados em círculo, o que lembra o método de educação popular dos círculos de cultura, de Paulo Freire: “Nos círculos de cultura, o aprendizado ou a discussão das noções de trabalho e cultura jamais se separa de uma tomada de consciência, pois se realiza no próprio processo desta tomada de consciência” (Freire, 1967, p. 08). Assim, o trabalho do círculo de cultura é o início da conscientização. Segue abaixo imagem do encontro de percussão entre grupo de marabaixo e caixeiros da festa de São Tiago, com as crianças atentas à apresentação e experiência dos representantes da cultura.

Figura 26 - Percussão de marabaixo no encontro do grupo RMI/ grupo Rio Pandeiro-RJ



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

⁹ Jozué Videira, coordenador do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho (CCRM), e personalidade da cultura de Mazagão Velho.

Foi um momento de troca de saberes, sendo que o grupo raízes do marabaixo das crianças apresentou canto, dança do marabaixo e percussão, caracterizadas com seus trajes típico de marabaixo: as meninas com saia longa estampada e blusa com babado, e os meninos com bermuda e camisa de mesma estampa das meninas. A primeira apresentação foi de canto, dança e percussão, com todos os toques da caixa de marabaixo e batuque. Os visitantes atentos registravam tudo com muita atenção. Segue abaixo, apresentação de marabaixo das crianças no Centro.

Figura 27 - Apresentação das crianças no Centro Cultural Raízes do marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Já o grupo Rio Pandeiro fez uma demonstração das aulas de pandeiro: sob o comando do professor de percussão, tocaram e cantaram samba e pagode, com seus instrumentos (pandeiro). O público estava alegre, e composto por senhoras, jovens rapazes e integrantes que relatam suas experiências com o instrumento e convivência no grupo. Então, comungamos do pensamento de Loureiro (1995, p. 77), que explica: “a cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos de experiências de trabalho acumulado de beleza de utopias e a preservação de memória coletiva por um grupo”. Logo abaixo, imagem da apresentação do grupo de percussão Rio Pandeiro, em visita ao CCRM, em novembro de 2023.

Figura 28 - Apresentação do grupo de percussão Rio Pandeiro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Ainda sobre a visita do grupo de percussão Rio Pandeiro/Rio de Janeiro, assistiram demonstração da oficina de construção de caixas do marabaixo e batoque; encantados, assistiram com muita atenção e registraram todo o processo da construção das caixas. Assim, “a oralidade dimensiona-se na Amazônia é uma prática pedagógica cultural e social, uma vez que se ensina e o aprende por meio de conversas que expressam sentidos, valores e visões de mundo [...]” (Albuquerque *et al.*, 2016, p. 31). De acordo com as autoras, a palavra e a narrativa são cruciais para compartilhar e espalhar o conhecimento. Esta interação oral, que transmite a sabedoria da experiência aprendida no dia a dia, é a essência das práticas educativas locais, complementando a educação escolar.

Nesse sentido, a oralidade na Amazônia não é apenas um meio de comunicação, mas um método intrínseco de educação e socialização, no qual o conhecimento e a identidade cultural são construídos e perpetuados por meio da interação verbal. Ela reflete uma pedagogia que baseia-se na experiência compartilhada e na sabedoria coletiva, muitas vezes transmitida de geração em geração através de histórias, mitos e diálogos do cotidiano.

A visita seguiu com a oficina de produção de caixa e tambor de batoque. O Sr. Gavião fez uma demonstração aos visitantes da confecção dos instrumentos de percussão que ele comercializa, conforme imagem abaixo.

Figura 29 - Demonstração de produção de instrumentos de percussão caixas de Marabaixo e Batuque



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

O senhor Luiz Fernando, conhecido como Gavião, morador e fabricante das caixas, comercializa já há algum tempo na comunidade. Explicou o passo a passo da fabricação, e demonstrou na prática a execução de várias caixas e diferentes tamanhos.

3.3.2 Torração do Cacau

No dia 03 de agosto de 2024 aconteceu no CCRM de Mazagão Velho a tradicional “Torração de Cacau”. Contou com a presença do público adulto e infantil, uma vez que o convite foi estendido para toda comunidade. O produto em destaque na Figura 30 é o cacau: as frutas passam por um processo de secagem dos grãos, depois aquecimento no forno, posteriormente vão para o pilão e, por fim, a massa do cacau passa em pedra¹⁰ até o ponto de brigadeiro. Depois é armazenado em um pote grande, para ser produzido no dia festivo em alusão à festa do Divino Espírito Santo e ao Marabaixo de Rua, que acontece todos os anos no mês de agosto. Segue registro da torração do cacau para festividade do Divino Espírito Santo, realizada no espaço do Centro, com participação de tia Joca e demais moradores da comunidade.

¹⁰ O cacau passa por um refinamento até obter uma substância pastosa; é um processamento artesanal em pedras grandes e compridas, artefatos que são guardados e usados nas torrações de cacau.

Figura 30 - Torração do cacau para a festa do Divino



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Jozué Videira (57 anos) nos relata que a torração do cacau é a primeira atividade relacionada à festa do Divino Espírito Santo. Então, esta atividade já começou 5 meses antes, com a colheita da semente do cacau; após a colheita, o fruto passou por um tempo de secagem que durou quatro meses, para secar e estar pronta para torrar. A colheita e a secagem são os primeiros passos para realização da torração, que durou cinco meses.

O segundo passo é a torração do cacau, que é delicada, pois exige controle do forno do fogo para soltar da casquinha e torrar os grãos sem queimar; há um cuidado para obter a crocância e o ponto desejado. A imagem a seguir demonstra o momento em que as mulheres estão retirando a casquinha do cacau, que já passou pela torração no forno.

Figura 31 - Processamento do cacau no pilão

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Em seguida, passou pelo processo de refinação, até virar uma pasta cremosa. Jozué Videira explicou o terceiro passo da pilação: “depois esse cacau vai ser refinado, esse processo artesanal é necessário, porque não vai precisar ralar na hora de fazer o chocolate, joga a barra na água quente ele se dissolve, e diminuindo o trabalho na hora do preparo do chocolate”.

Depois de ser refinado, é armazenado e guardado, para no dia 24, bem cedo, as cozinheiras prepararem o chocolate. O depoimento de Jozué Videira, coordenador do Centro, revela o sentimento de pertencimento ao dizer que:

[...] isso faz parte da nossa história de vida, era isso que a gente tinha lá atrás, era isso que a gente usava, e a gente não pode perder isso [...] é fundamental a gente manter isso vivo. Porque se deixar de ser feito, é uma parte da história que morre junto também. Então a gente precisa conscientizar as pessoas e dizer que isso precisa ter uma continuidade, precisa ser mantido vivo.

A seguir, na Figura 32, registro do momento da oficina de torração de cacau, passando pelo refinamento na pedra, que exige esforço e habilidade para deixar no ponto certo.

Figura 32 - Oficina de torração de cacau - Refinamento do cacau na pedra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

O depoimento do Jozué Videira (2024) expressa mais uma vez sua preocupação em manter vivas as tradições e os saberes ao relatar que trazer as pessoas para o Centro e participar da torração é um dos objetivos, para que as pessoas tenham consciência de que é necessário manter viva a tradição de torrar o cacau nas outras festividades. “Foram tirando, tirando... isso é muito ruim para nós! Porque vai tirando um pedacinho dessa história de vidas das pessoas e de vida da comunidade, porque o cacau sempre esteve na mesa de todas as famílias daqui”.

É notável a participação das crianças nessa continuidade de transmissão dos saberes. O Lirio Verde¹¹, chegou cedo e foi logo se envolvendo e participando com os adultos. Assim, inúmeras formas de vivências cotidianas configuram-se como práticas educativas. Brandão (2000, p. 11-12) afirma que, de alguma maneira, “homens entre si se ensinam-se-aprendem [...] relação de saber entre trocas de pessoas é condição da criação da própria pessoa”. São reflexões importantes que fazem o autor sobre a natureza do aprendizado e da construção da identidade, que se molda e se desenvolve nas relações e nos processos de aprendizado que vivenciamos em

¹¹ Nome fictício, dados as crianças com letras de músicas de marabaixo aos participantes da pesquisa e integrante do GRM I, participante ativo das oficinas CCRM.

conjunto. Logo, o aprendizado ocorre na interação, na troca mútua entre as pessoas. A imagem abaixo representa a presença das crianças nesse momento da torração do cacau.

Figura 33 - Refinamento do cacau na pedra pelas mãos de crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Outro destaque no preparo das comidas típicas é o depoimento de Dona Lindacy, uma das cozinheiras da comunidade, que explica o passo a passo da preparação do cacau no fogão de lenha:

Primeiro coloca uma quantidade de água para ferver e, aos poucos, vai colocando o cacau refinado e misturando bem com uma colher de pau. À medida que vai fervendo, vai retirando a gordura com uma colher e acrescentando água até completar o ponto de grossura e textura, o cacau precisa ferver muito bem. Depois é só acrescentar leite, açúcar e servir.

Dona Lindacy é uma das cozinheiras responsáveis pelo chocolate servido nas festas santorais na comunidade de Mazagão Velho.

Figura 34 - Preparação do cacau (chocolate caseiro) pela cozinheira Sra. Lindacy



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Dona Lindacy (2024) fez um relato detalhado sobre o processo de retirada da banha do cacau. Conforme seu depoimento:

Retira com uma colher a gordura, ou nata do cacau que solta durante o cozimento. Essa borra, volta para o fogo e ferve em fogo baixo, dura uma tarde inteira. Quando a borra sentar, começa a aparecer a banha. Reserva e deixa esfriar. A banha do cacau é muito utilizada na medicina caseira. Depois do esfriamento, é distribuída entre algumas pessoas.

A banha do cacau, por sua vez, é um exemplo prático dos saberes medicinais tradicionais da comunidade, demonstrando a importância das trocas de conhecimento intergeracionais.

3.3.3 Produção de Bejucica

No Centro aconteceu também a produção de bejucica, no dia 10 de agosto de 2024. O bejucica de tapioca é feito da massa da tapioca, que passa por um processo de peneiração, depois a massa é temperada a gosto com sal e ervas ou somente sal a gosto e levada ao forno quente. Uma quantidade é peneirada, o que consiste em uma técnica de dobragem e pequenos cortes com uma faca. A seguir, imagem do momento da produção de bejucica no Centro.

Figura 35 - Fabricação de Bejucica no Centro Cultural Raízes do Marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Na etapa final, os bejus ficam no forno aquecendo, até o ponto de crocância. A técnica é artesanal e bastante trabalhosa, porém o resultado é muito bom, os bejucicas ficam muito saborosos. Segue abaixo imagem da participação dos jovens da comunidade na oficina e cozimento dos bejus no forno.

Figura 36 - Produção de bejucica e cozimento no forno



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

No depoimento da tia Joca, ela afirma que:

[...] a fabricação de bejucica, vem de muito tempo, costume que vem de

gerações a fabricação de bejucica, que começou lá atrás com as senhoras dona Olga, Oldacina e a tia Barriga, mãe de dona Carmelita. Elas eram as cabeças, e eu vinha com a mamãe para aprender desde a torração do cacau, então isso é nossa tradição, nossa cultura.

Este depoimento é extremamente rico, por revelar não somente uma prática culinária, mas um profundo senso de transmissão cultural, identidade e ancestralidade. Seu relato permite compreender a importância de saberes e fazeres tradicionais. Sobretudo, é um testemunho vivo da riqueza das tradições orais e práticas, comprovando como a cultura é tecida no cotidiano, transmitida por gerações, liderada por figuras femininas importantes e fundamental para a construção da identidade de um povo.

Refletindo sobre esses saberes culturais que fazem parte do cotidiano da vida das pessoas da comunidade de Mazagão Velho e que precisam estar presentes nas práticas educativas do currículo das escolas da comunidade, elaboramos uma proposta pedagógica de oficinas do CCRM para a escola Agostinha Maria.

3.4 Proposta Pedagógica de oficinas do Centro Cultural Raízes do Marabaixo para a escola Agostinha Maria

A proposição das oficinas pedagógicas no âmbito desta pesquisa fundamenta-se em um conjunto de justificativas. Primeiramente, responde a uma questão legal, em conformidade com a legislação que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira; além disso, alinha-se à busca pelo fortalecimento da identidade negra das crianças mazaganenses, com o apoio estratégico do CCRM. A pertinência da intervenção é reforçada por um diagnóstico que apontou uma lacuna no diálogo entre o Centro e a escola, o espaço de educação formal. Ademais, a proposta visa revitalizar as atividades do Centro que, apesar de ter um histórico de intensa atividade e da constituição de um valioso legado cultural para as crianças, encontrava-se em um período de menor dinamismo. Embora o foco inicial seja o protagonismo infantil no próprio Centro, um objetivo específico desta pesquisa é, precisamente, fomentar essa articulação com a escola, compreendendo-a como uma contribuição fundamental do Centro e como um espaço expandido para que as crianças exerçam seu protagonismo a partir do domínio de seus saberes culturais.

Elaboramos uma proposta pedagógica denominada “Oficinas dos Saberes” para a Escola Municipal Agostinha Maria, com a intenção de mostrar o potencial das oficinas que o CCRM vem realizando ao longo dos anos e como as atividades propostas dialogam com o PPP.

Nesse sentido, Pinheiro (2023, p. 104) considera que “o CCRM ao construir essas

oficinas, promove um espaço de discussão e de aprendizagem cultural”, de forma que estas práticas educativas se ampliem cada vez mais em ações educativas no espaço formal de educação em benefício dos direitos de aprendizagens de crianças em comunidades tradicionais, valorizando a identidade negra.

É relevante mencionar que a oficina visa analisar o protagonismo das crianças no CCRM diante dos saberes que circulam, buscando entender as aproximações que podem ser estabelecidas na escola oficial. Lamentavelmente, as identidades e a cosmovisão africana e afro-brasileira não foram ressaltadas e, tampouco, respeitadas nos currículos das escolas. Assim, buscaremos através deste estudo desenvolver práticas educativas que valorizem os saberes e a cultura de Mazagão Velho.

As oficinas foram planejadas e estruturadas com ajuda do Jozué Videira, com seu trabalho, social na coordenação do Centro, personalidade da cultura mazaganense, vem contribuindo significativamente com práticas educativas para promover o pertencimento cultural e afirmação da identidade negra. Então, selecionamos três oficinas para realizarmos com alunos e alunas na escola, as quais são: oficina de máscaras para a Festa de São Tiago, oficina de percussão de caixa de Marabaixo e a oficina de canto e dança de Marabaixo.

Dessa forma, a proposta pedagógica para a Escola Agostinha Maria está alinhada aos marcos legais – BNCC, RCA, MCMZ e PPP da escola –, com o objetivo de proporcionar aos alunos aprendizagens de acordo com a competência da BNCC de “valorizar e fluir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artística-cultural” (Brasil, 2019, p. 10).

Vale destacar que a proposta de atividades dialoga com a concepção de educação libertadora de Paulo Freire que, através da educação popular, visa a emancipação do homem: “[...] o movimento de educação popular, uma prática educativa voltada, de um modo autêntico, para a libertação das classes populares” (Freire, 1967, p. 25). Freire propõe que haja, nos centros de cultura,

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (Freire, 1967, p. 103).

Freire defende uma educação libertadora, que vai além da mera transmissão de conteúdo. Ele propõe um processo em que o conhecimento é construído de forma colaborativa, o diálogo é a ferramenta principal e os participantes são sujeitos ativos e críticos na

transformação de sua própria realidade e do mundo.

De acordo com Pinheiro (2023, p. 107), as “oficinas também promovem o desenvolvimento da criança mazaganense de forma integral contemplando outras aprendizagens tais como: corporeidade, linguagens e criatividade, competência comunicativa”. Desse modo, estima-se que as oficinas desenvolvem competências e habilidades.

A presente proposta de intervenção pedagógica origina-se de um diagnóstico preliminar que identificou um distanciamento entre o currículo praticado na Escola Agostinha Maria da Silva Penha e a herança cultural afro-amapaense vivenciada pelas crianças em seu cotidiano comunitário. O público-alvo deste trabalho são, especificamente, as crianças mazaganenses, estudantes do Ensino Fundamental da referida escola, que são as herdeiras dos saberes e tradições preservados pelo CCRM. Contudo, observou-se que suas identidades e repertórios culturais encontram pouca ressonância e validação no ambiente de educação formal. A participação infantil neste projeto, portanto, será central e ativa: as crianças atuarão não apenas como aprendizes, mas como protagonistas na partilha de suas vivências, memórias e práticas culturais relacionadas ao Marabaixo. A intervenção justifica-se, assim, como uma ponte necessária para superar a condição de meros objetos de estudo, posicionando-as como sujeitos de conhecimento e agentes na construção de uma pedagogia que afirme positivamente sua identidade negra na Amazônia Amapaense. Segue abaixo quadro mostrando o agendamento das ações pedagógicas das oficinas com as crianças na escola.

Quadro 6 - Agendamento das Ações Pedagógica com as crianças na escola

AÇÕES PEDAGÓGICAS COM AS CRIANÇAS NA ESCOLA
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta das oficinas à gestora e aos docentes da escola. • Apresentar o potencial das “oficinas dos saberes”, dialogando com a Lei 10.639/96, BNCC, RCA, MCMZ e PPP da escola. • Apresentar os documentos de autorização para participação na pesquisa (TCLE). • Agendamento para realização das oficinas com os gestores da escola. • Realizar das oficinas com as crianças na escola, com apoio do coordenador do CCRM, Jozué Videira. Serão três oficinas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Oficina de máscaras da festa de São Tiago; ○ Oficina de percussão de Marabaixo; ○ Oficina de canto e dança de Marabaixo.

Fonte: Elaboração própria (2025).

No Quadro 7, apresentamos uma descrição da previsão das oficinas e organização dos encontros que foram realizados, bem como os procedimentos metodológicos necessários para

a execução das oficinas.

Quadro 7 - Quadro demonstrativo das oficinas dos saberes com as crianças mazaganenses

OFICINA COM AS CRIANÇAS	MATERIAIS	RESPONSÁVEL	METODOLOGIA
1º Encontro: Oficina de confecção das máscaras da Festa de São Tiago Lanche Duração: 8:00h às 10:00h Observação: 2 dias para a secagem da cola	Papéis (revistas e jornais), goma de tapioca, balão, pincéis (canetinhas), tinta guache e tesoura.	Jozué Videira Delcirene Videira	Apresentar um molde na forma em argila; Técnica com bexiga; Encapar com tiras de papel.
2º Encontro: Oficina de percussão de Marabaixo Lanche Duração: 8:00h às 10:00h	Caixas de marabaixo e baquetas.	Jozué Videira Delcirene Videira	Roda de conversa com as crianças e demonstração do passo a passo da confecção da caixa de marabaixo.
3º Encontro: Oficina de canto e dança de Marabaixo Lanche Duração: 8:00h às 10:00h	Papel A4, canetinhas e bloquinhos de papel.	Jozué Videira Delcirene Videira	Produção de versos (ladrão de marabaixo).
4º Encontro: Exposição das produções e culminância das oficinas Coffee Break	Produções: máscaras de São Tiago; versos de marabaixo Instrumentos (caixa de marabaixo).	Jozué Videira Delcirene Videira	Exposição dos materiais produzidos na oficina.

Fonte: Elaboração própria (2025).

1ª OFICINA: CONFECÇÃO DAS MÁSCARAS

Um momento de interação, prosa e roda de conversa, com as crianças, para apresentação dos materiais que serão necessários e os objetivos da oficina das máscaras. Na roda foi explicado quem usou as máscaras no combate entre os mouros e cristãos no continente africano. Para esta oficina, os moldes foram bexigas; as crianças foram convidadas a sentar em círculo, para facilitar a comunicação entre os participantes.

Para a confecção das máscaras foram são necessários materiais como: barro/argila, bexigas, cola, papéis de diversas cores, pinceis e tintas para pintar. Primeiramente, foi feita a demonstração de um molde de máscara confeccionada com barro/argila (retirada do leito dos rios). O primeiro passo é recortar os papéis em tiras finas, e explicar o modo de preparo da cola com goma de tapioca e as vantagens de trabalhar com a cola natural de fácil absorção. Jozué Videira, nos relata que “o objetivo é utilizar materiais com baixo custo, nesse caso a gente usa

o que tem, os materiais que está próximo da gente, da comunidade”.

Então, na primeira camada encapar com tiras de papel e água o balão, já na segunda camada passar a cola, esse processo facilita na hora de desenformar. Para a secagem dois dias.

No segundo passo, o acabamento, constam detalhes, desenho da máscara para receber a pintura, a cargo da criatividade de cada criança; assim, a produção é individual, cada um faz a sua. No final, foi feita a exposição das máscaras produzidas pelas crianças.

2ª OFICINA: PERCUSSÃO DE MARABAIXO

Para esta oficina de percussão de Marabaixo foi feita uma demonstração dos toques de percussão. As crianças estavam sentadas em círculo no chão. A dinâmica foi uma roda de conversa e prosa a respeito da confecção das caixas e os materiais utilizados na fabricação, os movimentos e os toques. Jozué Videira relata que a oficina de percussão no CCRM durava 30 dias, por conta dos detalhamentos minuciosos e delicados de fabricação de uma caixa de Marabaixo.

De acordo como Jozué Videira, para uma produção normal das caixas de marabaixo, são utilizadas árvores que a natureza já desfez. Então, foi realizado com as crianças um momento prático com a caixa, e todas tocaram e produziram sons mediante demonstração, tocando conforme o ritmo. Para esta oficina os materiais foram: caixas de marabaixo e baquetas.

A oficina aconteceu em uma roda de conversa, sendo que no primeiro momento houve descrição do material necessário e o modo de preparar uma caixa de marabaixo, além de toques e ritmos. Conforme Videira (2008, p. 07): “as caixas, instrumentos de percussão fabricados rusticamente e percutidos com baquetas, a forma comunicação mais ancestral deste festejo”.

O segundo momento foi prático: Jozué utilizou uma caixa e a outra caixa passou pelas mãos de cada criança por vez, que tentou seguir o instrutor com os ritmos. As crianças que foram aprendendo ensinavam umas às outras, conforme relata Jozué Videira: “o importante é que uma criança aprende com outra, isso é bonito, logo ela também vai ser instrutora de outra criança, claro, sob minha orientação”. Assim, aspiramos realizar esses momentos com as crianças de experienciar trocas de saberes.

3ª OFICINA: OFICINA CANTO E DANÇA DE MARABAIXO

[...] manifestação cultural de matriz africana que foi trazida para o Estado do Amapá pelos seus ancestrais africanos (Videira, 2008, p. 07).

A MCMZ, em consonância com RCA, traz em seu texto a concepção contemporânea de Quilombo vinculada entre identidade e território, caracterizando uma comunidade quilombola como “a relação que ela estabelece entre o território, a memória, a sua história, as relações de sociabilidade e a afirmação da identidade negra” (Mazagão, 2022, p. 56). É importante mencionar que a ancestralidade africana está presente nas manifestações culturais de Mazagão Velho.

Nessa direção, trazemos para a escola práticas pedagógicas que conversem com o que a MCMZ estabelece no que tange às habilidades diversificadas para 3º, 4º e 5º anos (EF04LP27-MZ20): Recitar cordel e cantar ladrão de Marabaixo, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia. Nessa direção, nossa proposta pedagógica com oficina de canto e dança de marabaixo está dialogando diretamente com a habilidade diversificada em práticas de linguagem da MCMZ (Mazagão, 2022, p. 146), bem como com o PPP da escola.

Diante disso, foi pensada esta oficina de canto e dança de marabaixo para trabalhar com as crianças na escola, sendo uma continuidade do que vivenciam no Centro, e uma das muitas possibilidades para a escola incluir em seu currículo. “Recurso didático pedagógico para redesenhar o papel da escola dentro do contexto sociocultural histórico, geográfico, moral, ético e humano na realidade brasileira” (Videira, 2008, p. 11). Em síntese, são expressões da cultura, dos saberes populares, que precisam ser conhecidos respeitados no contexto educacional formal.

Visto que esta oficina é uma continuidade da oficina de percussão, é um momento em que as crianças foram cantar e dançar. Aqui os participantes estão conectados com toque e canto, em harmonia. Nessa oficina as crianças decidiram quem canta e quem toca ou quem canta e toca ao mesmo tempo. Depois, foi o momento de os participantes produzirem, versos (ladrões de marabaixo): aqui vai da criatividade de cada um, com auxílio dos oficinairos, respeitando a organização e estrutura de um verso, com 4 linhas (estrofes) e rimas. Aqui as crianças são livres para a produção dos seus ladrões de marabaixo. Em suma, no final da ação pedagógica, foi realizada uma socialização e demonstração do que aprenderam durante as oficinas, com exposição das máscaras e canto e dança de marabaixo, além de brindes e lanches para os participantes.

4 O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO E NA ESCOLA AGOSTINHA MARIA: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIA E IDENTIDADE NEGRA

O melhor caminho para a continuidade, preservação e proteção da Cultura, são as crianças (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

Esta seção dedicamos a apresentar o protagonismo das crianças no CCRM, compreendendo como as vivências, as experiências e a construção da identidade negra se articulam neste espaço. A partir de uma perspectiva cultural, buscamos entender sobre a maneira como as crianças se apropriam das tradições do Marabaixo e as ressignificam, contribuindo para a preservação das manifestação cultural afro-amazônica. Analisamos como o Centro Cultural, enquanto lócus de memória e resistência, proporciona às crianças a oportunidade de vivenciar, experimentar e fortalecer seus vínculos com a ancestralidade africana, fomentando o orgulho e a autoafirmação de sua identidade negra. Investigamos as práticas, os discursos e as interações que configuram o cotidiano dessas crianças no Centro Cultural, considerando-as pessoas de direito e protagonistas na construção de seus próprios saberes e discursos.

As oficinas foram realizadas durante a semana do dia 22 a 26 de outubro de 2024, na escola Agostinha Maria, com as dez crianças participantes da pesquisa (sete meninas e três meninos), as quais fazem parte do grupo infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho. Foi necessária a ajuda do Jozué Videira para conduzir as oficinas de confecção de máscaras da festa de São Tiago, percussão de Marabaixo e canto e dança de Marabaixo.

Antes de colocar as mãos na argila, o oficinairo Jozué Videira conversou com as crianças sobre a importância das máscaras na festividade de São Tiago. Ali, junto às crianças, amassou o barro para melhor modelagem. As crianças meteram as mãos no barro e fizeram suas produções seguindo o comando do Jozué, como mostra a Figura 37.

Durante as oficinas, foi possível observar a participação e o envolvimento das crianças, com muita energia e disposição. Falavam ao mesmo tempo e pediam atenção do Jozué o tempo inteiro; o desafio era construir um rosto uma moldura. Cada criança criou a sua conforme sua imaginação.

A confecção das máscaras demandou mais tempo; foram três dias para moldar e fazer colagem com tiras de papéis e secagem das máscaras até o ponto ideal para a pintura. Durante esse contato com argila, as crianças se divertiram muito e foram moldando até o formar um rosto. A imagem abaixo representa o momento em que o Sr. Jozué preparava as porções de

argila para as crianças manusearem e modularem as máscaras.

Figura 37 - Manipulação da argila e modelagem de máscaras pelas crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Na etapa da pintura eles foram dinâmicos e cada um usou sua criatividade. Usaram tonalidades e variedades de cores, tudo para deixar as máscaras bonitas e coloridas. A pintura é a parte de acabamento da máscara e exige muita concentração e criatividade. Segue imagem do momento em que as crianças pintaram suas produções de máscaras.

Figura 38 - Pintura das máscaras



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A oficina não beneficia somente as competências artísticas, as crianças também aprendem sobre suas raízes culturais de Mazagão Velho e sobre a importância desses saberes culturais para a construção da identidade negra. Esta percepção é reforçada por meio das vozes das crianças que participaram da oficina, como se vê abaixo:

[...] professora ensinou a gente fazer máscara de barro, ela explicou também, que nós viemos da África e que a gente aqui em Mazagão Velho é rico de cultura (Cafuza, 12 anos).

- A minha máscara eu vou dar de presente para o meu pai pra ele brincar na festa de São Tiago (Moça Morena, 10 anos).

No depoimento de Cafuza, observamos a relação que ela fez com a proposta pedagógica. Primeiramente, a fala destaca a prática, o "fazer a máscara de barro", validando a oficina como uma ferramenta de participação eficaz (saber-fazer). Em segundo lugar, e de forma importante, a criança relaciona esta atividade prática a uma construção de consciência histórica e diaspórica ("que nós viemos da África"), demonstrando a compreensão de uma narrativa que fundamenta sua identidade para além do contexto local. Por fim, Cafuza internalizou e verbalizou um sentimento de valorização, ressignificando seu lugar de pertencimento a partir de uma ótica positiva. A fala, portanto, sinaliza o êxito, pois a atividade manual serviu de suporte para a construção de um novo repertório identitário.

Por sua vez, a fala de Moça Morena demonstra que a oficina contribuiu com o aprendizado para o contexto social e cultural da comunidade. A apropriação do objeto é imediata e carrega um forte vínculo afetivo quando ela afirma: "vou dar de presente para o meu pai". O ponto mais significativo, contudo, é a finalidade atribuída ao artefato: isto demonstra que a máscara não foi percebida como um mero objeto escolar ou um produto de atividade artística descontextualizada. Ao contrário, ela foi integrada ao evento mais importante do calendário cultural mazaganense, adquirindo uma função social viva e autêntica. A criança não apenas aprendeu uma técnica e um conceito; ela compreendeu o potencial do objeto dentro de sua própria cultura, promovendo a circulação do saber adquirido no espaço da oficina para o contexto familiar e da festa comunitária. A imagem a seguir representa as produções finalizadas e pintadas na oficina de produção de máscaras na escola.

Figura 39 - Produção das crianças na oficina

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Por fim, estas reflexões, apoiadas também nas vozes das crianças observadas, nos permite identificar as interações entre a criança e os saberes culturais tradicionais; é através de prática artística e do brincar que as crianças constroem seus conhecimentos sobre a cultura que foi herdada pelos antepassados. Logo, conforme Gloria Moura (2012), “A cultura africana ancestral é um esforço dos negros e negras para preservar a identidade étnica em comunidades rurais negras”.

Na oficina percussão de Marabaixo, foram apresentados os instrumentos que são utilizados nas festividades de Nossa Senhora da Piedade e Senhora da Luz, como tambores e tabocas. Também havia as caixas de marabaixo, esta eles conhecem e sabem tocar. A imagem a seguir foi registrada no intervalo da oficina, quando as crianças se reuniram e fizeram uma percussão de marabaixo.

Figura 40 - Roda de percussão e canto de marabaixo pelas crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

É perceptível a afinidade das crianças com os instrumentos, caixas e baquetas. Realizaram rapidamente um som de percussão acompanhada com uma taboca ou (pau de chuva), e as cantoras soltaram a voz nos ladrões de marabaixo. Moura (2012) descreve que estes instrumentos de percussão são frequentes na África e em muitos lugares no Brasil. Aqui em Mazagão Velho, os(as) caixeiros(as), tocam com baquetas em festas do Divino ao dançarem o marabaixo. Logo, conforme Videira (2014, p. 16), Marabaixo é uma “[...] dança de base africana e afrodescendente, dança tradicional, festiva e religiosa, dentro da filosofia do catolicismo de preto, é coisa séria, é tradição [...]”. Isto as crianças expressam muito bem na intimidade com a caixa de marabaixo, como mostra a imagem a seguir: as crianças tocam os instrumentos e cantam na área externa da escola.

Figura 41 - Toque da caixa na oficina de percussão de Marabaixo



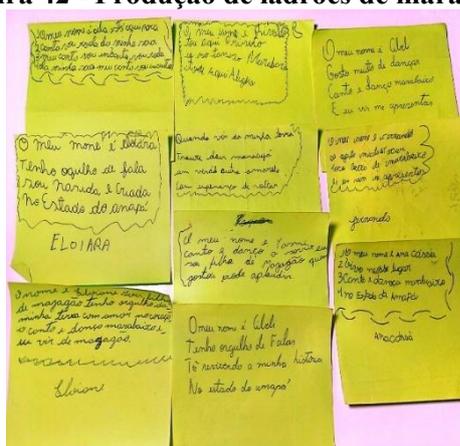
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

As crianças aprenderam muito nas oficinas; durante a percussão de Marabaixo, foi possível observar que elas vão criando habilidade com os instrumentos aprendem a valorizar as tradições e a finalidade que as caixas e os tambores têm com a história e a cultura de Mazagão Velho. É lindo ver os olhinhos brilhando e a vontade de tocar a caixa. Entendem também que tocar a caixa é coisa séria e precisa ter responsabilidade e zelo com os instrumentos. Vivenciam os saberes culturais no tocar das caixas e tambores, no canto e na dança de marabaixo e batuque. Assim, vão construindo a sua identidade. Logo, conforme Hall (2019), a construção da identidade do indivíduo começa na interação com o outro e com a cultura, tornando a identidade o elo que liga o eu interno ao externo.

Nesse sentido, elas vão construindo o conhecimento histórico e cultural, uma vez que a identidade cultural recobre uma realidade muito complexa que engloba fatores históricos, culturais e raciais. Munanga (2019, p. 13) considera que o “processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ‘outros’, [...] considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados”.

Vale mencionar que a oficina de canto e dança de Marabaixo completou a semana, com encerramento das oficinas. Nesta oficina as crianças trabalharam a escrita e a leitura. Foram utilizados materiais como lápis, canetas e papel A4, além de caixas de marabaixo. As orientações foram dadas peloicineiro Jozué Videira e o desafio era produzir ladrões (versos) de marabaixo. A imagem a seguir mostra os ladrões de marabaixo produzidos pelas crianças durante a oficina. Em seguida, a imagem do ensaio dos versos escritos por elas.

Figura 42 - Produção de ladrões de marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 43 - Ensaio dos ladrões de marabaixo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Durante os ensaios as crianças tiveram dificuldades para encaixar o verso com a melodia, mas logo entraram no clima da música. Assim, o ensaio das crianças participantes virou uma grande festa, elas soltaram a voz, conforme o refrão de marabaixo que diz: **“Eu vou eu vou, eu vou pra lá, ao som dessa caixa eu vou, marabaixo dançar”**. Assim, seguiram e, a cada refrão cantado, um jogava seu ladrão:

O meu nome é Oh Nego, tô aqui pra me mostrar eu só danço marabaixo é pra gente se alegrar (Oh Nego, 10 anos).

Quando eu vim da minha Terra trouxe dois maracujás, um verde outro amarelo com a esperança de voltar (Talina, 10 anos).

O meu nome é Açucena estou aqui para cantar, no rodar da minha saia meu canto vou encantar (Açucena, 12 anos).

Meu nome é Morena, gosto muito desse lugar, canto e danço marabaixo no Estado do Amapá (Moça Morena, 10 anos).

O meu nome é Cafuza, gosto muito de dançar, canto e danço marabaixo e eu vim me apresentar (Cafuza, 12 anos).

Sem dúvida as oficinas promoveram momentos de muita interação e aprendizado para as crianças. Observamos na escrita dos ladrões de marabaixo, o ponto de partida, o nome delas, e ainda descrevem o sentimento e pertencimento de ser mazaganense. Aprendem que os ladrões precisam ter uma estrutura e organização de rimas. Sobre isso, Videira (2020, p. 74) afirma que:

As cantigas do Marabaixo são compostas por versos que recebem a denominação de ladrão. São versos tirados de improviso com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade. Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que têm habilidades com a rima. Na letra das cantigas do Marabaixo podemos perceber a presença de uma literatura afrodescendente. No passado, os ladrões eram tirados e cantados por afrodescendentes ilustres e pioneiros da cultura afroamapaense.

Certamente que as cantigas de marabaixo nos revelam uma riqueza cultural com baseada no improviso e nas múltiplas funções de comunicação centrada na literatura e na identidade afrodescendente do Amapá. De acordo com Jozué, nos anos de 1960, os ladrões eram cantados pelos pioneiros ilustres; alguns já partiram, como o saudoso senhor Bilo Nunes, dona Oldacina e entre outros mazaganenses. Ele se preocupa com a importância continuidade e preservação das tradições. A partir de meados dos anos 1980, uma juventude liderada pelo Jozué Videira começa um trabalho voltado para a continuidade da cultura de Mazagão Velho, conforme depoimento:

Durante a década de 1960, a cultura local era dirigida pelos membros mais antigos da comunidade. Somente os pioneiros produziam e tocavam instrumentos, cantavam e dançavam Marabaixo e batuque. Por volta de 1975, o senhor Memézio e sua esposa, Dona Oldacina, me conduziram ao universo cultural das celebrações culturais de Mazagão Velho. Começa então, uma nova história de envolvimento dos jovens nos saberes culturais, uma batalha para fazê-los entender da necessidade de repassar os saberes para os mais jovens para que a cultura não desaparecesse, e atualmente ainda encontramos resistência por conta da apropriação dos saberes culturais [...] (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

O relato de Jozué Videira nos traz uma perspectiva valiosa sobre a dinâmica cultural em Mazagão Velho ao longo das décadas. Percebemos claramente a restrição e a resistência na transmissão dos saberes para as novas gerações. Ele acredita que o envolvimento dos jovens fortalece positivamente na salvaguarda do Marabaixo e do batuque. Esta batalha para engajar a juventude revela um desafio constante na manutenção das tradições: com a partida dos mais antigos, os saberes estavam se perdendo. Por essa razão, o oficinairo Jozué Videira vem, ao

longo dos anos, promovendo um trabalho com oficinas e palestras sobre os saberes para a manutenção da cultura de Mazagão Velho, da Amazônia amapaense. Portanto, o depoimento do Sr. Jozué é um chamado à ação e à reflexão sobre a importância da memória e da continuidade cultural em Mazagão Velho.

4.1 Os Saberes nas Expressões de Pertencimento das Crianças em Forma de Desenho, e Produções de Ladrões de Marabaixo: o olhar sobre os Saberes Culturais de Mazagão Velho

Amigos cheguem aqui vou cantar pra vocês
este é Mazagão Velho que tem festa todo mês.
Em janeiro dia 10 tem festa de São Gonçalo,
23 é nossa Vila que está de aniversário
(Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

Este ladrão de Marabaixo é um convite direto para as manifestações culturais que são realizadas e apreciadas na comunidade. Através do ritmo empolgante do ladrão de marabaixo, daremos início às categorias de análise que versam sobre saberes nas expressões de pertencimento, saberes da história e saberes culturais das crianças de Mazagão Amapaense.

4.2 Primeira roda de conversa: o contar da história de Mazagão Velho, em música de marabaixo

A primeira roda de conversa com as crianças participantes aconteceu em uma manhã de terça-feira, após a semana das oficinas dos saberes, na escola Agostinha Maria. O momento iniciou-se pelo contar da História de Mazagão Velho, realizado pelo contador Jozué Videira, com base na narrativa oral por trechos e refrão de versos (ladrões) de Marabaixo. Durante a roda de conversa, as crianças sentaram lado a lado para ouvirem a história de Mazagão Velho e as festividades culturais cantadas em música de marabaixo na voz do Jozué Videira.

Logo as crianças entraram no ritmo e cantaram o refrão do marabaixo: **“meu Mazagão do coração tem o marabaixo que é animação, meu Mazagão do Coração tem o marabaixo que é animação”**. Jozué pediu para as crianças cantarem os versinhos de marabaixo que produziram durante a oficina de canto e dança de marabaixo. De início, as crianças se mostraram envergonhadas naquele momento da roda para cantar seus versinhos. Porém, depois foram se envolvendo com a dinâmica da roda.

A letra de marabaixo relata as festas que acontecem na comunidade, sendo é um

calendário festivo com muitas festas que duram o ano inteiro. Algumas concentram-se na igreja e outras são realizadas pela comunidade. A foto abaixo foi tirada durante a contação de história sobre Mazagão Velho.

Figura 44 - 1ª Roda de Contação de História sobre Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Como bem se observa, durante a atividade de contar histórias, a interação dos participantes com o contador foi imediata e espontânea, uma vez que o Jozué é uma referência para falar da cultura de Mazagão Velho. Entre olhares e risos, foi uma contação com música de marabaixo, como o refrão da lenda da cobra chita, que diz assim:

Se é mentira ou verdade, eu não sei o que dizer, eu só sei que me contaram e eu conto para vocês, tia Ana criava uma cobra que se chamava chita, se ela é viva ou é morta, ninguém sabe onde ela está. Se é mentira ou verdade eu não sei o que dizer, eu só sei que me contaram e eu conto para você.

O mito era coletivamente contado, com falas que intermediavam a voz do contador e as vozes das crianças protagonistas.

A seguir destacamos alguns dos excertos transcritos das falas das crianças, especialmente questões relacionadas ao aprendizado e intercâmbio de saberes culturais no CCRM em Mazagão Velho.

Sim, a gente já cantou, a gente já dançou e já ensaiou com o Jozué. Ele nos ensina lá no Centro a dançar, tocar caixa de marabaixo, batoque e outras coisas (Curica, 10 anos).

Sim, eu já aprendi a tocar caixa de marabaixo, cantar, jogar os versos eu não sei bem. E tipo, lá no Centro tem a torração do cacau e beju de tapioca, essas coisas todas (Lelê, 10 anos).

Aprendi a tocar a caixa de marabaixo no Centro, eu tenho roupa de marabaixo,

eu danço e toco caixa de marabaixo (Oh Nego, 10 anos).

Sem dúvida, a roda de conversa é uma ferramenta importante usada para a obtenção coletiva da oralidade, escuta e interação das crianças. Nas falas, evidencia-se a importância das oficinas como ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento histórico, cultural e social das crianças sobre a história da comunidade de Mazagão Velho. Logo, comungando das ideias de Loureiro (1995), a cultura amazônica está mergulhada em um ambiente onde predomina a transmissão da oralidade da sua história e suas manifestações culturais e artísticas. Assim, Mazagão Velho da Amazônia vem, ao longo dos anos, com seus mantenedores da cultura, se esforçando para manter vivas as tradições culturais da comunidade.

As passagens abaixo sintetizam algumas falas ao perguntarmos: vocês conhecem a história de Mazagão Velho?

[...] minha professora no 3º ano explicou que nós viemos da África e que a gente aqui em Mazagão Velho é rico de cultura (Cafuza, 12 anos).

Mazagão Velho foi fundada em 23 de janeiro de 1770, famílias que vieram da África (Lírio Verde, 10 anos).

Mazagão Velho é a raiz da nossa cultura, de nossa História do nosso povo e o marabaixo é a nossa História da nossa cultura, que nós viemos da África que nosso povo tem cultura e fé e nossa trajetória do passado do futuro que viemos da cultura, é assim que deve ser até os restos de nossas vidas (Cafuza, 12 anos).

Gosto muito de morar aqui, gosto das festas de São Tiago, Divino Espírito Santo. Minha família é daqui e gosta de morar aqui (Rosa Branca, 12 anos).

Mazagão Velho é uma cidade cultural tem muitas festas, eu sou de Mazagão Velho (Talina, 10 anos).

Nem todas as crianças conseguiram se expressar verbalmente, porém, pudemos observar que, por meio de olhares e gestos, conversavam com tudo que era falado ou explicado naquele ambiente. As falas evidenciam que as crianças do Raízes do marabaixo aprendem muito sobre a História de Mazagão e a valorizar as manifestações culturais e religiosas; também aprendem que o marabaixo faz parte desse contexto histórico-cultural e ancestral. Nesse sentido, “A cidade de Mazagão Velho guarda um capítulo especial da história da colonização brasileira. Passou a ser reconhecida tradicionalmente no estado e no país por suas festividades religiosas e manifestações culturais [...]” (Silva; Foster, 2024, p. 173).

As crianças aprendem desde pequenas a valorizar as manifestações culturais e religiosas da comunidade, elas imitam os adultos tocando nas festividades tanto do marabaixo quanto ao som do batuque. Nesse ritmo de brincadeira, elas vão construindo e se apropriando dos saberes.

Assim, concluímos a primeira roda de conversa seguida de marabaixo e batuque. As crianças usaram os instrumentos, caixa de marabaixo, tambor do batuque, taboca e um pandeiro feito de reciclagem e interagiram entre si, como mostra a imagem abaixo.

Figura 45 - Roda de percussão marabaixo e batuque



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Nesse ritmo, as crianças concluíram a roda ao som do batuque e saudaram a Festa de Nossa Senhora da Piedade com um refrão que diz assim: “Chegou, chegou a festa da Piedade, chegou, chegou a festa da Piedade, dia 11 de julho é o dia da chegada”. Conforme diz Silva (2005, p. 136), “O ritmo das palavras é o ritmo dos instrumentos de percussão. O som dos tambores é linguagem: é a palavra dos antepassados, que falam através deles fixando os ritmos fundamentais[...]”. As crianças imitam ou reproduzem a percussão que os foliões de N.S. da Piedade fazem e, mais uma vez, elas demonstram a continuidade das tradições culturais de Mazagão Velho.

4.3 Segunda roda de conversa: desenho de livre expressão

A segunda roda de conversa foi destinada à produção de desenho de livre expressão, registros que retrataram vivências, experiências, sentimentos e percepções das crianças sobre as oficinas, os instrumentos e as atividades das quais participam no Centro.

O segundo encontro com as crianças aconteceu um dia após a contação da história de fundação da Vila de Mazagão Velho, no mesmo local da primeira roda. Este encontro contou com a participação de 10 crianças protagonistas, que tiveram contato com imagens dos pontos de cultura de Mazagão Velho e com materiais de apoio, como revistas e imagens das

festividades locais, canetas, lápis de cor, giz de cera e papel A4, para produção dos desenhos. A imagem abaixo retrata este momento.

Figura 46 - Contato com revistas e imagens sobre Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A princípio, tiveram dificuldades para produzir seu desenho, disseram que não sabiam como começar, que era difícil desenhar, que não sabiam desenhar direito. Então, pedimos que eles olhassem bem as imagens e deixassem livre a imaginação. Depois de algum tempo, foram rabiscando o papel e foram surgindo desenhos ressaltando a importância dos lugares de referência na comunidade.

Nesta discussão acerca dos conhecimentos culturais de Mazagão Velho e a importância das oficinas e atividades do Centro, escutamos relatos relevantes sobre a história da vila, sobre as expressões culturais eficazes nas expressões religiosas e culturais, bem como sobre as oficinas já conduzidas pelo centro. Essas informações foram expressadas pelas crianças através de seus desenhos. A exemplo da pergunta sobre qual lugar em Mazagão Velho você mais gosta, uma criança respondeu assim: “- Eu desenhei a Igreja Nossa Senhora da Assunção, o monumento em frente à igreja, onde estão as estátuas dos padres, árvores de mangas, que deixam a frente da igreja bem bonita, e pessoas dançando marabaixo na porta da igreja” (Cafuza, 12 anos).

Dos efeitos às causas, o diálogo foi fluído de forma livre e espontânea, com os dizeres das crianças sobre suas impressões, opiniões e sentimento em relação aos seus desenhos sobre a Vila de Mazagão Velho, como a seguir.

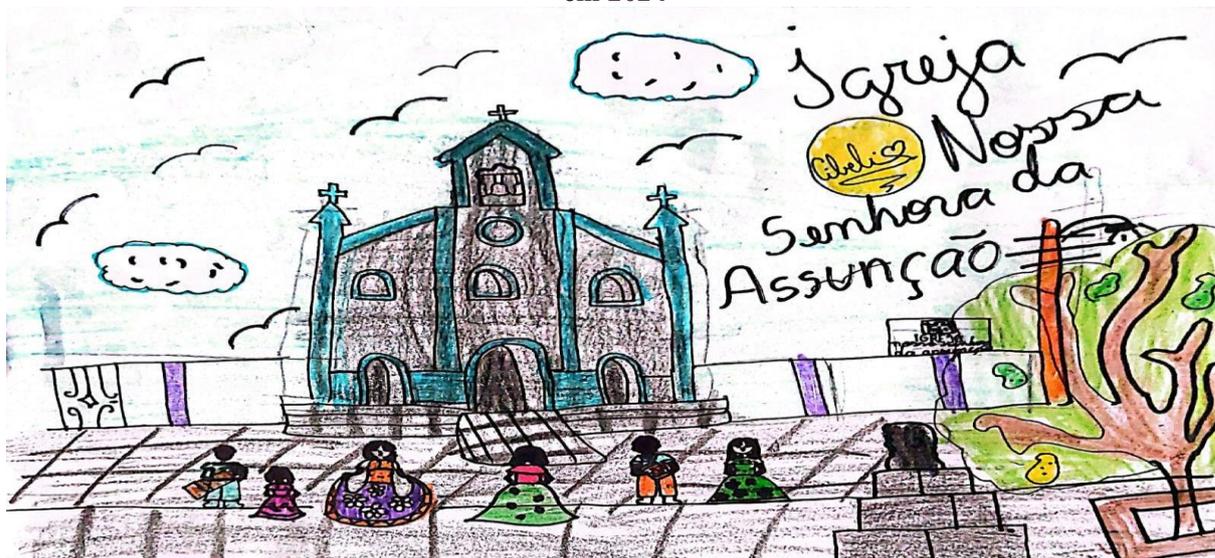
- Eu desenhei o Rio Mutuacá de Mazagão Velho, que passa bem em frente da igreja. É o lugar que eu gosto muito de tomar banho e gosto de brincar também (Rio Mutuacá, 10 anos).

- Eu desenhei o monumento com as estátuas dos padres que estão de costas para o rio Mutuacá e de frente para a igreja. Eu brinco de pira esconde, pega-pega, com meus colegas, quando venho para as novenas na igreja (Lírio Verde, 10 anos).

A Figura 47, de Cafuza (12 anos), retrata a igreja Nossa Senhora da Assunção em Mazagão Velho. Em frente à igreja há crianças tocando e dançando Marabaixo. Ela consegue, através da imagem, expressar seu sentimento de pertencimento e desejo de ver as crianças dançando Marabaixo na porta da igreja e de frente para o rio Mutuacá. Assim, Munanga (2019) considera que a construção da identidade cultural nasce a partir da consciência histórica e sentimento de pertencimento de sua ancestralidade.

A imagem retrata também a vida na comunidade e a simplicidade da vida rural. A respeito disso, Gloria Moura (2012, p. 69) ressalta que “A vida nas comunidades negras rurais é intercalada por sons dois instrumentos de trabalho no campo e batidas de tambores nas festas, percussões que contam histórias, lutas, alegrias e tristezas do povo negro [...]”.

Figura 47 - Desenho da igreja N.S. da Assunção de Mazagão Velho feito por uma participante em 2024



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Na sequência, como mostram as imagens seguintes, optamos por empregar a técnica do desenho como forma de livre expressão infantil e como meio de comunicação também. Embora o desenho seja um instrumento metodológico essencial em pesquisas com crianças, neste estudo foi utilizado para simplificar nossa interação com as participantes, expressar a pertença à cultura e aos saberes da comunidade, além de incentivar que a timidez não impactasse significativamente o ambiente de estudo.

Figura 48 - Fotografia registrada 2ª roda de conversa/produção desenho infantil



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Assim sendo, o desenho infantil, além de ser uma forma rica de expressão do imaginário infantil, também pode ser concebido como uma forma de linguagem que vai além da oralidade, ao poder retratar significações, sentimentos, estados de humor e sua própria subjetividade. As crianças foram orientadas a descrever, mediante registros gráficos, o que a história de Mazagão Velho representa ou desperta em cada uma delas.

Durante a produção dos desenhos, as crianças se posicionaram espontaneamente ao redor de uma mesa grande e dialogaram sobre suas experiências no grupo Infantil Raízes do Marabaixo (GIRM), sobre a história da comunidade e expuseram os significados de seus desenhos. Ao falarem, expressavam emotivamente o sentimento de pertencimento dos saberes culturais de Mazagão e sobre os lugares de referência que desenharam, mencionando sentimento de amor pela cultura de Mazagão Velho.

A cada traço e a cada cor usada para aquarelar e dar vida aos registros pessoais sobre a cultura e história de Mazagão Velho, vimos surgirem em folhas brancas de papel imagens que representam sentimentos, emoções e impressões infantis sobre esse importante lugar que agrega diferentes saberes culturais da cultura amapaense; em destaque os primeiros traços do desenho que segue na Figura 49.

Figura 49 - Fotografia retratada/desenho livre infantil



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Durante a técnica do desenho, o emprego do diálogo foi muito proveitoso para a captura de dados para a pesquisa. As crianças verbalizaram algumas experiências e impressões pessoais e familiares vivenciadas no dia a dia delas. Como mostra a fala da participante. “Eu desenhei o campo de futebol, Osmundo Valente, porque gosto muito de futebol e de assistir aos campeonatos, jogos. Ah, eu gosto de jogar bola com as meninas na rua de casa” (Talina, 10 anos). O depoimento da participante Talina sobre o desenho do campo de futebol Osmundo Valente revela uma profunda admiração pelo futebol, tanto como espectadora quanto como praticante em um ambiente informal e cotidiano, de jogar na rua com amigas. Assim, o futebol em um contexto social tem para ela uma dimensão comunitária e de interação com outras meninas.

4.4 Terceira roda de conversa: um olhar sobre os saberes culturais de Mazagão Velho

Na terceira roda de conversa, organizamos junto às crianças um painel de fotografias sobre os lugares e instrumentos de percussão de Marabaixo na escola, campo de pesquisa. Para a construção do painel de fotografias, utilizamos imagens impressas e, com as crianças, selecionamos as melhores para a atividade.

Figura 50 - Painel de fotografias: saberes culturais de Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A partir do painel com imagens de lugares e saberes tradicionais sobre a cultura Mazagão Velho e oficinas no CCRM, perguntamos: você já fez alguma oficina no centro?

- No Centro a gente aprende tocar caixa de marabaixo nos ensaios a gente aprende cantar e dançar marabaixo para apresentar nos eventos (Curica, 10 anos).
- Eu aprendi tocar caixa de marabaixo com meu pai, ele que me ensinou, no Raízes do Marabaixo eu danço e toco marabaixo (Rio Mutuacá, 10 anos).
- Lá no Centro tem a torração do cacau e a oficina de fazer bejucica de tapioca, essas coisas tem lá, eu gosto muito de dançar marabaixo e da oficina de fazer máscaras é muito legal (Lelê, 10 anos).

É possível perceber que, ao aprender sobre o marabaixo e o batuque, Curica está também construindo e fortalecendo sua identidade cultural e sua conexão com as raízes da comunidade. Além disso, a fala de Lelê revela como diferentes aspectos da cultura local estão interligados no “Centro”, sendo este lugar de aprendizados do marabaixo e outras práticas culturais, como o processamento artesanal do cacau e do beju de tapioca. Logo, as falas de Curica, Rio Mutuaca e Lelê se completam, em uma visão rica do Centro, cenário vibrante de aprendizado cultural na comunidade de Mazagão Velho. Sob a orientação de Jozué, elas e outras pessoas participam ativamente de atividades como canto, dança e, de forma especial, aprendem sobre o marabaixo e o batuque, expressões importantes da cultura local. Isto demonstra o papel fundamental da transmissão de conhecimentos tradicionais para as novas gerações e o engajamento das crianças na vida cultural da comunidade. As falas sublinham a importância do CCRM na preservação e transmissão da cultura local para as novas gerações.

As imagens no painel de fotografias sobre os saberes de Mazagão Velho e o CCRM foram elementos norteadores para conduzir as conversas com as crianças, que foram provocadas a falar sobre o que pensam sobre o CCRM e o que o local representa para elas. As passagens abaixo sintetizam algumas opiniões sobre os questionamentos: por que vocês participam do grupo raízes e qual a razão de estarem no Centro?

- Eu aprendo no Raízes sobre nossa cultura, lá ensinam as crianças a cantar e dançar marabaixo, tocar os tambores também (Oh Nego, 10 anos).

- O Centro é uma alegria para nós, a gente vai lá, o Jozué dá caixa e a gente joga versos. O Jozué gosta que a gente jogue versos e umas crianças cantam e outras dançam né, eu canto e jogo versos. O Centro me lembra o Jozué (Curica, 10 anos).

- Eu tenho muito orgulho de participar do Grupo, de estar no Centro dançando, cantando. Sinto orgulho de me apresentar cantando e dançando marabaixo (Lelê, 10 anos).

- Eu participo do Grupo Raízes do Marabaixo porque é um grupo de nossa terra, Mazagão tem Cultura e Tradição, tem um povo que tem cultura e fé, aqui a gente aprende muito da História da gente, que nós viemos da África, nosso continente, e que ensinaram a gente a dançar tocar e cantar marabaixo e batuque (Cafuza, 12 anos).

- O Centro é um lugar cultural, que eu gosto muito de ir pra cantar, ensaiar pra aprender a tocar e ensinar outras pessoas a dançar e tocar as caixas de marabaixo (Talina, 10 anos).

É possível perceber que os relatos das crianças evidenciam o Centro como um espaço de vivência cultural, local vibrante e dinâmico, onde a cultura do marabaixo ganha vida através da música, da dança e da improvisação dos versos. É um espaço de aprendizado, mas também de alegria e interação social.

Vale destacar a fala de Cafuza, que é um testemunho poderoso da importância do Grupo Raízes do Marabaixo como um elo com a história, a cultura e a identidade de Mazagão Velho, ou seja, para ela representa aprendizado sobre a História, sobre os antepassados e a ancestralidade africana na formação da cultura local.

As crianças expressam um profundo orgulho de sua terra e de seu povo, reconhecem a herança africana como uma parte fundamental de sua história e valorizam o aprendizado e a prática do marabaixo e do batuque como formas de manter viva essa rica tradição. Sua participação no grupo é, portanto, uma forma de se conectar com suas raízes e fortalecer sua identidade cultural.

Durante a realização da atividade, as crianças verbalizaram seus pensamentos e impressões acerca da importância do CCRM, espaço de cultura e vivência das crianças que

fazem parte do grupo infantil Raízes do Marabaixo GIRM de Mazagão Velho. Nessa dinâmica foi explorado o painel de fotografias dos saberes de Mazagão Velho, que fazem parte das oficinas no Centro. O reconhecimento das imagens era imediato, sendo que as crianças tinham desejo de falar e as falas aconteciam desprendidas de preocupações com o tempo cronológico da vida. Enquanto uns falavam através da oralidade, outras formas de comunicação também aconteciam, como movimentos de cabeça e olhar fixo e brilhante de compreensão das imagens. Nesse sentido, o Centro de cultura negra é uma “referência para todos os negros” (Silva, 2012, p. 12). A autora destaca ainda que o Centro de cultura negra representa o resgate da história e da cultura, luta e resistência da comunidade negra. Nessa direção, constrói uma identidade étnica das crianças mazaganenses. Segue imagem do momento que as crianças olhavam as imagens do painel sobre os saberes de Mazagão Velho e sobre as oficinas no Centro.

Figura 51 - Momento em que as crianças olhavam as imagens e as informações sobre o CCRM



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A partir de então percebemos que, através da atividade utilizando as imagens dos saberes culturais de Mazagão, as crianças conseguiram contextualizar e fazer uma síntese com suas próprias palavras dos saberes vivenciados por elas no contexto das atividades que participam no CCRM. Os Centros de cultura no Brasil “são feitos sem que se tenha uma diretriz clara sobre o que fazer dentro deles, parte, portanto, da ação concreta de uma casa destinada à Cultura [...]” (Milanesi, 1997, p. 139). A ação concreta com as crianças no Centro é evidenciada nas falas dos participantes.

- O Centro é nossa raiz cultural porque quando eu tiver meus filhos e crescerem, vão para o Centro para conhecer sobre nossa cultura de Mazagão

(Rosa Branca, 12 anos).

- Eu gosto do Centro Raízes do Marabaixo porque é uma tradição cultural, é muito bom pra gente aprender e ensinar, dançar, cantar e tocar marabaixo (Açucena, 12 anos).

- O Centro é onde a gente ensaia o toque de marabaixo e vem pessoas de Macapá e de outros lugares visitar o Centro, lá a gente comemora e dança e canta marabaixo e batuque, isso é alegria para nós porque é nossa Cultura (Oh Nego, 10 anos).

O Centro simboliza os saberes culturais de Mazagão Velho, sendo lugar de referência dos saberes que as crianças do grupo infantil raízes do marabaixo participam e aprendem na vivência com outras crianças a valorização da Cultura local, como bem expressa a fala sincera da Rosa Branca, carregada de pureza e consciência cultural forte; desde criança, já reconhece a importância de preservar e valorizar o Centro cultural. A fala de Açucena demonstra amor e respeito pela tradição cultural, um profundo apreço pelas raízes do marabaixo e o entendimento de que carrega consigo a história e a identidade do seu povo. Nesse sentido, as crianças reconhecem a importância do CCRM.

A narrativa do Oh Nego transborda um orgulho lindo pela cultura de Mazagão Velho, a importância do Centro como um lugar de aprendizado, encontro, celebração e alegria. Que essa energia do marabaixo e do batuque continue vibrando forte em Mazagão. A fala mostra que ele é o coração pulsante da manifestação cultural, onde o aprendizado e a prática se encontram. Que as crianças sigam cultivando o amor pela cultura de Mazagão.

A fundação do CCRM, inicialmente, foi concebida para armazenar materiais utilizados nas festividades e ensaios de percussão dos grupos de marabaixo da comunidade de Mazagão Velho, porém, foram percebendo que, além dessas finalidades, era necessário ampliar as atividades do Centro, como um espaço de memória, identidade e transmissão de conhecimentos para as gerações futuras.

Logo, conforme Silva (1995, p. 52), “o centro cultural será irradiador e não uma fortaleza à qual somente alguns iniciados têm acesso”. O Centro cultural é local de acesso aos conhecimentos na convivência coletiva comunitária para todos. O grupo Infantil Raízes do Marabaixo é fruto de um grande projeto de resgate da cultura de Mazagão e promoção da identidade negra das crianças. Sobre a valorização e importância do Centro para a comunidade de Mazagão Velho, Dona Joaquina, popularmente conhecida Tia Joca, relata um pouco sobre o Centro:

O Centro de Cultura Negra, como eu falo, é muito importante pra nós, tudo a gente faz, tudo da nossa cultura que a gente possa realizar, a gente vai lá e faz!

Tudo com amor e carinho. Então para nós é muito importante aquele Centro.

O Centro é muito importante pra nós Negros, hoje a gente tem um espaço pra gente realizar tudo da nossa cultura. Tudo que é de negro a gente faz lá, fazição de cacau, fazição¹² de beju e outras coisa a gente faz lá. Eu me considero parte desse lugar e com muito orgulho.

O Centro representa muita coisa para nós, coisas de negros, tudo que a gente ia fazer era lá, aquelas nossas reuniões, nossas conversas, era uma coisa muito interessante. Logo no começo era assim, depois que o Jozué largou, está assim, nunca mais eu fui lá. Mas eu não quero abandonar, eu quero ir sempre lá. Mas, não está mais como era antes (Joaquina Jacarandá, Depoimento 08/05/2024).

O depoimento de tia Joca evidencia seu amor e suas memórias e vivências no Centro, reconhecendo o valor sentimental do espaço de cultura para a comunidade negra mazaganense. Expressa ainda que o Centro vem perdendo potência, as coisas que antes eram mais frequentes, como rodas de conversas, encontros para compor e cantar ladrões de marabaixo, hoje já não acontecem mais. Mas deixa claro que não quer abandonar, ainda tem forças para resistir, para a cultura não perecer. Tia Joca é uma das mantenedoras da cultura local.

Tia Joca é um testemunho poderoso da importância dos centros culturais para as comunidades. Eles são muito mais do que edifícios; são lares para a cultura, espaços de resistência, aprendizado, celebração e, acima de tudo, lugares onde o amor e o orgulho pela própria identidade manifestam-se em cada ação. Seu depoimento expressa um sentimento profundo de pertencimento, orgulho e conexão forte com o Centro, espaço de preservação e transmissão dos saberes tradicionais.

A voz de Tia Joca, repleta de história, afeto e saudade, nos lembra que os espaços culturais são dinâmicos e sujeitos a mudanças, mas também são espaços de resistência, como bem expressa a Tia Joca: “coisa de negro”. Este valor afetivo e identitário nos remete ao conceito de negritude de Munanga (1995) como tomada de conscientização da condição histórica da negação das culturas: “[...] vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (Munanga, 2005, p. 25). Tia Joca representa a força da resistência. Assim, persiste o desejo da Tia Joca de retornar para o Centro; mesmo reconhecendo as mudanças, fala da força desse vínculo e da necessidade humana de pertencimento e de conexão com as próprias raízes culturais.

Por fim, essas reflexões, fundamentadas também pelo depoimento de Tia Joca e pelas vozes das crianças observadas acima, demonstram a valorização do espaço de cultura, que

¹² Fazição é o nome popular, dado pela Tia Joca, para a produção artesanal de cacau (chocolate caseiro) e produção de bejucica (feito da goma de tapioca).

infelizmente vem sofrendo um desgaste e paralisação das atividades socioculturais.

4.5 Participação do Coordenador do CCRM

O Centro é um espaço fundamental ligado à comunidade. Então, eu posso dizer que é da comunidade e todos devem estar inseridos nesse espaço [...] (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

Nesta subseção abordaremos as narrativas do coordenador do CCRM em Mazagão Velho, Sr. Jozué Videira, bem como suas percepções a respeito dos saberes culturais da comunidade no CCRM. Traçamos o perfil sociocultural do participante e identificamos os desafios do Centro no compromisso com os saberes culturais de Mazagão Velho, conforme o quadro abaixo.

Quadro 8 - Perfil do Coordenador do Centro

PARTICIPANTE ENTREVISTADO	DESCRIÇÃO FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DO PARTICIPANTE
Coordenador do CCRM	Ensino Médio Coordenador e oficineiro
	<p>Jozué da Conceição Videira (57 anos), conhecido na comunidade como “Juca”, nasceu em Mazagão Velho, em 26/09/1949. Coordenador do Centro Cultural Raízes do Marabaixo CCRM. Participa das festividades do Divino Espírito Santo há mais de 30 anos, sendo que desde criança foi incentivado pelo senhor Memézio e dona Oldacina.</p> <p>Aprendeu a confeccionar caixas de marabaixo. É produtor dos instrumentos de percussão ligados à cultura de Mazagão Velho, como caixa, tambor de marabaixo e batuque, reco-reco/pau de chuva e taboca. Realiza oficinas de máscaras em argila e percussão de marabaixo.</p>

Fonte: Elaboração própria (2025).

4.6 Os desafios do centro no compromisso com os saberes culturais de Mazagão Velho

Um centro de cultura deve refletir a cultura de sua sociedade ou grupo social e realizar as suas atividades de acordo com esta sociedade ou grupo (Silva, 1995). Conforme a autora, atualmente as questões da preservação da memória e da cultura estão mais debatidas e

valorizadas. Isto porque os espaços dedicados à preservação da memória e também das manifestações culturais vão ganhando terreno e constituindo-se até em políticas de Estado, sendo que estes espaços passaram por transformações nos seus objetivos e funções a partir da década de 1980.

De acordo com Silva (1995, p. 105), o que caracteriza um Centro Cultura é a sua “forma de ação, isto é, como as múltiplas atividades se interrelacionam”; nesse sentido, o Centro deve ser um espaço dinâmico, ativo, interdisciplinar, inconformista, irradiador, polivalente, contemporâneo, desarticulador e vivo, ou seja, um espaço diversificado de atividades.

Os Centros são espaços de uma gama de possibilidades; logo, o CCRM é considerado um referencial concreto educativo cultural da comunidade no distrito de Mazagão Velho. Por meio desta ação educativa, oficinas são realizadas especialmente com jovens e crianças mazaganenses na promoção da identidade negra. Sobre essa ação valorosa, trouxemos para essas reflexões e ponderações à voz do coordenador do Centro ao perguntar:

Delcirene: Qual o objetivo do trabalho realizado com as crianças?

Jozué Videira: As pessoas estavam morrendo e levando os conhecimentos com eles. Então não estava havendo o repasse, evidentemente, que vai se ter uma perda disso. [...] a gente entrou nessa área e juntos pensamos que o melhor caminho pra dar continuidade, a preservação e a proteção disso, seriam “AS CRIANÇAS”, trabalhar as crianças, que elas seriam o futuro (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

É possível observar na fala do coordenador uma profunda conexão com a cultura de Mazagão Velho e uma preocupação genuína com sua perpetuação. Percebemos, de imediato, uma sensibilidade notável para a urgência da transmissão de saberes, um tema central que permeia toda a reflexão do Sr. Jozué Videira, ao sustentar que o objetivo primordial do trabalho realizado no Centro com as crianças é, explicitamente, a preservação e manutenção da cultura de Mazagão Velho. Conforme Hall (2016, p. 19), “culturas, são valores compartilhados de um grupo, ou de uma sociedade”. Ou seja, tudo que seja característico ao modo de vida das pessoas de uma comunidade ou grupo social é denominado de cultura.

O coordenador explicita ainda que as pessoas estavam falecendo e levando com elas os conhecimentos. Então não estava havendo o repasse dos saberes culturais e, com isso, haveria uma perda da cultura. Diante dessa constatação, a solução encontrada é investir nas novas gerações, sendo as crianças o futuro e elo essencial para garantir a continuidade, a preservação e a proteção do legado cultural. Logo, essa escolha demonstra uma visão estratégica e um entendimento de que a cultura só se mantém viva se for ativamente transmitida e vivenciada

pelos mais jovens, que se tornarão os próximos guardiões das tradições. Sobre a história popular da comunidade, o Sr. Jozué Videira nos relata que:

Jozué Videira: A história de Mazagão, ela é uma coisa muito do lado científico, então a gente acaba morrendo e nunca descobre a real verdade sobre isso, são 255 anos de Mazagão, ele fez parte de um projeto. Essa história ela bem verdade que ela atravessou o Atlântico, até chegar em Mazagão na Amazônia. Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A afirmação do Sr. Jozué Videira em relação ao conhecimento da história popular da comunidade demonstra o seu conhecimento da complexidade das narrativas que a cercam. Além disso, ele menciona a fundação da vila de Mazagão Velho por famílias portuguesas que se deslocaram da África. De acordo com Véronique Boyer (2008), a história de Mazagão Velho é extensa e significativa, tendo suas origens no século XVIII com a chegada dos portugueses vindos do Marrocos.

A história de Mazagão começa há mais de três séculos do outro lado do oceano Atlântico, quando, em 1769, a Coroa portuguesa resolve, sob a pressão dos Mouros, retirar-se da costa marroquina. Toma-se então a decisão de mandar as 436 famílias da fortaleza de Mazagão para a Amazônia, que estava sendo colonizada. Entre 1770 e 1776, após demoradas etapas em Lisboa e em Belém do Pará em que se perde quase um quarto do contingente inicial, 313 destas famílias, com os escravos recebidos na capital do Grão-Pará no lugar de soldos, chegam ao lugar onde esperam fundar a Mazagão americana (Boyer, 2008, p. 14).

Observamos que a trajetória de Mazagão teve seu início há mais de trezentos anos, quando, em 1769, a Coroa Portuguesa, confrontada com a pressão dos mouros, optou por deixar a costa do Marrocos. Esta decisão levou as 436 famílias da fortaleza de Mazagão a serem transferidas para a região amazônica, época que marca o processo de colonização da Amazônia.

A citação de Boyer (2008) conecta a história de Mazagão como resultado de uma decisão política tomada em um contexto de conflito militar envolvendo Portugal e o Marrocos, levando à migração significativa transatlântica de famílias para a Amazônia em processo de colonização. Nesse sentido, a história local de Mazagão Velho é conectada a eventos históricos mais amplos envolvendo Portugal e o Marrocos; isto levanta questões sobre a preservação de memórias, a adaptação cultural e a formação da comunidade em contexto de colonização na Amazônia.

É interessante notar a diferença entre o relato científico da história de Mazagão Velho, que tem um enfoque na ciência, e a história que reside nas vivências, nas memórias e nas tradições da oralidade que, por vezes, são mais difíceis de serem compreendidas ou registradas formalmente. Nesse sentido, há um reconhecimento da profundidade da inesgotável história da comunidade. Então, perguntamos ao Sr. Jozué Videira:

Delcirene: Você sabe tocar algum instrumento, caixa, tambor, ligado à cultura de Mazagão Velho?

Jozué Videira: Eu me aperfeiçoei em todos os instrumentos, as manifestações culturais, eu não fazia parte, somente fazia parte da comissão do Divino tocando caixa, mas eu aprendi tocar tambor, eu toco a caixa de São Tiago, eu toco sairé e todos os instrumentos que estão ali, até porque eu aprendi a confeccionar esses instrumentos, então quando eu aprendi a confeccionar e eu aprendi a tocá-los (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A fala do Sr. Jozué Videira, no que tange ao domínio de instrumentos musicais ligados às manifestações culturais da comunidade, é afirmativa e detalhada. O coordenador não somente afirma saber tocar, mas revela uma imersão profunda ao dizer que: “Eu me aperfeiçoei em todos os instrumentos, as manifestações culturais”. Ele cita especificamente o tambor, a caixa de São Tiago e instrumentos do Sairé, indicando familiaridade com as diversas expressões culturais de Mazagão Velho. Mais do que isso, ele compartilha um aspecto fundamental de seu aprendizado: “eu aprendi a confeccionar esses instrumentos, então, quando eu aprendi a confeccionar, eu aprendi a tocá-los”. Esta habilidade de construir os próprios instrumentos demonstra um conhecimento íntimo e prático, que vai além da simples execução musical, conectando-o à materialidade e à ancestralidade dessas tradições. A menção de ter tocado na comissão do Divino também reforça seu envolvimento ativo na vida cultural da comunidade.

A fala do Sr. Jozué Videira desenha o perfil dele de engajamento profundo com a preservação da herança cultural. Sabe a importância das tradições de Mazagão Velho e atua para que não se percam, seja por meio de práticas e ações educativas de sua história e legado cultural ou da confecção e execução dos instrumentos que dão ritmo e alma às manifestações culturais da comunidade mazaganense. Nesse sentido, o coordenador descreve o que aprendeu e como era a convivência com os amigos ligados à cultura, conforme a narração abaixo:

Jozué Videira: Dentro da comunidade tinham muitos que faziam parte da Cultura, mas era aquilo, não permitiam que tu tivesses ali né. Maria Barriga, dona Oldacina, a dona Olga, Dona Ana Aires, nós tivemos uma relação muito boa dentro disso. Houve questionamento de membros dessa comissão porque eu não podia estar ali, mas elas diziam que quem me trouxe foi dona Oldacina, então elas apoiavam. Em 1974, quando dona Oldacina começou me levar para dentro dali e permitir que eu tocasse na torração do cacau, eu não ia ainda para as coisas da igreja, lá não podia participar, mas para a torração do cacau, fazição de beiju, ela me levou para tocar, então, já me sentia grande ali (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A narrativa do Sr. Jozué Videira nos leva a uma análise aprofundada das dinâmicas sociais e afetivas que envolvem a vivência cultural em uma comunidade. Ele descreve sua convivência com os amigos ligados à cultura de Mazagão Velho e revela que sua participação

e inclusão no grupo dos mantenedores da cultura local foram difíceis de serem alcançadas, mas foram conquistadas mediante laços pessoais e permissão de figuras centrais importantes.

Percebemos que havia uma barreira sutil, mas presente, ao afirmar que na comunidade tinham muitos que faziam parte da cultura, “mas era aquilo, não permitiam que tu tivesses ali”. A fala do Sr. Jozué deixa claro que, apesar da existência de um grupo de representantes da cultura ativo, havia um certo controle entre os membros que permitia a presença dos adultos somente, os jovens e crianças ficavam de fora; logo, nesse grupo de pertencimento, nem todos eram imediatamente incluídos. Contudo, esta aparente exclusão é contrastada com a menção carinhosa e respeitosa a nomes como Maria Barriga, Dona Oldacina, Dona Olga e Dona Ana Aires, com quem Jozué Videira afirma ter tido uma relação muito boa. Estas personalidades de grande prestígio cultural local surgem como pontes para que o jovem Jozué Videira entrasse no universo cultural dos saberes tradicionais de Mazagão Velho. O relato do coordenador é tocante ao detalhar a influência de Dona Oldacina no papel de mentora na sua imersão no universo dos saberes tradicionais da comunidade e no seu envolvimento de fato com a cultura local, que começou gradualmente tocando caixa de marabaixo na torração de cacau. Esses aprendizados informais da torração de cacau e fazição de bejus são atividades cotidianas da cultura local, que demonstram ser carregadas de significado.

Vale mencionar que a emoção contida na frase “então já me sentia grande ali” é reveladora. O fato de Sr. Jozué Videira sentir-se grande em poder tocar a caixa de marabaixo durante a torração do cacau demonstra o valor de estar incluído e reconhecido em sua participação nas atividades culturais da comunidade. Para o jovem aprendiz, era um passo significativo, um sinal de aceitação e um vislumbre do pertencimento ao universo cultural que tanto admirava. Esta sensação de importância, nutrida pela confiança de uma figura respeitada como Dona Oldacina, certamente foi fundamental para solidificar seu vínculo com as tradições da comunidade.

Assim, a fala do coordenador detalha seu olhar íntimo sobre sua integração no círculo de cultura popular dos saberes culturais tradicionais de Mazagão Velho, sobre a importância do acolhimento na perpetuação da cultura viva. “O círculo de cultura, no método Paulo Freire, revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano” (Freire, 2013, p. 19). Nesse sentido, é necessário não somente viver a vida, mas mergulhar em suas profundezas, questionando, refletindo e buscando compreender as raízes das coisas.

Nessa direção, o CCRM transmitiu os saberes tradicionais para as novas gerações, contribuindo positivamente para a continuidade da cultura local. Porém, o Centro pode ser

também um espaço de reflexão e debate sobre o racismo, o preconceito e a discriminação. Sobre este foco, Jozué descreve que já vivenciou situações de discriminação racial, conforme relato abaixo:

Jozué Videira: Já assim, a gente percebe quando a pessoa te olha, eu acho que a pessoa imagina que tu tá tirando alguma coisa dela. Eu sou um cara observador e muitas coisas me chamam a atenção, é em cima disso que eu vou fazendo essa avaliação pra não entrar em guerra, porque eu tenho isso comigo, viver de cultura é uma coisa, e viver a cultura é outra! (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A fala de Jozué é um mergulho profundo e, ao mesmo tempo, sutil, nas dolorosas águas da discriminação racial, especialmente quando entrelaçada com a identidade cultural. Ele nos convida a uma reflexão sensível sobre as marcas invisíveis que o preconceito pode deixar e as estratégias, por vezes silenciosas, que se desenvolvem para navegar em ambientes de sutilezas e hostilidade. Afirma ter vivenciado situação de racismo, não na forma verbal ou fisicamente explícita, mas por meio de um olhar, uma comunicação não verbal carregada de significado. Trata-se de uma percepção aguçada que demonstra uma vivência onde a hostilidade é sentida na pele, nos gestos e no meio social. Na percepção do coordenador, o preconceito é definido como um sentimento de ameaça, como se sua presença ou sua ligação com a cultura local fossem uma usurpação de algo que o outro considera seu por direito. Esta perspectiva pode tocar em questões complexas de pertencimento, poder e apropriação cultural, vistas sob a ótica de quem se sente injustamente julgado.

A estratégia de enfrentamento que ele adota é de observação e avaliação cautelosa, ao dizer, “eu sou um cara observador e muitas coisas me chamam a atenção, é em cima disso que eu vou fazendo essa avaliação pra não entrar em guerra né”. Aqui, percebemos a sabedoria de quem aprendeu a escolher suas batalhas, priorizando a autopreservação e, talvez, a manutenção da paz interior em detrimento do confronto direto. A expressão “pra não entrar em guerra” é forte e sugere o peso e o desgaste emocional que esses embates podem acarretar. É uma tática de sobrevivência, uma forma de inteligência emocional desenvolvida em resposta a um ambiente que pode ser adverso. Contudo, de uma perspectiva crítica, esta postura, embora compreensível e, muitas vezes, necessária para o indivíduo, pode, no âmbito coletivo, significar a ausência de um contraponto direto que desafie e desconstrua o preconceito no momento em que ele se manifesta.

Então, Sr. Jozué faz uma distinção sobre as frases: “viver de cultura é uma coisa, e viver a cultura é outra”. Esta frase, carregada de significado, sugere que sua ligação com as tradições locais não é superficial ou instrumental; é uma imersão autêntica e própria do Jozué. Talvez

seja essa autenticidade, essa expressão de viver a cultura em sua plenitude, que o torne mais visível e, paradoxalmente, mais vulnerável aos olhares discriminatórios daqueles que não compreendem ou se sentem ameaçados por essa vivência genuína. Essa diferenciação também pode ser uma forma de Jozué se fortalecer, afirmando a integridade de sua relação com suas raízes, independentemente das percepções externas.

Sobretudo, as narrativas do coordenador Sr. Jozué Videira são um testemunho tocante da realidade da discriminação racial velada e da resiliência humana. Ele nos mostra como o preconceito se manifesta de formas sutis, o fardo que impõe e as complexas estratégias individuais para lidar com ele; tudo isso enquanto se mantém fiel a uma profunda e autêntica conexão com sua herança cultural.

Em seguida, pedimos ao coordenador que descrevesse um pouco sobre as atividades realizadas no Centro e, em termos detalhados, falasse também da importância do trabalho realizado no Centro com relação à identidade racial das crianças:

Jozué Videira: Esse trabalho não foi assim, colocado ali aleatoriamente. Ele foi um planejamento, foram cabeças pensantes. Que a gente tinha, tem dentro da comunidade uma extensa atividade cultural, muito intensa. É um trabalho cultural e social e tinha que se tornar isso! Social porque também ali tu tinhas objetivo de formar cidadãos, pra criar protetores e defensores da cultura. Era justamente pra não deixar nada de fora e sempre que havia uma oficina relacionada a uma atividade, a gente buscava orientadores sobre as questões de drogas na qual para inserir dentro dessa oficina, buscar no setor do esporte, a questão de saúde, buscava os conhecedores da área para palestrar. Quanto ao Centro, eu acho que ele é fundamental! Por quê? Ele é um espaço ligado à comunidade. Então ali eu posso dizer que aquele espaço é da comunidade, então ali não tem questão religiosa, questão de cor, de coisa nenhuma! É de todo mundo! Se é da comunidade, todos devem estar inseridos ali dentro, independente daquilo que segue ou daquilo que faz. Esse espaço precisa estar disponível às pessoas também, porque só dessa forma a gente vai se unir pra defender aquilo que realmente essa comunidade tem. O Centro vem ao longo dos anos desenvolvendo, ajuda na formação da identidade racial das crianças, porque, um dos objetivos do Centro é essa questão do respeitar um com os outros (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

Certamente o depoimento do Sr. Jozué nos oferece uma visão rica e profundamente engajada sobre o papel e a concepção de um Centro comunitário, revelando uma estratégia consciente e eclética para a valorização cultural e a formação cidadã, com implicações diretas na construção da identidade racial das crianças. Os Centros de cultura negra são espaços de grande valor simbólico, considerados lugares especiais para o desenvolvimento de práticas educativas que vão além do ensino formal e que oferecem suporte para diversas atividades culturais comunitárias (Silva; Foster 2023).

É notável, desde o princípio, a ênfase na intencionalidade e no planejamento colaborativo que nortearam a criação e as atividades do Centro, ao dizer que: “esse trabalho não foi assim, colocado ali aleatoriamente. Ele foi um planejamento, foram cabeças pensando, né?” Esta afirmação sublinha a seriedade e a dedicação por trás da iniciativa, afastando qualquer ideia de improviso e apontando para um projeto com fundamentos sólidos, nascido da percepção de uma “extensa, atividade cultural, muito intensa” já existente na comunidade.

O coordenador do Centro descreve o espaço como um lugar de empreendimento com duplas frentes, a “cultural e social”, e insiste que “tinha que se tornar isso!”. Esta visão integrada é crucial por transcender a preservação de tradições de Mazagão. Ao objetivar formar cidadãos, para criar protetores e defensores da cultura, o Centro assume uma responsabilidade educativa, buscando formar a identidade das crianças não somente com o conhecimento de suas raízes, mas também com as ferramentas para se tornarem agentes ativos na sua salvaguarda e na vida social. A abordagem holística das atividades, que buscava “não deixar nada de fora”, exemplifica essa visão: oficinas culturais eram enriquecidas, com as ações educativas e discussões sobre drogas, esporte e saúde, com a participação de “conhecedores da área”. Tal prática demonstra uma compreensão sofisticada de que a cultura não existe em um vácuo, mas está interligada a todas as dimensões da vida comunitária e do bem-estar individual. Conforme a concepção de educação popular de Freire (2015), o saber tem historicidade, logo, o conhecimento não surge do nada, nem existe fora do tempo e dos acontecimentos. Pelo contrário, ele se desenvolve e se transforma ao longo da história da humanidade.

Nesse sentido, a fala do coordenador atribui importância ao papel do Centro como espaço físico e simbólico comunitário. Sendo assim, sua fala aborda diretamente a questão da identidade cultural. O Centro, segundo o Sr. Jozué, vem ao longo dos anos desenvolvendo a formação da identidade cultural das crianças, “porque um dos objetivos do Centro é essa questão do respeitar um com os outros”. Percebemos uma conexão entre respeito mútuo e formação da identidade em um contexto de um trabalho cultural que valoriza as tradições locais, de forma que o respeito torna-se um veículo para o reconhecimento e valorização da diversidade étnico-racial. Sob esse foco, Freire (2015) nos lembra que, ao educar as crianças, é preciso entender que carregam consigo as marcas de sua origem social, sendo que é fundamental valorizar e respeitar a sua bagagem cultural, a sua identidade. O respeito a esta identidade está intrinsecamente ligado à forma como a criança interpreta o mundo a partir de sua vivência social.

Nesse sentido, ao promover o respeito em um ambiente que celebra a cultura da comunidade, o Centro, implícita ou explicitamente, combate estereótipos e fortalece a

autoestima das crianças, permitindo que construam uma identidade cultural de forma positiva. Logo, a fala do Sr. Jozué sugere que a própria imersão na cultura local e a convivência em um espaço inclusivo são, por si só, formadoras, o que é uma perspectiva valiosa, mas que poderia ser complementada por práticas antirracistas mais diretas, caso não estejam já implícitas no respeitar.

A análise desta narrativa revela um projeto comunitário de grande relevância, que articula integradamente a preservação cultural com a formação social e cidadã, tendo a inclusão e o respeito como pilares fundamentais. O Centro, conforme descrito, não é somente um depositário de tradições, mas um laboratório vivo para a construção de um futuro no qual a cultura local é valorizada e as crianças podem desenvolver sua identidade fortalecendo, sentindo-se pertencentes e protagonistas na defesa de seu patrimônio cultural coletivo. Portanto, o Centro tem contribuído no fortalecimento da identidade étnico-racial das crianças através de ações educativas sem apoio governamental, conforme esclarece na fala do coordenador do CCRM:

Jozué Videira: Valorizando aquilo que gosto e amo fazer, então esses valores eles precisam ser passados a essas crianças para que elas possam entender e seguir a vida, né. Não copiando as coisas dos outros, e sim fazendo aquilo que elas precisam fazer, a continuidade para própria identidade, que quando tu pegas as coisas dos outros não é bom, tu esqueces das tuas né, e às vezes a gente desliza justamente por isso, por tentar copiar a vida do outro. O que nós temos de valores são essas manifestações culturais, respeitando o que cada um faz o que cada um quer fazer né, mas você precisa olhar pra você ir permanecer o seu valor. As atividades eram diversas, além das oficinas, vinham pessoas palestrar na área da segurança, da saúde e de outras coisas do esporte, vinha uma conversa antes para prevenir essa questão do racismo e do preconceito também. O Centro não tem apoio do governo, ou melhor, não existiu esse apoio, o que existe são trocas de valores. Então, quem quiser somar que venha somar né e a gente teve sim parceiros ali né que vieram pra somar não pra se exibir ali dentro, então tudo isso eu via né para ter essa relação com todo mundo (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

Ao abordar como o Centro contribui para o fortalecimento da identidade negra, dado o contexto provável de muitas comunidades brasileiras e a menção posterior ao combate ao racismo, Jozué enfatiza a importância de valorização do que gosto e amo fazer. Destaca a valorização do fazer local e das manifestações culturais, tidas como valores essenciais para as crianças poderem entender e dar continuidade ao fazer cultural, construindo sua identidade negra. Um ponto louvável em sua fala está na autenticidade e na continuidade cultural, as quais são pilares da construção identitária. Ao dizer não copiar a vida dos outros, que leva ao esquecimento do próprio, é um alerta pertinente contra a homogeneização cultural e a perda de referenciais. Ao permanecer o seu valor, a criança está imersa em suas tradições, construindo

uma base sólida para além da valorização cultural, que inclui as contribuições da identidade, as lutas e resistências da negritude, que são passos fundamentais nesse processo de uma educação antirracista. Conforme Foster (2016, p. 180), “A questão racial no Brasil ainda é marcada por um mecanismo muito forte de silenciamento das memórias da população negra que encobre sua importância enquanto agente na construção da história da nação brasileira”.

O trecho da citação acima nos permite pensar que, apesar de sua enorme contribuição para a formação do Brasil, a população negra ainda enfrenta um processo de apagamento de sua história. Nesse viés, o Centro realizava atividades como oficinas e palestras, sendo que, antes da oficina começar, havia uma conversa prévia (diálogo), para prevenir a questão do racismo e do preconceito. Isto demonstra uma intencionalidade no combate às discriminações, posicionando o Centro como um espaço que não se limitava à celebração cultural, mas também à formação crítica e à conscientização antirracista. Nessa direção, esta prática, se consistente e aprofundada, contribui diretamente para que crianças negras possam se reconhecer, se valorizar e desenvolver ferramentas para enfrentar o racismo estrutural. Logo, essa simples menção já é um indicativo positivo do compromisso do Centro com a comunidade, em especial com as crianças.

No que tange à relação entre as políticas locais de cultura e o apoio governamental, é descrita com uma clareza desarmante e um tanto melancólica: “O Centro não tem apoio do governo, ou melhor, não existiu esse apoio, o que existe são trocas de valores”. Esta constatação reflete uma realidade comum a muitas iniciativas culturais de base comunitária no Brasil, que frequentemente operam à margem do suporte estatal formal, dependendo da resiliência, da paixão e da solidariedade de seus membros. A ideia de “trocas de valores” e de parceiros que “vieram para somar, não para se exhibir” sugere um modelo de autogestão e colaboração horizontal, no qual o compromisso genuíno com a causa sobrepõe-se a interesses individuais ou institucionais. Embora essa autonomia possa ser fonte de orgulho e garantir uma maior fidelidade aos propósitos da comunidade, a ausência de apoio governamental sistemático impõe limitações significativas à sustentabilidade, ao alcance e à capacidade de expansão de tais projetos. Criticamente, essa falta de apoio pode ser interpretada como um reflexo da desvalorização, por parte das instâncias de poder, das culturas populares e das iniciativas que emergem “de baixo para cima”, perpetuando um ciclo de invisibilidade e precariedade para esses agentes culturais vitais.

Em síntese, a fala do coordenador revela um Centro que atua como um guardião da autenticidade cultural e um promotor da identidade negra e da consciência crítica das crianças, com um esforço explícito, ainda que talvez não centralizado, de prevenção ao racismo. Sua

força reside na paixão de seus idealizadores e na rede de solidariedade comunitária. No entanto, a ausência de apoio governamental formal “lança uma sombra” sobre a perenidade e o potencial de impacto ampliado dessas iniciativas, evidenciando uma lacuna nas políticas públicas de cultura que deveriam reconhecer e fomentar ativamente tais espaços de resistência e florescimento identitário. Nesse contexto, o coordenador do Centro esclarece a respeito dos desafios encontrados e as relações com a escola local em defesa da diversidade étnica cultural, conforme nos relata:

Jozué Videira: Olha, desafios a gente sempre teve né, principalmente com a escola! Muitas vezes a escola tentava nos obstruir de algumas atividades né, que a gente acabava fazendo né e nesse momento em que as crianças estavam estudando, mas a gente solicitava esse dia mais, então, eu nunca fui sabe questionar sobre isso né. Mas isso criava uma revolta na criança, porque aí ela não tinha rendimento lá, porque o pensamento dela estava aqui também, né, então, às vezes eu me perguntava, por que, se a escola devia a maior referência de tudo isso? Era a escola que deveria ser... então nós pensamos e então criamos a Escola sobre isso! A escola sobre a Cultura, sobre a história, sobre o respeito, sobre a diversidade, né, que é o espaço do “Raízes do Marabaixo” (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A narrativa do coordenador nos conduz diretamente ao cerne das tensões e dos desafios enfrentados por iniciativas culturais de base comunitária, especialmente quando se trata da interface com instituições formais como a escola. É um relato que transborda a dor da incompreensão, mas também a força da resiliência e da ação transformadora em defesa da diversidade étnico-cultural.

O reconhecimento de que “desafios a gente sempre teve, né, principalmente com a escola!” estabelece, de imediato, um campo de disputa. A escola, que idealmente deveria ser uma aliada na valorização da cultura local e na promoção da diversidade, é aqui retratada como uma entidade que, “muita das vezes, tentava nos obstruir de algumas atividades”. Esta obstrução, frequentemente justificada pela priorização do tempo formal de estudo, revela uma dicotomia problemática: o saber escolar tradicional em relação ao saber comunitário e cultural.

A fala do coordenador, embora afirme “nunca fui sabe questionar sobre isso”, demonstra uma profunda inquietação interna com essa dinâmica. A consequência direta dessa tensão recai sobre as crianças, que experimentam uma “revolta” e uma divisão interna. “Ela não tinha rendimento na escola, porque o pensamento dela estava aqui também no Centro”. Esta observação é de uma sensibilidade ímpar, ao apontar para o impacto psicopedagógico negativo de um sistema que não integra ou, pior, desvaloriza as vivências culturais significativas para o aluno. Freire (2015) enfatiza que o sucesso do educador depende do reconhecimento e da valorização da identidade cultural dos alunos, que é profundamente marcada por suas

experiências de vida e sua posição social. Entender como a criança “lê” o mundo, influenciada por seu contexto familiar e comunitário, é crucial para um ensino eficaz.

Em vista disso, a fala do coordenador transmite um lamento e uma crítica contundente ao papel da escola. Esperava-se que a escola fosse ponto central da valorização cultural e da diversidade, um espaço de eco e amplificação dos saberes da comunidade. O CCRM, espaço educativo criado pelos moradores com foco na cultura da comunidade, simboliza resistência na afirmação identitária. O CCRM surge, assim, não somente como um Centro de atividades culturais, mas como um espaço alternativo informal que visa fortalecer suas raízes culturais. De acordo com Libâneo (2010), para que a educação informal funcione, é preciso que haja uma organização consciente e um objetivo definido sobre o que se espera alcançar. “[...] os processos educativos informais só se movem a partir de ações organizadas, conscientes, intencionais, ou seja, quando se pode prefigurar, antecipar resultados que se quer obter” (Libâneo 2010, p. 91).

Diante dessas constatações, idealmente, a escola formal e o espaço do CCRM deveriam ser parceiros, dialogando e construindo conjuntamente um processo educativo que contemple a diversidade étnico-cultural de forma integral e respeitosa, beneficiando o desenvolvimento pleno das crianças e fortalecendo o tecido social da comunidade. A experiência narrada é um testemunho da vitalidade cultural e da capacidade de auto-organização comunitária, mas também um alerta sobre as barreiras institucionais que ainda precisam ser superadas para uma educação verdadeiramente inclusiva e libertadora. Para Freire (2015, p. 35), a “educação popular é a ação cultural, entendendo a cultura vinculada aos movimentos e relações sociais”. Nesse sentido, a educação popular é uma forma de ação cultural que está totalmente ligada aos movimentos e às relações que acontecem na sociedade. Isto significa que cultura não se resume apenas ao conhecimento formal e acadêmico, mas também abrange as manifestações e saberes do povo. Sobre a representatividade do CCRM, Jozué relata em seu depoimento:

Jozué Videira: Dentro da minha concepção, era para representar tudo! Então era pra ele ter ajuda em massa da comunidade. Eu não quero nem saber de outras coisas, eu pra mim sempre fui a comunidade, ela que tinha que tá ali dando maior apoio o maior incentivo porque assim, quando a gente é, quando a comunidade quer, não tem pra ninguém. E aí é isso que eu via e é isso que eu vejo a comunidade, ela precisa tomar posse disso, é ela que tem que dizer, ela que tem que tá lá pra ajudar a fazer isso, a construir isso, porque isso é bom para a formação social do próprio filho (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

A fala do Sr. Jozué Videira é um grito apaixonado, quase um desabafo, que reflete a convicção profunda sobre o papel central que o Centro Cultural deveria desempenhar na vida da população de Mazagão. “Era para representar tudo!” A primeira frase apresenta o peso de

um ideal, embora nem sempre alcançado, e estabelece o tom para uma reflexão sobre pertencimento, responsabilidade coletiva e o valor intrínseco da cultura para a formação social.

O relato do coordenador do Centro reside na ideia de que o maior apoio e incentivo ao CCRM deveria vir da própria comunidade. Há uma fé quase visceral no poder da coletividade: “quando a gente é, quando a comunidade quer, não tem pra ninguém”. Esta crença na força comunitária é tanto uma celebração do potencial existente quanto, implicitamente, uma crítica a uma possível apatia ou falta de engajamento mais massivo. A repetição de frases como “ela que tinha que tá ali”, “ela que tem que dizer”, “ela que tem que tá lá pra ajudar a fazer isso, a construir isso” funciona como um mantra, um chamado veemente para a comunidade assumir o protagonismo, para que “tome posse” do CCRM. Esta “posse” não é meramente simbólica; ela se traduz em participação ativa, em contribuição para a construção e manutenção do espaço e de suas atividades.

Vale ressaltar que o Centro Cultural transcende sua função de preservação de tradições ou de lazer para se consolidar como uma instituição fundamental para o desenvolvimento das futuras gerações. A cultura, para o Sr. Jozué, é um alicerce para a formação social das crianças, e o Centro é o espaço privilegiado onde essa formação pode ocorrer de maneira enraizada e significativa. Esta perspectiva confere ao Centro uma importância que vai além do cultural, adentrando o campo do social e do pedagógico, e torna o engajamento comunitário não somente desejável, mas uma responsabilidade para com o futuro dos jovens da localidade. É importante frisar que a escola pode se reconectar com a comunidade, na valorização dos saberes, e construir processos educativos mais participativos e relevantes. Porém, o Coordenador do CCRM enfatiza que as escolas na comunidade não convidam para socializar os saberes do Centro. Conforme relato:

Jozué Videira: Dificilmente a gente é convidado aqui, eu viajo muito pra Macapá, então você já vê que a escola tem uma visão um planejamento que algumas escolas já entenderam que isso é fundamental, não pra mim ir pra lá impor as minhas coisas. Não, eu não quero impor a minhas coisas, eu quero que as pessoas entendam e possam compreender e respeitar então, quando eu passo as nossas coisas de forma positiva, para as pessoas que não conhecem eu..., eu..., acredito que a gente forma defensores e admiradores, a gente cria uma curiosidade para as pessoas vim ver isso, né. No meio cultural, eu sempre digo isso, não existe o melhor, existe o diferente. Então quando eu digo que essa diversidade, ela que traz esse público pra dentro de tudo isso, é a diversidade e essa diversidade ela precisa ser respeitada, então por isso que eu digo, não somos os melhores, nós fazemos diferentes né (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

O depoimento desvela uma realidade paradoxal e, por vezes, dolorosa, no que tange à valorização dos saberes culturais locais pelas instituições formais de ensino da comunidade.

Quando questionado se as escolas valorizam o trabalho do Centro, a resposta “Difícilmente a gente é convidado aqui” é um testemunho real da invisibilidade da valorização dos conhecimentos populares que reside na própria comunidade. Essa constatação inicial é crucial, ao apontar para uma desconexão significativa entre o universo escolar formal e as práticas culturais vivas que o cercam. “[...] a escola como o lugar físico do seu exercício representa um desdobramento do processo de expropriação do poder comunitário sobre a totalidade do saber necessário” (Brandão, 1984, p. 15).

O que emerge com notável clareza é a filosofia pedagógica que o Sr. Jozué realiza, que se distancia de qualquer tentativa de proselitismo cultural. A ênfase em “não, pra mim, ir pra lá impor as minhas coisas”. “Não, eu não quero impor as minhas coisas, eu quero que as pessoas entendam e possam compreender e respeitar” revela uma postura de diálogo e de construção conjunta de conhecimento. O objetivo é a compreensão e o respeito mútuo, e a estratégia é apresentar “as nossas coisas positivamente”. Esta abordagem é fundamental, ao buscar cativar pelo encanto, pela partilha genuína, com a esperança de “formar defensores e admiradores” e “criar uma curiosidade”. Há uma crença profunda no poder da cultura, quando apresentada com respeito e positividade, de gerar conexões e de despertar o interesse pelo que é autêntico do local.

Seu relato apresenta a máxima “no meio cultural, eu sempre digo isso, não existe o melhor, existe o diferente”. Esta afirmação demonstra que Sr. Jozué não considera seu grupo, sua cultura ou saberes mais importantes que os saberes das demais comunidades, pois reconhece que são formas diferentes do fazer ou de realizar os saberes culturais. Ao defender que “essa diversidade, ela que traz esse público pra dentro de tudo isso, é a diversidade e essa diversidade precisa ser respeitada”, ele advoga por um ecossistema cultural plural, no qual cada expressão tenha seu valor intrínseco justamente por sua singularidade. A conclusão “não somos os melhores, nós fazemos diferentes” é uma declaração de identidade que se afirma não pela superioridade, mas pela especificidade e pela autenticidade. Esta perspectiva é fundamental para qualquer trabalho que vise a promoção da diversidade étnico-cultural, pois baseia-se no respeito e no reconhecimento da legitimidade de múltiplas formas de ser e de se expressar no mundo.

Contudo, a constatação inicial sobre a escassez de convites locais retorna como um ponto central. O Centro possui um acervo cultural tão rico, mas as escolas locais hesitam em estabelecer parcerias mais frequentes e significativas. Logo, as razões podem estar na falta da aplicabilidade e implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, ou de resistência institucional, talvez inconsciente, em reconhecer os saberes comunitários como componentes legítimos e

necessários da formação dos estudantes. A fala, portanto, não é somente um relato, mas um convite à reflexão crítica sobre as barreiras que ainda impedem uma integração mais fluida e frutífera entre a escola e os guardiões da cultura local, mesmo quando estes se apresentam com uma proposta de diálogo e enriquecimento mútuo. A experiência do Sr. Jozué é um testemunho da resiliência e da clareza de propósito de quem “faz diferente”, mesmo diante de um reconhecimento institucional que ainda se mostra tímido ou insuficiente no âmbito local.

A pergunta a seguir foi: sobre a cultura de Mazagão Velho, descreva um pouco o que ela representa pra você. Existe a conexão dos saberes que o Centro desenvolve com a educação nas escolas da comunidade?

Jozué Videira: Aqui não tem muito esse chamado de ir ter as escolas, então dito isso, contribui sim na vida social dessa criança, é fundamental que se essas coisas no Centro não parem de existir, que senão há uma perda muito grande de se conhecer sua própria história, sua própria identidade. Infelizmente tem muitas crianças ali que não sabem a origem de sua família e seus antepassados. A escola nunca chamou o Centro, então não há conexão com as coisas do Centro. Então muita das vezes a gente brinca pra ver como essas crianças estão realmente. Aconteceu na oficina um fato envolvendo os sinais matemáticos (igual/diferente/mais/menos), eles estavam todos sentados lá (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

O relato do Sr. Jozué nos mergulha, mais uma vez, na complexa e, muitas vezes, frustrante relação entre as iniciativas culturais comunitárias e o sistema educacional formal, revelando um sentimento de urgência quanto à preservação da identidade local e uma constatação dolorosa da falta de colaboração. A ausência de convites por parte das escolas, “Aqui é não tem muito esse chamado de ir ter as escolas”, reitera um padrão já observado, sublinhando uma lacuna significativa na valorização e integração dos saberes locais no currículo escolar. Apesar dessa desconexão institucional, a fala do coordenador reafirma com convicção o impacto positivo do Centro na vida das crianças: “contribui sim na vida social dessas crianças, é fundamental que se essas coisas no Centro não parem de existir”. Esta afirmação não é somente uma opinião, mas um apelo, quase um alerta, sobre as consequências da interrupção dessas atividades: “que senão há uma perda muito grande de se conhecer sua própria história, sua própria identidade”. Reside aqui uma preocupação profunda com a desmemória cultural, com o risco de as novas gerações crescerem alheias às suas raízes. A constatação de que “infelizmente, tem muitas crianças ali que não sabem a origem de sua família e seus antepassados” é um diagnóstico preocupante que justifica a existência e a missão do Centro como um espaço vital para a (re)conexão com o passado e a construção de uma identidade ancorada. “O lugar estratégico que funda a educação popular é o dos movimentos e

centros de cultura popular: movimentos de cultura popular, centros populares de cultura, movimentos de educação de base, ação popular” (Brandão, 1984, p. 46).

A clareza com que o Sr. Jozué afirma que “a escola nunca chamou o Centro, então não há conexão com as coisas do Centro” é preocupante. Esta ausência de diálogo e colaboração representa uma oportunidade perdida de enriquecimento mútuo e, mais gravemente, uma falha do sistema educacional em cumprir seu papel de promotor da diversidade cultural e de articulador com a comunidade em que está inserido. A escola, ao se fechar para os saberes da comunidade e as práticas desenvolvidas no Centro, não somente priva seus alunos de um aprendizado significativo e contextualizado, mas também reforça uma hierarquia de conhecimentos na qual o saber comunitário é implicitamente desvalorizado. Esta postura contribui para o distanciamento das crianças de sua própria cultura, como apontado pelo interlocutor.

Contudo, a brincadeira envolvendo os sinais matemáticos nas oficinas, conforme relato do Sr. Jozué (“igual/diferente/mais/menos”), embora somente introduzido, sugere uma tentativa do Centro de integrar diferentes formas de conhecimento ou de utilizar elementos lúdicos estratégicos de engajamento das crianças. A menção de que “a gente brinca para ver como essas crianças estão realmente” indica uma preocupação genuína com o bem-estar e o desenvolvimento integral dos pequenos, buscando compreendê-los em sua totalidade, para além do mero aprendizado de conteúdos culturais. Este olhar atento e humanizado contrasta com a aparente indiferença da instituição escolar formal.

Criticamente, a fala evidencia um sistema educacional que, pelo menos na percepção e experiência do coordenador do Centro, opera “de costas” para a riqueza cultural de sua própria comunidade. A cultura de Mazagão Velho, que para ele é claramente um pilar identitário e um instrumento de formação social, parece não encontrar eco nas paredes da escola local. Esta desconexão não é somente uma questão de agenda ou de logística; ela reflete questões mais profundas sobre quais conhecimentos são considerados válidos, quem tem autoridade para ensiná-los e qual o papel da escola na construção de cidadãos conscientes de sua história e de sua identidade cultural.

De acordo com Munanga (2004), a identidade cultural é construída a partir do reconhecimento das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais e regionais, que distinguem um grupo e fundamentam sua autopercepção. Em outras palavras, a construção identitária se dá pela tomada de consciência das diferenças que emergem das especificidades de cada contexto.

A existência do Centro e seu esforço contínuo, mesmo diante da falta de reconhecimento institucional, é um testemunho da resiliência comunitária e da convicção de que a cultura é, de fato, fundamental para a construção da identidade cultural das crianças de Mazagão Velho. As memórias do Sr. Jozué Videira sobre sua infância são um verdadeiro mergulho na história, na cultura e nos saberes da comunidade, conforme relato:

Jozué Videira: A maior memória disso foi quando eu presenciava o amor das pessoas pra fazer atividade cultural com amor, não era fazer por fazer, quando tu olhares para essas pessoas que elas passavam o ano todo planejando, trabalhando pra fazer aquela atividade cultural por conta própria sim, né tu via a dedicação, amor. Então isso pra mim assim, eu guardo na minha memória que eu não esqueço nunca, de ver essa entrega dessas pessoas pra que isso não se perdesse..., né, então a memória pra mim é isso. Um casal de vizinho que era dona Oldacina, o seu Menézio e ela cantava e tocava muito e ele fabricava o instrumento pra ela e toda vez que ele tava fazendo o instrumento eu era a moleque, ele me chamava de cabeçudo, eu ia pra lá né, ele dizia: “fica aí a cabeça me olhando pra te aprender porque eu não sou eterno, um dia eu vou morrer, alguém vai ter que fazer isso” (Jozué Videira, 57 anos, Entrevista 14/10/2024).

O depoimento do Sr. Jozué, ao mergulhar nas memórias mais marcantes de sua infância que estão relacionadas à cultura de Mazagão Velho e de seus antepassados, nos oferece um vislumbre tocante dessa herança, revelando os alicerces afetivos e práticos que moldaram sua própria identidade e seu compromisso com a preservação cultural. É um relato que transcende as lembranças, transformando-se em um testemunho poderoso sobre a essência da transmissão cultural.

Em seu relato, não recorda somente os eventos em si, mas a intencionalidade, a paixão e a dedicação que os animavam. A imagem de pessoas “que passavam o ano todo planejando, trabalhando para fazer aquela atividade cultural por conta própria” evoca um senso de comunidade resiliente, autônoma e profundamente comprometida com suas tradições. Por isso, esse “ver a entrega dessas pessoas para que isso não se perdesse” solidificou-se em sua memória como um exemplo vivo de como a cultura é mantida viva: não por obrigação ou formalidade, mas por um vínculo afetivo profundo e um desejo genuíno de continuidade. Essa percepção infantil da autenticidade do fazer cultural é, sem dúvida, um dos pilares de sua própria trajetória.

Outro aspecto importante refere-se à memória, específica, vívida e centrada no casal de vizinhos, Dona Oldacina e Seu Menézio. Ela, a artista, “cantava e tocava muito”; ele, o artesão, “fabricava o instrumento para ela”. Este vínculo forte de ligação criativa já seria, por si só, uma bela recordação. No entanto, é a interação direta com Seu Menézio que se torna produtiva. O episódio do jovem “cabeçudo” observando a confecção dos instrumentos, sob o olhar e as palavras proféticas do mestre: “fica aí a cabeça me olhando pra te aprender porque eu não sou

eterno, um dia eu vou falecer, alguém vai ter que fazer isso”; é emblemático da transmissão oral e prática do saber. Ou seja, há, nessas palavras, uma consciência da finitude, uma urgência em “passar o bastão” e uma aposta na curiosidade da criança como semente para o futuro. Quanto ao apelido “cabeçudo”, aqui ganha uma conotação de reconhecimento, talvez da atenção ou da insistência do jovem aprendiz. Seu Menézio não somente ensinava uma técnica, também incutia um senso de responsabilidade e de pertencimento a uma linhagem de fazedores de cultura.

Em uma perspectiva crítica, essas memórias são fundamentais para entender a gênese do compromisso do Sr. Jozué com o Centro Cultural e suas atividades. Assim, o “amor” e a “dedicação” que ele presenciou na infância são, provavelmente, os mesmos valores que ele busca replicar e transmitir às novas gerações. Logo, a aprendizagem prática de intergeração, vivenciada ao lado de Seu Menézio, informa sua própria pedagogia e a importância que ele atribui ao “fazer” e ao “confeccionar” os instrumentos, como mencionado em falas anteriores.

Em suma, essas experiências formativas não somente moldaram sua identidade pessoal, mas também forneceram um modelo de ação cultural comunitária, autêntica e autossustentável, visto que a força dessas lembranças reside em sua capacidade de ilustrar, de forma humana e palpável, como o patrimônio imaterial e material é cultivado e perpetuado, não por meio de decretos ou manuais, mas no calor das relações humanas, na generosidade do ensinamento e na paixão compartilhada pela beleza e significado das tradições. Pois são essas as “raízes” profundas que alimentam a resistência e a vitalidade da cultura de Mazagão Velho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo enveredou pelos saberes culturais e pelo protagonismo das crianças no CCRM em Mazagão Velho. Foi um percurso desafiador e instigante, que trouxe muitas descobertas ao mergulhar nesse contexto dos saberes culturais de Mazagão Velho. Sobretudo, a pesquisa influenciou positivamente a autora na condição de pesquisadora e professora, que, sendo moradora natural da comunidade, tem suas raízes familiares enraizadas no local.

Logo, o estudo reconectou a autora com a sua história e o seu pertencimento, como ilustrado pelo refrão do Marabaixo: "Este é meu Mazagão, Terra de meu coração que enfrentou mares e ventos em busca de um novo chão...". O trabalho reafirma o amor e o orgulho pela vila de Mazagão Velho, ressaltando a história e a resiliência dessa comunidade.

A construção desta dissertação originou-se a partir das inquietações e observações na escola em relação ao envolvimento das crianças com os saberes culturais da comunidade nas programações culturais da escola em que esta pesquisadora trabalha. Pesquisar o protagonismo das crianças me trouxe o desejo de querer saber mais, estudar e aprofundar mais ainda. Este tema foi amadurecendo ao longo de minha prática pedagógica como professora da educação básica e foi fortalecido durante a pesquisa de mestrado e todas as minhas experiências e vivências na comunidade de Mazagão Velho.

Para responder às questões que nortearam esta pesquisa, retomo o problema central e busco esclarecer à luz da perspectiva teórico-metodológica crítica, fundamentada na pesquisa qualitativa. Para tanto, nos utilizamos de dados empíricos colhidos através da entrevista semiestruturada, depoimentos e rodas de conversas, os quais foram analisados à luz da teoria crítica. A partir dessa análise, foi possível responder à questão que norteou este estudo: como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas pelo CCRM e como isso vai reconstruindo e fortalecendo sua identidade negra? A partir do conjunto de dados analisados, chegamos às seguintes conclusões.

Ao analisarmos o protagonismo das crianças no CCRM em Mazagão Velho, notamos que as oficinas são ferramentas importantes para a construção da identidade e para o desenvolvimento do conhecimento histórico, cultural e social das crianças sobre a história da comunidade de Mazagão Velho. Nesse sentido, o Centro, como um espaço de memória e resistência, oferece às crianças um ambiente enriquecedor para vivenciar, experimentar e estreitar seus laços com a ancestralidade africana. Assim, ele impulsiona e atua na autoafirmação para a identidade negra das crianças mazaganenses.

Nos relatos das crianças, é possível perceber que evidenciam o Centro como um espaço

de vivência cultural, local vibrante e dinâmico, onde a cultura do marabaixo ganha vida através da música, da dança e da improvisação dos versos. É um espaço de aprendizado, mas também de alegria e de interação social. Mas, sobretudo, há uma conexão com a tradição do Marabaixo, pois elas aprendem nas oficinas de percussão de Marabaixo, além da habilidade com os instrumentos, a valorizar as tradições e a finalidade que as caixas e os tambores têm com a história e a cultura de Mazagão Velho.

Vale destacar que as falas das crianças são um testemunho poderoso da importância do Grupo Raízes do Marabaixo como um elo com a história, a cultura e a identidade de Mazagão Velho. Expressam aprendizado sobre a História, os antepassados e a ancestralidade africana na formação da cultura local. Nesse sentido, elas expressam um profundo orgulho de sua terra e de seu povo, reconhecem a herança africana como uma parte fundamental de sua história e valorizam o aprendizado e a prática do marabaixo e do batuque como formas de manter viva essa rica tradição. Sua participação no grupo é, portanto, uma forma de se conectar com suas raízes e fortalecer sua identidade cultural.

É evidente, nas narrativas dos participantes, que o Centro Cultural é um ponto de referência para os saberes culturais de Mazagão Velho. Para as crianças do grupo Raízes do Marabaixo, o Centro é um espaço fundamental de aprendizado e valorização da cultura local, onde elas interagem e se desenvolvem. Em suas falas, elas demonstram profundo amor e afeto, e uma certa nostalgia por esse espaço cultural que, infelizmente, tem enfrentado problemas como o desgaste e a paralisação de suas atividades socioculturais.

As análises indicaram que o Centro representa os conhecimentos culturais de Mazagão Velho, sendo um local de referência desses conhecimentos, onde as crianças do grupo infantil raízes do marabaixo participam e aprendem, na interação com outras crianças, sobre a importância de preservar e valorizar o Centro. Isto é evidenciado pela fala autêntica das crianças, repleta de pureza e uma forte consciência cultural, pois desde cedo já entendem a relevância de conservar e valorizar o Centro. Além disso, as falas demonstram amor e respeito pelas tradições culturais, um profundo apreço pelas raízes do marabaixo, e que entendem que carregam consigo a história e a identidade do seu povo. Nesse sentido, as crianças reconhecem a importância do CCRM.

É fundamental que a escola reconheça o potencial desses saberes e implemente políticas/ações que estimulem uma integração mais profunda com a riqueza cultural da comunidade. Sem isso, perde-se a chance de enriquecer o currículo e tornar o aprendizado mais relevante e contextualizado. Esta parceria é crucial para fortalecer os laços e, conseqüentemente, transformar a escola em um espaço que celebre a identidade negra dos

estudantes.

Nesta dissertação traçamos como objetivos: contextualizar o processo histórico, cultural e social do CCRM e sua importância na visibilidade da cultura negra amapaense regional em espaços formais e não formais de educação; identificar que práticas e/ou ações educativas estão sendo realizadas no CCRM como forma de valorização e manutenção da identidade negra das crianças do município de Mazagão Velho-AP; e averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da cultura negra amapaense, no sentido do fortalecimento da identidade negra.

Ao contextualizar o processo histórico, cultural e social do CCRM, nosso estudo revelou sua contribuição contínua para o fortalecimento e a manutenção da identidade negra das crianças de Mazagão Velho. Ao longo dos anos, o CCRM tem promovido ações educativas e oficinas que integram os saberes culturais e a história local. Destacamos que os centros de cultura negra são bens simbólicos, assumindo uma posição de espaço privilegiado para práticas educativas que transcendem o ensino formal, fornecendo subsídio crucial às ações culturais. Assim, o CCRM de Mazagão Velho se afirma como um importante espaço educativo e de desenvolvimento da cultura negra amapaense.

Sobre a identificação das práticas e ações educativas do CCRM para a valorização e preservação da identidade negra das crianças de Mazagão Velho, constatamos que elas são elementos centrais nas atividades do Centro. Estas interações culturais visam fundamentalmente consolidar saberes específicos e promover a identidade cultural. Mais do que isso, são interações sociais genuínas que incentivam a ação coletiva e estreitam os laços entre todos os envolvidos.

Durante nossas imersões no Centro, registramos diversas ações educativas que enriquecem a comunidade. Entre elas, destacam-se visitas, o intercâmbio com grupos como o Rio Pandeiro (ocorrido em novembro de 2023) e oficinas tradicionais como a de “torração de cacau” (evento realizado em agosto para todas as idades) e a de produção de bejucica da massa de tapioca artesanal. Complementam estas atividades as oficinas de máscaras para a Festa de São Tiago, de percussão de caixa de Marabaixo e de canto e dança de Marabaixo. Constatamos que estas práticas são um testemunho vivo da valorização da cultura ancestral e contribuem significativamente para a construção da identidade negra das crianças de Mazagão.

Quanto a averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da cultura negra amapaense, no sentido do fortalecimento da identidade negra, foi possível perceber o protagonismo das crianças no CCRM nas vivências e experiências. Nessa dinâmica contagiante, vão ressignificando e construindo a identidade negra das crianças participantes das

atividades do Centro e do grupo infantil raízes do Marabaixo das crianças de Mazagão Velho.

É notável que, através das oficinas, as crianças aprendem sobre a cultura e sobre a história da comunidade; logo, o papel do Centro é fundamental na transmissão de conhecimentos tradicionais para as novas gerações e no engajamento das crianças na vida cultural da comunidade. As falas sublinham a importância do CCRM na preservação e transmissão da cultura local para as novas gerações.

Mesmo o Centro possuindo um acervo cultural tão rico, as escolas locais relutam em estabelecer parcerias mais frequentes e significativas. Esta hesitação pode derivar da falta de aplicação e implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, ou mesmo de uma resistência institucional, talvez inconsciente, em reconhecer os saberes comunitários como componentes legítimos e essenciais na formação dos estudantes. É urgente quebrar as barreiras que ainda impedem uma integração mais fluida e profícua entre a escola e os guardiões da cultura local, especialmente quando estes se mostram abertos ao diálogo e ao enriquecimento mútuo. Afinal, o reconhecimento institucional ainda é, infelizmente, tímido ou insuficiente no âmbito local.

Diante dessas constatações, idealmente, a escola formal e o CCRM deveriam ser parceiros, dialogando e construindo conjuntamente um processo educativo que contemple a diversidade étnico-cultural de forma integral e respeitosa, beneficiando o desenvolvimento pleno das crianças e fortalecendo o tecido social da comunidade.

A conclusão de uma dissertação de mestrado representa o ápice de um ciclo acadêmico, formalizando e reconhecendo um trabalho intenso de pesquisa, estudo e reflexão. É o ponto final de uma longa jornada, quando todo o percurso é sintetizado no texto que registra esta valiosa experiência.

Nestas últimas linhas, a jornada não se encerra. Pelo contrário, elas instigam novas inquietações e nos lembram que finalizar algo não significa o fim das possibilidades. É, na verdade, a liberdade para traçar passos mais longos, explorando a dinamicidade dos saberes culturais, das práticas sociais cotidianas, da cultura e do próprio fazer acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (org.); FARES, Josebel Akel. **Saberes da experiência, saberes escolares**: diálogos interculturais. Belém: Editora da Universidade do Estado do Pará, 2016.
- AMAPÁ. **Lei nº 1.196, de 05 de junho de 2008**. Torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no âmbito do sistema estadual de ensino do Amapá. Macapá, 2008.
- AMAPÁ. **Diretrizes Curriculares do Estado do Amapá**: educação básica. Macapá: SEED, 2014.
- AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense**: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Macapá: Secretaria de Estado da Educação, 2019.
- AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense**: Ensino Fundamental. Macapá: Conselho Estadual de Educação. Disponível em: https://nte.seed.ap.gov.br/rca/uploads/arquivos/3_ENSINO_FUNDAMENTAL.pdf. Acesso em: 19 nov. 2024.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: ZERBO, Joseph Ki (org). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. 165-186.
- BAKER, Patrícia Andréa Godinho. **Caminhos do Círio**: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Imagem e som**: um manual prático (ed.). Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos; FOSTER, Eugênia da Luz Silva. Educação para as Relações Étnico-Raciais no Amapá: Análises e Perspectivas. In: FOSTER, Eugênia da Luz Silva; CUSTODIO, Elivaldo Serrão (org.). **Vozes, Saberes e Resistências Cotidianas na Educação para as Relações Étnico-Raciais**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2024.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto editora, 1994.
- BOYER, Véronique. Passados português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão Velho, Amapá. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Matriz Curricular da Rede Municipal de Ensino de Mazagão**. Abril, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Pública, Educação Alternativa, Educação Popular e Educação do Campo: algumas lembranças e divagações. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, p. 89-106, 2016.

BRANDÃO, Priscilla Pantoja do Nascimento. **Saberes culturais ribeirinhos: o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol-Arquipélago do Bailique/AP**. 2019. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Federal do Amapá, Macapá, 2019.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**: Lei nº. 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação, 171).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2019.

BRASILEIRO, Margareth da Silva. **Saberes afro-brasileiros e educação sensível em cartografias amazônicas**: vozes de Jambuaçu-PA. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

CANDAU, Vera Maria F.; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, 2020, v. 10, n. 29, p. 151-169. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3076>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CARDOSO, Maria Barbara da Costa. **Saberes do Território Educativo Amazônico**: perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação ribeirinhos-quilombolas. 2020. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

CORDEIRO, Albert Alan de Sousa Cordeiro. **“Por que você ainda fica falando sobre isso?”**: Um estudo decolonial da relação entre educação escolar e cultura popular na

Amazônia brasileira. 2021. 272f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Políticas educacionais e diversidade cultural no Amapá: reflexões acerca da Lei Federal 10.639/2003 e Lei Estadual 1.196/2008 no âmbito escolar. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1.; SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3.; SEMINÁRIO PIBID/FACCAT, 1., 2016, Taquara. **Anais ...** Taquara: FACCAT, 2016.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Políticas educacionais e ações afirmativas no Amapá: o programa Amapá Afro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 8, n. 20, p. 185-202, 2016.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

EAGLETON, Terry. *The Idea of Culture*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2000.

FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Educação e relações raciais na tessitura das memórias e narrativas amapaenses: contribuições nos dez anos do PPGMDR/UNIFAP. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Amapá, v. 9, n. 3, p. 173-195, 2016.

FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira de; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. A utilização de Rodas de Conversa como metodologia que possibilita o diálogo. *In*: FAZENDO GÊNERO, 10., 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: IEG, 2012. ISSN 2179-510X.

FLEURI, Reinaldo. **Educação intercultural e formação de educadores**. João Pessoa: CCTA, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Ática, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010. 87 p. (Série Pesquisa, 1).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Carlos Augusto; GOMES, Álvaro de Jesus. **Luz: Banda Placa**. Macapá, 2019. 228 p. Ilust. ISBN: 978-85-455183-0-3.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003, p. 75-85.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**, v. 2, p. 143-154, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica: Notas e Reflexões**. Prêmio Funarte Marc Ferrez, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

IBGE. Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Narrative interviewing. **Qualitative researching with text, image and sound**, London, v. 57, p. 74, 2000.

LIMA, Natamias Lopes de. **Saberes culturais e modos de vida de ribeirinhos e sua relação com o currículo escolar: um estudo no Município de Breves-PA**. 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário-Belém**: Cejup, 1995. 448 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MAZAGÃO (AP). **Matriz Curricular de Mazagão (MCMZ)**. Mazagão: Secretaria Municipal de Educação, 2022. Disponível em: <https://www.mazagao.ap.gov.br/publicacoes.php?id=42>. Acesso em: 4 jun. 2022.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura**. Cotia: Ateliê, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOROSINI, Marília Costa; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. **Estado do Conhecimento: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2021.

MOURA, Gloria. **Festas dos quilombos**. Fotos: Lamberto Scipioni. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Niterói: EDUFF, 2004.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

OLIVEIRA, Ariene Gomes de. **A educação nos terreiros de Caruaru/Pernambuco: um encontro com a tradição africana através dos Orixás**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire. **Eccos Revista Científica**, [s. l.], n. 25, p. 109-124, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. 1 ed. – Curitiba, 2015.

PENHA, Gabriel. **Povo de cultura e Fé: exposição fotográfica itinerante e livro fotográfico das festas religiosas, tradicionais e culturais de Mazagão Velho/AP**, 2017.

PENHA, Gabriel. Imagem aérea de Mazagão Velho. 2020. 1 fotografia. Acervo do autor.

PEREIRA, Amauri Mendes. **África: para abandonar estereótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

PINHEIRO, Angleson Pantoja. **“A cultura de Mazagão Velho e a festa de São Tiago das crianças são jóias raras”**: a construção da identidade cultural mazaganense a partir da festa de São Tiago Mirim, Mazagão Velho-AP. 2023. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

RAMOS, Luciene Borges. **O centro cultural como equipamento disseminador de informação**: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. 2017. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

REGO, Kaly Nancy Lisboa. **O brincar e os saberes de crianças na Vila de Santa Maria – Tracuateua-PA**. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2019. E-book. Disponível em: <endereço eletrônico do livro>. Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos CEBRAP, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: para um pensamento alternativo de alternativas (vol. 2). CLACSO, 2018.

SANTOS, Maria Roseli Souza. **Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade**: por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa. Belém: Universidade do Estado do Pará/CCSE, 2009.

SANTOS, Antonia Fladiana Nascimento dos. **Entre rios e tabladros**: o currículo multiculturalista nas práticas pedagógicas dos professores na comunidade ribeirinha de Ipixuna Miranda. 2021. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2021.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, p. 561-576, 2015.

SILVA, Joana Maria Ferreira da. **Centro de Cultura e Arte Negra-CECAN**. [S. l.]: Selo Negro, 2012 (ebook).

SILVA, Maria Celina de Mello e. **Centro cultural**: construção e reconstrução de conceitos. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: 2005.

SILVA, Arlene chagas da; FOSTER, Eugênia da Luz Silva. Patrimônio Cultural Imaterial e Religiosidade: As Celebrações em Mazagão Velho no Amapá. *In*: FOSTER, Eugênia da Luz Silva; CUSTODIO, Elivaldo Serrão (org.). **Vozes, Saberes e Resistências Cotidianas na Educação para as Relações Étnico-Raciais**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024.

SILVA, Beatriz Gonçalves e; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da; ARANTES, Adlene Silva. Ética em pesquisa: Educação e Comunidades Quilombolas. *In*: ANPEd. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios – volume 3. Rio de Janeiro: ANPEd, 2023.

SILVA, Delcirene Videira da; FOSTER, Eugênia da Luz Silva. A Valorização dos Centros de Cultura na Promoção e Manutenção da Identidade Cultural Negra. *In*: CORDEIRO, Albert

Alan de Sousa; RIBEIRO, Adalberto Carvalho; PEREIRA, Alexandre Adalberto (org.). **Amazonizar**: Educação, Pesquisa e Cultura Curitiba: CRV, 2023. 280 p.

SILVA, Delcirene Videira da; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Mulheres negras mazaganenses: um legado cultural de fé e devoção ao Divino Espírito Santo. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 16, p. 11-28, 2022.

SOUSA, Maria Goreti Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 33, n. 2, 2015.

SOUZA, Rodrigo Macedo. Localização do Centro Cultural Raízes do Marabaixo- Distrito de Mazagão Velho, Mazagão/AP, 2023. 1 fotografia. Acervo particular.

SOUZA, Rodrigo Macedo. Localização do Município de Mazagão- AP, 2023. 1 fotografia. Acervo particular.

SCHWALM, Fernanda *et al.* Tipos de Pesquisas quanto à Técnica de Coleta de Dados. *In*: VILLAVERDE, Adão *et al.* **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação em ciências**. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

VIDEIRA, Piedade Lino. Dança do Marabaixo: cultura Afroamapaense em evidência. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE E EDUCADORES DO BRASIL, 18.; CONGRESSO LATINOAMERICANO E CARIBENHO DE ARTE EDUCAÇÃO; ENCONTRO NACIONAL DE ARTE EDUCAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA, 1., 27-30 nov. 2008, Crato (CE). **Anais...** Crato (CE): Ed. EdURCA, 2008. Tema: Arte/Educação contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares**, Brasília, v. 10, n. 8, p. 16-21, 2014.

VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; DA SILVA, Delcirene Videira. Educação patrimonial no contexto escolar: uma proposta pedagógica para o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga/Amapá. *Revista Cocar*, n. 5, p. 05-27, 2019.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

VIDEIRA, Piedade Lino; VASCONCELOS, José Geraldo. Experiência museal no distrito de Mazagão Velho-AP: visita em movimento. **Roteiro**, [S. l.], v. 46, p. e26473, 2021. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26473/16330>. Acesso em: 4 jun. 2022.

VILLAVERDE, Adão *et al.* **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação em ciências**. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Cultura popular e educação popular: convergências e divergências. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 10, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
(Resolução 510/2016)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho. O objetivo deste trabalho, analisar o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de **entrevistas**, previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como o Centro Cultural Raízes do Marabaixo auxilia, por meio de Práticas educativas, no fomento dos saberes e fazeres culturais, a valorização da identidade negra das crianças mazaganenses. Os **riscos** da sua participação nesta pesquisa poderão consistir na atribuição de conteúdo negativo relacionado ao objeto de pesquisa investigado; possibilidade de danos emocionais, psíquicos, e cultural do ser humano em qualquer etapa da pesquisa; possibilidade de resistência na situação da pesquisa, em decorrência de fatores individuais, psicológicos, econômicos, culturais, sociais ou políticos, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Os **benefícios** da pesquisa consistem no reconhecimento da liberdade e autonomia dos envolvidos no processo da pesquisa, respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos bem como aos hábitos e costumes dos participantes da pesquisa; valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabilizando uma comunicação plena e interativa o que se assegura no clima de confiança e mutualidade. O (a) Sr. (a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total o parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº510/16 e complementares. Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos seguintes contatos: telefone: 96 991147017 (celular) e-mail: delcivideira74@gmail.com. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a orientadora profa. Dr^a Eugenia da Luz da Silva, por meio dos seguintes contatos: telefone: (96) 99112-5182, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação. Desde já agradecemos!

Eu _____ (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi

explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada “Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho -AP”.

Macapá, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

DELCIRENE VIDEIRA DA SIILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Cel: (96) 991147017/ e-mail: delcivideira74@gmail.com

Assinatura do colaborador da pesquisa

Caso o colaborador esteja impossibilitado de assinar:

Eu _____, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) paciente _____, o(a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.

Polegar direito (caso não assine).

Testemunha nº1: _____

Testemunha nº2: _____



APÊNDICE B - Termo de Assentimento para Criança e Adolescente**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO-PPGED MESTRADO EM EDUCAÇÃO****Termo de assentimento para criança (maiores de 06 anos e menores de 18 anos)
(Resolução 510/2016)**

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor de 18 anos ou legalmente incapaz.

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “**Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho**”. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas no Centro Cultural Raízes de Marabaixo e como isso vai reconstruindo e fortalecendo sua identidade negra. Queremos dialogar com as crianças envolvidas nas atividades do Centro. Analisar o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra.

Sob a responsabilidade da pesquisadora Delcirene Videira da Silva. A pesquisa será realizada no Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho (CCRMMV) e na EMEF Profª Agostinha Maria da Silva Penha. O estudo realizará Rodas de Conversas com 10 crianças com idade entre 10 a 12 (doze) anos. Para isso, será usado/a gravador de voz e câmera para registros fotográficos. O uso do (a) (gravador de voz e câmera fotográfica é considerado (a) seguro (a), mas é possível ocorrer desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Caso haja situações caracterizadas por timidez e desconforto com a presença da pesquisadora nas atividades do Centro Cultural Raízes do Marabaixo, é um dos possíveis **riscos** em pesquisas qualitativas com crianças, caso seja necessário, a pesquisadora se compromete em dialogar com todos os envolvidos e tentará não interferir na dinâmica cotidiana como garantia de respeito as rotinas das crianças nas atividades do Centro Cultural Raízes do Marabaixo.

Mas há coisas boas que podem acontecer como promover a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabilizando uma comunicação plena e interativa o que se assegura no clima de confiança e mutualidade.

A qualquer momento, todos poderão ter acesso a pesquisadora para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por algum motivo, cancelar a autorização consentida e retirar-se do processo. Seu (sua) filho (a) está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações fornecidas por você e pelo (a) seu (sua) filho (a) e os resultados obtidos pelos participantes, serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em autorizar seu (sua) filho (a) a participar da pesquisa. Você e seu (sua) filho (a) não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações sobre a importância de valorização do Centro e das práticas educativas e dos saberes que são desenvolvidos no CCRM, assim como, desvelar o protagonismo das crianças no contexto do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho.

Além disso, quando acharem necessário, os responsáveis poderão solicitar explicações e esclarecimentos sobre a construção da pesquisa em contato direto com a aluna pesquisadora (responsável pela pesquisa) Delcirene Videira da Silva, por meio dos seguintes contatos: Telefone: (96) 991147017; E-mail: delcivideira74@gmail.com; ou e-mail. videirdelcirene@gmail.com. Endereço: ID Multirão, nº 130 – Mazagão Velho – AMAPÁ, CEP: 68.943-000; ou com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182.

A privacidade dos participantes será resguardada, serão usados nomes fictícios para garantir a integridade e identidade das crianças envolvidas, assim como de suas famílias. Portanto, como responsável pela criança autorizo a mesma a participar da pesquisa, estando ciente de todas as informações sobre o projeto. Além de autorizar o uso de imagem e a publicações de áudio, fotos, bancos de dados e outros, desde que seja para fins acadêmicos. Diante das explicações, se você concorda que seu (sua) filho (a) participe deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir. Portanto, é necessário a autorização dos pais ou responsáveis no que concerne a participação voluntária das crianças, neste estudo.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis Legais



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU
RESPONSÁVEIS LEGAIS**

(Resolução 510/2016)

O (A) seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa: “SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP”, cuja pesquisadora responsável é DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA. Os objetivos do projeto consistem em analisar o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra. Tendo como objetivos específicos, contextualizar o processo histórico, cultural e social do Centro Cultural Raízes do Marabaixo e sua importância na visibilidade da cultura negra amapaense regional em espaços escolares formais e não informais de educação escolar e não escolar das crianças de Mazagão Velho-AP. Identificar o tipo de práticas e/ou ações educativas que estão sendo realizadas no Centro Cultural Raízes do Marabaixo como forma de valorização e manutenção da identidade negra das crianças do município de Mazagão Velho-AP, e averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da cultura negra amapaense, no sentido do fortalecimento da identidade negra. O (A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado por que ele participa ativamente das atividades e desenvolvidas no CCRM na comunidade de Mazagão Velho.

O (A) Sr(a). Tem plena liberdade de recusar a participação do seu (sua) filho(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que ele(a) recebe neste serviço na comunidade de Mazagão Velho. Caso aceite participar a participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui

sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

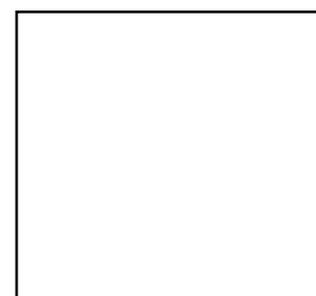
Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) _____ (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ____ / ____ /20 ____

Assinatura do Responsável Legal



Assinatura do Pesquisador Responsável IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

APÊNDICE D - Termo de Autorização de uso de imagem, voz e som

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
 (Resolução 510/2016)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a Pesquisadora Delcirene Videira da Silva, tendo o projeto de pesquisa sediado(a) em UNIFAP, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados durante o processo da pesquisa intitulada: “SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP”. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (VIV) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, pesquisas, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e Ao PROJETO DE PESQUISA DE DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA. DECLARO, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente ao projeto de pesquisa de Delcirene Videira da Silva, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Macapá, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do Cedente

APÊNDICE E - Perfil Sócio-histórico da Criança

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
(Resolução 510/2016)**

PERFIL SÓCIO-HISTÓRICO DA CRIANÇA

Qual o seu nome e idade?
Nome da escola que você estuda?
A série/ ano é?
Com quem você mora?
Qual o seu endereço?
Qual sua religião?

APÊNDICE F - Roteiro para Roda de Conversa com as crianças



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
 (Resolução 510/2016)

Planejamento da Rodas de Conversas com as crianças do Grupo Infantil Raízes do Marabaixo

Local: EMEF Profa. Agostinha Maria da Silva Penha

Data/hora: a definir

Número de participantes: 10 crianças (10 a 12 anos)

Abertura: boas vindas as crianças!

Música “Este é Meu Mazagão” [Esse é meu Mazagão Terra de meu coração que enfrentou mares e vento em busca de um novo chão...] letra (Jozué Videira).

Quantidades: 03 Rodas de Conversas com elementos mediadores



1ª Roda: Contação de história: recontando e rememorando nossa história de Mazagão Velho

2º Roda: desenho de livre expressão, registros que retratam as vivências, experiências, sentimentos e percepções das crianças, sobre as oficinas, os instrumentos, as atividades que participam no Centro.

3ª Roda: painel de fotografias de objetos, instrumentos e materiais produzidos nas oficinas.

Fechamento: entrega de mimos as crianças participantes da pesquisa

OBJETIVO DA ATIVIDADE: compreender como as crianças se veem e conhecem a história de Mazagão Velho, através de estímulos visuais, como: (imagens da vila de Mazagão Velho, imagens do Centro e dos instrumentos de percussão, imagens das manifestações culturais e espaços culturais na comunidade de Mazagão Velho.

1. A partir da contação de história, falem um pouco sobre a cultura, a história de Mazagão Velho. Vocês conhecem a história de Mazagão Velho?
2. A partir de imagens aérea da Vila de Mazagão Velho, do fotografo (Gabriel Penha), perguntar: o que diz essa imagem? E o que ela representa para vocês?

3. A partir das imagens dos [instrumentos de percussão] já fez alguma oficina no centro? Conta o que você aprendeu?
4. Apresentar imagens das oficinas e perguntar: na escola qual dessas atividades já estudaram?
5. Sobre a dança de marabaixo, relatem para nós o que aprenderam com quem e onde? O que vocês já aprenderam sobre o marabaixo?
6. A partir da imagem do Centro cultural Raíces e das oficinas..., por que vocês participam do grupo raíces? Qual a razão de estarem aqui nesse lugar? Tem algo a falar sobre o Centro Cultural?

APÊNDICE G - Roteiro para Entrevista com o Coordenador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

(Resolução 510/2016)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO CENTRO CULTURAL
RAÍZES DO MARABAIXO DE MZ

1. Qual é o objetivo do trabalho realizado com as crianças? Conhece história popular da comunidade? Sabe tocar algum instrumento, caixa, tambor ligado a cultura de Mazagão Velho?



2. Descreva um pouco sobre a convivência que aprendeu com os amigos ligados à cultura o que faziam na comunidade? Como eram vistos pela população?

3. Você já vivenciou ou presenciou situações de discriminação racial na infância, em casa, nos círculos sociais, por causa ou não de sua ligação com a cultura local?

4. descreva sobre as atividades realizadas no centro. Em termos detalhados, diga também qual a importância do trabalho realizado no Centro com relação à identidade racial das crianças?

5. Como o centro tem contribuído no fortalecimento da identidade negra das crianças? Que atividades são realizadas? Como dialogam com as políticas locais de cultura? Existe algum apoio por parte do governo?

6. Quais os desafios encontrados e como são vistos na comunidade, como se dão as relações com a escola local em defesa da diversidade étnica e cultural?

7. O que representa o centro cultural para a população de Mazagão?

8. Você acha que as escolas valorizam o trabalho realizado pelo Centro, quando são convidados a apresentar ou palestrar sobre os saberes culturais?

9. Sobre a Cultura de Mazagão Velho, descreva o que ela representa para você. Existe a conexão dos saberes que o Centro desenvolve com a educação nas escolas da comunidade?

10. Quais são as memórias mais marcantes da sua infância em relação à cultura de Mazagão Velho?

APÊNDICE I - Termos de Anuência da Comunidade – CCRM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE ANUÊNCIA DA COMUNIDADE/ASSOCIAÇÃO

O/A coordenador do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho /AP, local de realização da pesquisa de campo relacionada **saberes culturais e o protagonismo das crianças no centro cultural raízes do Marabaixo em Mazagão velho-AP**, desenvolvidos no(a) referido (a) Centro Cultural onde será realizada a referida pesquisa, estando de acordo com a sua execução desenvolvida em conjunto com a sua orientadora Profa. Dra. Eugenia da Luz Silva Foster.

Nesse sentido, vossa senhoria assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa, com a autorização da coleta de dados, produção de imagens, bem como a sua divulgação, que terá a finalidade, exclusivamente, científica, respeitada a preservação das identificações dos participantes da pesquisa, durante os meses de janeiro/2023 e a dezembro/2024.

Caso necessite de maiores informações sobre a presente pesquisa, solicitar para a pesquisadora Delcirene Videira da Silva, presencialmente, ou pelo telefone (96) 991147017 ou pelo e-mail: delcivideirta74@gmail.com

Declaração do(a) Coordenador do Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho,

Declaramos que o Centro Cultural Raízes do Marabaixo situado no Distrito de Mazagão Velho/AP é coparticipante da presente pesquisa acima referenciada e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados.

Distrito de Mazagão Velho/AP, 05 de janeiro de 2023.

Jose' da Conceição Videira

Assinatura do(a) coordenador do CCRM/Mazagão Velho-AP RG Nº

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a), e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

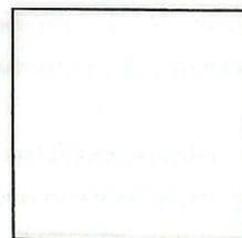
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Carlos Eduardo da Silva Freitas (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___/___/20___

Rosani Samara da Silva
Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Videira da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Carlos Eduardo da Silva Freitas aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Carlos Eduardo da Silva Freitas

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182.

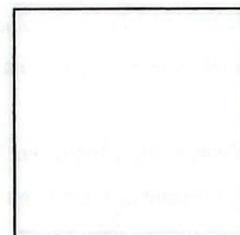
Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Luiz Fernando Filho da Silva Pinto (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___/___/20__

Celma Rosa da Silva
Assinatura do Responsável Legal



Assinatura do Pesquisador Responsável

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Luiz Fernando Filho da Silva Pinto aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Luiz Fernando Filho da Silva Pinto

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

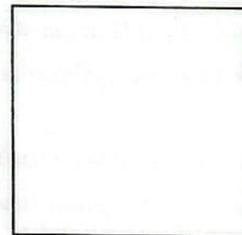
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a)
Celma Rosa da Silva / Cleuzi Cibeli da S. Pinto (nome completo do
 menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___ / ___ /20__

Celma Rosa da Silva
 Assinatura do Responsável Legal

Delcirene Vidura da Silva
 Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Leizi Cibeli da Silva Pinto aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Leizi Cibeli da Silva Pinto

Assinatura do menor

Delcírio Viduira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

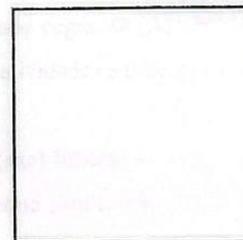
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Rosimara da Silva Nunes / Rivaldo N. Monteiro (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___/___/20___

Rosimara da Silva Nunes.
Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Videira da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Rivaldo Nunes Monteiro aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Rivaldo Nunes Monteiro

Assinatura do menor

Delcinne Tédora da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

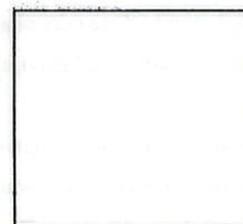
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Jacirne Nunes Videira (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___ / ___ /20__

Jacirne Nunes Videira
Assinatura do Responsável Legal

Delcirene Videira da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Eloiane Cameli N. da Silva aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Eloiane Cameli N. da Silva

Assinatura do menor

Deirine Tedeira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

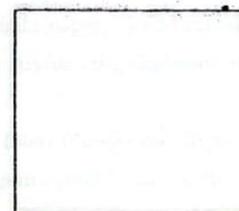
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Jasmin Luíza Silva Vidura (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ____/____/20__

Ingrid Nathália Silva e Silva
Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Vidura da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Yasmin Quiza Silva Vidira aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Yasmin Quiza Silva Vidira

Assinatura do menor

Delcivene Vidira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

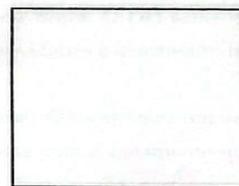
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro, que concordo que meu (minha) filho(a)
Rosiane Jorgia da Silva (nome completo do
 menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___/___/20___

Rosiane Jorgia da Silva
 Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Videira da Silva
 Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Julia Piedade da Silva Nascimento aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Julia Piedade da Silva Nascimento

Assinatura do menor

Delcivene Vieira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

109

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

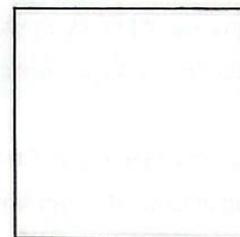
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a)
ANA CASSIA BALIEIRO DA SILVA (nome completo do
 menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___ / ___ /20__

Randiti Antônio da Silva
 Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Videira da Silva
 Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu ANA CASSIA BALIBO aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Randiel Ribeiro de Siqueira

Assinatura do menor

Debirne Videira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

109

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

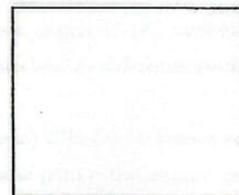
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Aíla dos Santos Monteiro (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___ / ___ /20__

Aíla dos Santos Monteiro
Assinatura do Responsável Legal

Delcirenne Videira da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Arla dos Santos Monteiro aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ____ de ____ de ____.

Arla dos Santos Monteiro _____

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

participação do seu (sua) filho(a) consiste em realizar Rodas de Conversas sobre seu envolvimento nas atividades do Centro, que consistirá nas vivências que seu filho (a) possui sobre os saberes culturais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o seu filho (a) são: Desconforto ao fazer memória de algum fato marcante; quebra de sigilo por parte do pesquisador que poderá revelar os envolvidos na pesquisa. Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Envolve a relação de confiança do participante, valorizando o diálogo para que se sinta à vontade; Valorização de sua história, linguagem, respeitando suas características individuais enquanto pessoa; viabiliza uma comunicação plena e interativa o que se configura no clima de confiança e mutualidade. Se julgar necessário, o (a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O (A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA, Celular 96 991147017. O senhor (a) também poderá entrar em contato com a Orientadora a Prof. Dr^a Eugenia da Luz da Silva Foster, pelo telefone: (96) 99112-5182. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a), e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

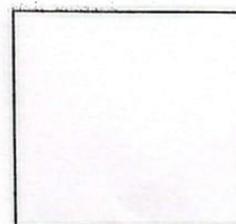
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) Jacilene Nunes Videira / Elcioara V. da Silva (nome completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa.

Macapá, ___ / ___ /20__

Jacilene Nunes Videira
Assinatura do Responsável Legal

Delcylene Videira da Silva
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu Elaiara Nunes da Silva aceito participar da pesquisa (Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho -AP)

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Macapá, ___ de ___ de _____.

Elaiara N. da Silva

Assinatura do menor

Deleirane Vidueira da Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura - Orientador (a)

senhor (a) também poderá entrar em contato com a orientadora profa. Drª Eugenia da Luz da Silva, por meio dos seguintes contatos: telefone: (96) 99112-5182, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação. Desde já agradecemos!

Eu Ademilton da Silva Melo (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho -AP".

Macapá, ____ de ____ de 20 ____.

Delcirene Videira da Silva

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Cel: (96) 991147017/ e-mail: delcivideira74@gmail.com

Ademilton da Silva Melo

Assinatura do colaborador da pesquisa

Caso o colaborador esteja impossibilitado de assinar:

Eu _____, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) paciente _____, o(a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.

Polegar direito (caso não assine).

Testemunha nº1: _____

Testemunha nº2: _____



ANEXOS

ANEXO A - Parecer de Autorização do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: SABERES CULTURAIS E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP

Pesquisador: DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 86165225.9.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.682.417

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa de mestrado intitulada Saberes Culturais e o Protagonismo das Crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP. Tem como objeto de estudo o Centro Cultural Raízes do Marabaixo e as crianças que participam das ações culturais no espaço de cultura em Mazagão Velho. Ela parte do seguinte problema chave de investigação: como as crianças se envolvem nas atividades desenvolvidas pelo Centro Cultural Raízes do Marabaixo e como isso vai reconstruindo e fortalecendo sua identidade negra? Tem como objetivo geral analisar o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da identidade negra local. O lócus de pesquisa é o Centro Cultural Raízes do Marabaixo, no distrito de

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPÁ
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP**

Continuação do Parecer: 7.682.417

Mazagão Velho que fica a cerca de 60 km de distância da cidade de Mazagão estado do Amapá e a E.M.E.F. Professora Agostinha Maria da Silva Penha, onde as crianças protagonistas participantes da pesquisa estudam. A metodologia se fundamenta no paradigma qualitativo, com método em um estudo de caso que vai nos guiar na trajetória da pesquisa, para investigar, os saberes culturais, as atividades que o Centro desenvolve com as crianças. Como instrumentos para a coleta de dados, serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante, registro fotográfico, depoimentos e rodas de conversas. O tratamento e análise dos dados, serão analisados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2015). Os participantes da pesquisa serão 13 no total, sendo 10 crianças com idades de (10/12) anos, o coordenador do Centro Cultural, senhor Jozué Videira e 02 professores da EMEF Professora Agostinha Maria, mediante a participação voluntária dos envolvidos. O estudo é relevante em abordar os saberes culturais de Mazagão Velho socializados no Centro e a visibilidade das crianças que participam das atividades promovidas no CCRM e como esses saberes dialogam com a escola, local onde as crianças participantes da pesquisa estudam. É inegável a importância desse espaço de cultura para a população negra mazaganense. Pois falar da cultura de Mazagão Velho, remete a importância da história do povo Amapaense com legado cultural de origem africana, repassado de geração em geração por meio da oralidade dos moradores, para a manutenção da identidade negra. Revela-se ainda, uma vez que a pesquisa é uma atividade fundamental para o avanço

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 7.682.417

do

conhecimento em todas as áreas do saber. Nesse sentido, a pesquisa possibilitará novas descobertas, subsidiará novos estudos e conhecimentos sobre a cultura negra amapaense.

Palavras-chave: Mazagão Velho; saberes culturais; centro cultural; Raízes do Marabaixo; educação; criança.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar, o protagonismo das crianças no Centro Cultural Raízes do Marabaixo em Mazagão Velho-AP, como forma de manter viva a história, os

saberes e fazeres culturais, assim como a promoção e manutenção da sua identidade negra.

Objetivo Secundário:

Contextualizar o processo histórico, cultural e social do Centro Cultural Raízes do Marabaixo e sua importância na visibilidade da cultura negra

amapaense regional em espaços formais e não formais de educação escolar e não escolar das crianças de Mazagão Velho-AP. Identificar que tipo

de práticas e/ou ações educativas que estão sendo realizadas no Centro Cultural Raízes do

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Marabaixo como forma de valorização e manutenção da

identidade negra das crianças do município de Mazagão Velho-AP, e Averiguar como as crianças vivenciam os saberes e experiências a respeito da

cultura negra amapaense, no sentido do fortalecimento da identidade negra

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os riscos que podem ocorrer com os participantes da pesquisa no momento da aplicação da entrevista, ou durante as observações, e nas rodas de

conversa, sentir vergonha de falar, desconforto com as filmagens ou gravador de voz e aborrecimento com a

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero

Bairro: Bairro Universidade

CEP: 68.902-280

UF: AP

Município: MACAPÁ

Telefone: (96)4009-2805

Fax: (96)4009-2804

E-mail: cep@unifap.br

Continuação do Parecer: 7.682.417

dinâmica das rodas. Garantir o sigilo em relação as suas respostas, dos entrevistados as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos, esclarecer e informar a respeito do anonimato e da possibilidade de interromper o processo quando desejar, sem danos e prejuízos à pesquisa e a si próprio. E ainda garantir explicações necessárias para responder às questões.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa devem trazer proveito direto ou indireto, imediato ou posterior, auferido pelo participante e/ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa, assegurando retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa. Evidenciar as crianças protagonistas participantes que fazem parte do grupo infantil Raízes do marabaixo Aspiramos reunir a comunidade no CCRM ou em um outro local na comunidade para socializar os resultados da pesquisa. Sobretudo, é indiscutível a importância da pesquisa científica para a comunidade acadêmica, que subsidiará novos estudos, assim como a sociedade na totalidade

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos obrigatórios foram devidamente apresentados e validados, incluindo:

Projeto de Pesquisa detalhado;

Termos de Anuência da escola e da comunidade;

TCLE para os pais ou responsáveis;

TALE corrigido e completo com informações de contato do CEP;

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade CEP: 68.902-280
UF: AP Município: MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 Fax: (96)4009-2804 E-mail: cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 7.682.417

Folha de rosto assinada pelo Departamento de Pós-Graduação;

Instrumentos de coleta;

Cronograma e orçamento.

Recomendações:

sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A análise ética dos riscos e benefícios indica que os riscos são mínimos e manejáveis, tendo sido previstas medidas claras para garantir o sigilo, o respeito à dignidade dos participantes e a liberdade de retirada sem prejuízo.

A pesquisa apresenta relevância social, acadêmica e cultural, especialmente para comunidades negras tradicionais do Amapá, reforçando práticas educativas e de valorização cultural.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2484501.pdf	30/04/2025 18:02:00		Aceito
Outros	Termo_de_Assentimento_para_Crianca_e_Adolescente.docx	30/04/2025 17:52:13	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	30/04/2025 17:23:47	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Para_os_Pais.docx	30/04/2025 17:16:55	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.docx	20/01/2025 13:35:35	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevistas_com_professor_da_escola.docx	20/01/2025 12:58:54	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_com_coordenador_Centro.docx	20/01/2025 12:53:01	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	Roteiro_Roda_de_Conversa_com_as_crianças.docx	20/01/2025 12:42:53	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero

Bairro: Bairro Universidade CEP: 68.902-280

UF: AP Município: MACAPA

Telefone: (96)4009-2805 Fax: (96)4009-2804 E-mail: cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 7.682.417

Outros	Termo_de_anuencia_da_escola.jpeg	20/01/2025 12:26:11	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	termo_anuencia_Comunidade_associacao.jpeg	20/01/2025 12:21:28	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	Termo_autorizacao_imagem_voz_som.docx	20/01/2025 12:16:00	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Outros	Perfil_Socio_historico_crianca.docx	20/01/2025 12:11:27	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	Orcamento_financeiro.docx	20/01/2025 12:03:14	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PESQUISA.docx	20/01/2025 11:47:50	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_Livre_Esclarecido.docx	20/01/2025 10:47:52	DELCIRENE VIDEIRA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 01 de Julho de 2025

Assinado por:
RAFAEL LIMA RESQUE
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Josmar Chaves Pinto, - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade CEP: 68.902-280
UF: AP Município: MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 Fax: (96)4009-2804 E-mail: cep@unifap.br